



ALEXANDRE II VISITANDO AS RELIQUIAS DE S. ZOZIME, NO CONVENTO DE SOLOVETSK

Desenho de A. de Neuville, segundo uma lythographia russa

recebeu as ordens de presbytero dadas pelo *vladika*. Dos boiardos conseguiu tambem por esta occasião a doação das ilhas de Solovetsk. Quando regressou ao mosteiro vinha revestido das dignidades de sacerdote e de prior. Auctorisado a transportar de Soroka para Solovetsk os restos de Savatie, exhumou o corpo do santo que foi encontrado perfeitamente intacto; em seguida as preciosas e incorruptiveis reliquias foram com grande pompa depositadas n'um tumulo do novo templo.

Zozime governou a comunidade, como superior, até á sua morte, por espaço de vinte e seis annos.

E' esta a origem do mosteiro.

Eu tinha mandado a Feofan, o archimandrita de Solovetsk, uma carta de Sua Santidade d'Arkangel, de maneira que, mal tinha chegado, recebia da propria bocca de frei Hilarião, religioso que bem se poderia chamar o ministro dos negocios seculares, um convite para ir ao palacio. Depois de convenientemente vestido, eu e frei João dirigimo-nos para as Portas Sagradas; pelo caminho lançamos uma vista d'olhos para os modelos do *yacht* e da fragata de Pedro o Grande, depositados n'este logar, examinamos alguns frescos antigos que adornavam os sitios por onde passavamos, subimos uma escada e encontramos-nos á porta do archimandrita Feofan.

O archimandrita de Solovetsk habita n'um palacio; recebe annualmente um ordenado de quatro mil *rublos*; e é a comunidade que

paga as despezas da sua casa, as da meza, as do seu vestuario, as dos seus barcos de passeio e as dos seus cavallos e trens. A sua cella, disposta de fórma a receber os mais quentes dos raios solares, poderia ser chamada a pequena Provença das ilhas Santas.

Emfim o seu titulo de principe, junto á alta dignidade ecclesiastica, cria-lhe uma posição que não tem igual nos poderes civis, porque elle simultaneamente reina nas almas e nos corpos.

Vestido com um habito de frade sobre o qual pendia uma cruz de saphiras, um homem pequeno, delgado, d'expressão ascetica, de cabellos annellados como os de uma mulher adiantou-se até á porta para nos receber. Era o archimandrita. Depois de ter dado a frei João a sua benção e a mim um aperto de mão, conduziu-nos a uma sala adornada com lindas gravuras e ricamente atapetada; depois fez-me sentar junto d'elle n'um sofá enquanto que os dois frades, em pé, ficavam a distancia.

O seu acolhimento foi d'uma benevolencia perfeita e, a partir d'este momento, todas as suas cousas ficaram completamente á minha disposição: barcos, carruagem, cocheiro; nada poupou para me tornar agradável a minha estada n'estes logares; e o bondoso archimandrita, com affectuosa solitudine todos os dias perguntava o que eu tinha visto e feito durante aquelle dia.

(Continúa).

COSMOGRAPHIA DOS LUSIADAS ¹

(Conclusão)

II



ENDO a estancia LXXVII, Canto x, começamos na descripção da esphera celeste, feita por Thetis a Vasco da Gama sobre o cume d'um monte.

Est. LXXVII

Não andam muito que no erguido cume
Se acharam, onde um campo se esmaltava
De esmeraldas, rubis tais, que presume
A vista, que divino chão pisava.

Aqui um globo vêm no ar, que o lume
Clarissimo por elle penetrava,
De modo que o seu centro está evidente,
Como a sua superficie claramente.

Não andam muito, e eil-os no cume do monte, sobre um tapete de relva, esmaltado ou semeado de flores, de sorte, que parecia que pisavam um chão divino.

Aqui, olhando em volta de si pelo vasto horizonte, e percorrendo com a vista o Céu vêm n'elle um globo; isto é, o Céu se lhes representa uma abóbada por todas as partes

atravessada pela clarissima luz, tornando-se bem evidente a sua superficie espherica em volta, por todos os lados, de maneira que se vê e conhece claramente ser o seu centro a terra que elles pizavam.

Est. LXXVIII

Qual a materia seja não se enxerga,
Mas enxerga-se bem que está composto
De varios orbes, que a divina verga
Compoz, e um centro a todos só tem posto.
Volvendo, ora se abaixe, agora se erga,
Nunca se ergue, ou abaixa : e um mesmo rosto
Por toda a parte tem, e em toda a parte
Começa, e acaba enfim por divina arte.

De que materia seja feita esta abobada não se conhece, nem sabe; mas o que se conhece bem é que é formada de varios órbes, ou espheras concentricas, que a divina vara, ou o divino sceptro, isto é o poder de Deus formou, pondo por unico centro a todos a terra. Volvendo esta esphera, ou girando com o movimento diurno em volta da terra, quer desça, dando a volta, quer suba e passe no Zenit, nunca se desloca, afastando-se, ou aproximando-se, perdendo a regularidade e lizura da sua superficie, mas é sempre a mesma por toda a parte, igual, á mesma altura e liza, apresentando sempre a mesma face, sem se saber aonde começa ou aonde acaba; emfim, espherica.

Est. LXXIX

Uniforme, perfeito, em si sostido,
Qual enfim o Archetypo, que o creou.
Vendo o Gama este globo, commovido
De espanto e de desejo alli ficou.
Diz-lhe a Deusa : o transumpto reduzido
Em pequeno volume aqui te dou
Do mundo aos olhos teus, para que vejas
Por onde vás, e irás, e o que desejas.

Regular, perfeito, sem estar suspenso de coisa alguma, em si mesmo sostido, digno de Deus que o creou, que, como elle, está em si mesmo.

Attentando o Gama na esphera celeste, alli ficou commovido, isto é, surprehendido de admiração e de desejo de a conhecer e comprehender. Um resumo de tudo isto, lhe diz a Deusa, aqui te vou dar, para que saibas

por onde andas e te possas guiar nas tuas viagens.

Est. LXXX

Vês aqui a grande machina do mundo,
Etherea, e elementar, que fabricada
Assim foi do saber alto, e profundo,
Que é sem principio, e meta limitada.
Quem cerca em derredor este rotundo
Globo, e sua superficie tão limada,
E' Deus : mas o que é Deus ninguem o entende,
Que a tanto o engenho humano não se estende.

Eis aqui diante de ti o mundo inteiro, parte etherea, e parte elementar, que assim foi obra d'aquelle que tudo sabe, que não teve principio nem ha-de ter fim. E' Deus quem rodêa esta esphera em volta, ou o mundo, de superficie tão liza e tão polida : mas Deus é tão grande, que a razão humana não o comprehende, por que não chega a tanto o seu entendimento.

Est. LXXXI

Este orbe que primeiro vai cercando
Os outros mais pequenos, que em si tem ;
Que está com luz tão clara radiando,
Que a vista cega, e a mente vil tambem,
Empyreo se nomeia, onde logrando
Puras almas estão d'aquelle bem
Tamanho, que elle só se entende e alcança,
De quem não ha no mundo semelhança.

Primeiro está o Céu, chamado Empyreo, o qual cerca todos os mais, que são mais pequenos, irradiando clarissima luz, que deslumbra a vista e obscurece a razão humana, aonde estão as almas puras, gozando da Bemaventurança, que se não pôde alcançar, nem conhecer, senão por aquelles, que já não tem no mundo semelhança, mas sim, por aquelles, que já estão divinizados pela presença de Deus.

Est. LXXXII

Aqui só verdadeiros gloriosos
Divos estam : por que eu, Saturno, Jano,
Jupiter, Juno, fomos fabulosos,
Fingidos de mortal, e cego engano :
Só para fazer versos deleitosos
Servimos ; e se mais o trato humano
Nos pôde dar, é só que o nome nosso
N'estas estrellas poz o engenho vosso.

Aqui n'este logar estão só os verdadeiros anjos e santos, gozando da gloria; porque eu (Thetis), Saturno, Jano etc., fomos Deuses fabulosos que a cegueira ou a ignorancia dos homens inventou e imaginou; e como taes, só servimos hoje na poesia para deleitar: e se podêmos servir ainda para alguma coisa mais, é só para dar nome ás estrellas, com alguma graça, pelos contos devidos á fantasia humana.

Est. LXXXIII

E tambem por que a santa providencia,
Que em Jupiter aqui se representa,
Por espiritos mil, que tem prudencia,
Governa o mundo todo, que sustenta.
Ensina-lo a prophetica sciencia
Em muitos dos exemplos, que apresenta:
Os que são bons, guiando favorecem;
Os maus, em quanto podem nos empecem.

Além d'isto Jupiter aqui representa a Santa Providencia, que sustenta o mundo; e o governa todo por mil espiritos prudentes, que são os anjos, como o ensinam e dizem as prophcias, ou a sciencia da Biblia em muitos exemplos, que apresenta; os anjos que são bons, guiando-nos bem, nos favorecem, em tanto que os maus nos empecem, em quanto podem.

Est. LXXXIV

Quer logo aqui a pintura que varia,
Agora deleitando, ora ensinando,
Dar-lhes nomes, que a antiga poesia
A seus Deuses já dera, fabulando;
Que os anjos de celeste companhia
Deuses o sacro verso está chamando;
Nem nega que esse nome preeminente
Tambem aos maus se dá, mas falsamente;

Por tanto a pintura, a ficção, ou a maneira poetica de fallar aqui n'esta obra, que varia, umas vezes deleitando, outras ensinando, misturando o util com o agradável, quer representar estes espiritos pelos Deuses, ou quer dar-lhes os nomes, que a antiga poesia já dera aos Deuses da mythologia ou da fabula. Assim, Baccho semelhante ao demonio, empecia, emquanto podia, os portuguezes na sua empreza; em tanto que Vénus, Marte e

Mercurio os protegiam, guiando-os bem, pela vontade de Jupiter, ou da Providencia. Porque os livros santos, ou a mesma Biblia está dando o nome de Deuses aos anjos do Ceu, ou lhes está chamando assim em diversas partes; e não nega que esse nome preeminente de Deuses, tambem aos anjos maus se dá, como ella propria dá aos demonios, mas falsamente, por que o não merecem.

Est. LXXXV

Emfim, que o summo Deus, que por segundas
Causas obra no mundo, tudo manda.
E tornando a contar-te das profundas
Obras da mão divina veneranda,
Debaixo d'este circulo, onde as mundas
Almas divinas gozam, que não anda,
Outro corre tão leve, e tão ligeiro,
Que não se enxerga; é o Mobile primeiro.

Por que, afinal, o summo Deus, que por segundas causas obra no mundo, tudo manda. Isto é, elle é o Senhor de tudo e tudo lhe está sujeito, subordinando esses espiritos e segundas causas. E tornando ao assumpto das grandiosas e venerandas obras de Deus; por baixo d'este Ceu que está firme, aonde as almas puras, já divinizadas gozam, está outro Ceu, ou outra esphera, que gira tão ligeira e rapidamente, que se não percebe; chama-se o primeiro Movel.

Est. LXXXVI

Com este rapto e grande movimento,
Vão todos os que dentro tem no seio:
Por obra d'este, o sol andando a tento,
O dia e noite faz, com curso alheio.
Debaixo d'este leve anda outro lento,
Tão lento, e subjugado a duro freio,
Que emquanto Phebo, de luz nunca escasso,
Duzentos cursos faz, dá elle um passo.

Com este rapido e grande movimento são arrastados todos os Ceus, isto é, todas as espheras que ficam dentro ou inferiores a esta; girando toda a machina celeste de oriente para occidente; de sorte que a esphera do sol, ou o sol, por meio d'este movimento, que não é seu, mas alheio, é levado tambem,

a *tento*, como por acaso, por um caminho estranho forçado, juntamente com todas as outras esferas, d'orienté para occidente em volta da terra, formando assim os dias e as noites. Debaixo d'este orbe, ou esphera, anda outro, tão lento e tão pausado, que é o Crystallino; cujo movimento é o mais vagaroso de todos; o que o poeta só quiz dar aqui a conhecer, comparando-o com o movimento do sol, por ser o mais conhecido, não por ter este periodo de duzentos annos importancia astronomica; mas para mostrar sómente que este movimento é *lento, tão lento e subjugado a duro freio*, que servindo-se o poeta do movimento da esphera do sol, para termo de comparação, podendo servir-se do movimento da de Jupiter, ou da d'outro qualquer planeta, o que não era tão natural, nem tão intelligivel, mostra a lentidão e vagar da rotação da esphera do Crystallino; dizendo que dá um passo no seu caminho, em quanto o sol anda duzentas vezes o seu. Isto é, em quanto o sol, sempre luminoso, dá duzentas voltas á terra, anda o Crystallino apenas um gráo. Este movimento é que dava logar á precessão dos equinócios, dependendo d'elle o gastar, ou levar a esphera das estrellas um dia ou um gráo por seculo dos annos do sol, em tanto que o Crystallino, por isso que é maior, por ser superior e ficar mais distante, levava mais tempo a mover-se; mais vagaroso, levava o dôbro; andando um gráo em dois seculos dos nossos, ou em duzentos annos.

Est. LXXXVII

Olha este outro debaixo, que esmaltado
De corpos lisos anda, e radiantes,
Que tambem n'elle tem curso ordenado,
E nos seus axes correm scintillantes:
Bem vês como se veste e faz ornado
Co'o largo cinto d'ouro, que estrellantes
Animaes doze traz affigurados,
Aposentos de Phebo limitados.

Olha este que se segue pela parte de baixo, o firmamento, ou o Ceu das estrellas, esmaltado de corpos *lisos*, á mesma superficie, e *radiantes*, as estrellas, guardando sempre ellas a mesma ordem no giro que faz esta esphera, na qual são levadas; em cujos *eixos*, da esphera, em logar de *eixo*, tomando *eixos*

por polos, vão girando scintillantes. Bem vês como se veste e se adorna com largo cinto, o *zodiaco*, no qual as estrellas formam as doze constellações, que se representam por figuras de animaes, que são os doze signos, ou as casas determinadas do sol; por defronte das quaes, passando elle cada anno, levando um mez na passagem por defronte de cada uma, dizemos que entra em *Aries*, em *Leo*, no *Taurus*, etc., etc.

Est. LXXXVIII

Olha por outras partes a pintura
Que as estrellas fulgentes vão fazendo:
Olha a Carreta, attenta a Cynosura,
Andromeda, e seu pai, e o Drago horrendo:
Vê de Cassiopea a formosura,
E de Oriente o gesto turbulento:
Olha o Cysne morrendo que suspira,
A Lebre, os Cães, a Nau, e a doce Lyra.

Olha por outras partes do Ceu as estrellas que formam outras constellações, tambem figuradas; olha a Carreta, ou ursa maior, repara na Cynosura, ou ursa menor, Andromeda, e Cephéo, e o Dragão.

Vê como é bella a Cassiopea; e vê o Oriente ou Orion. Olha o Cysne, que os antigos diziam que quando estava para morrer cantava docemente; olha a Lebre, os Cães, etc.

Est. LXXXIX

Debaixo d'este grande firmamento
Vês o Ceu de Saturno, Deus antigo;
Jupiter logo faz o movimento,
E Marte abaixo, bellico inimigo;
O claro olho do Ceu no quarto assento,
E Venus, que os amores traz comsigo;
Mercurio de eloquencia soberana;
Com tres rostos debaixo vai Diana.

Por baixo d'este grande firmamento ou esphera das estrellas, segue-se o Ceu ou a esphera de Saturno, Deus do tempo. Depois gira logo a de Jupiter; e abaixo d'esta a de Marte, Deus da guerra; o claro olho do Ceu ou o sol, na quarta esphera dos planetas, quer contando de Saturno, como aqui, quer contando da lua. Depois a de Venus, mãe

dos amores. Logo a de Mercurio, Deus da eloquencia. E por baixo de todas, a da lua, ou de Diana com os seus tres rostos; na mythologia, Diana na terra; Ecate no inferno; e Phebe no Ceu; e como lua ou planeta, mostrando-nos as tres phases ou rostos; de lua cheia, quarto crescente e quarto minguate; não fallando da lua nova, por esta se não vêr n'essa syzygia, e não nos apresentar face alguma. Todas estas esferas com os seus movimentos independentes, ou proprios, de occidente para oriente, aos quaes são devidas as suas revoluções.

Est. LXL

Em todos estes orbes diferente
Curso verás, n'uns grave, e n'outros leve:
Ora fogem do centro longamente,
Ora da terra estam caminho breve;
Bem como quiz o Padre Omnipotente,
Que o fogo fez, e o ar, o vento e a neve;
Os quaes verás que jazem mais a dentro,
E tem co'o mar a terra por seu centro!

Em todas estas esferas verás cursos ou movimentos differentes; n'uns mais vagaroso, n'outro mais apressado, conforme distam mais ou menos do centro. Umaz vezes se alongam da terra, como fugindo do centro para longe; outras vezes se aproximam d'ella.

Aqui o poeta para de nada se esquecer na descripção d'este systema, refere-se aos excentricos das esferas dos planetas: como querendo dizer, que umas vezes chegam ao seu Apogeo e outras vezes ao seu Perigeo.

Para explicar a maior e a menor distancia a que os Planetas se acham da terra, durante a sua revolução foi necessario n'este systema, na esfera de cada planeta imaginar uma parte de menor espessura, como cavada, distando mais da terra, e por isso, uma parte excentrica; aonde, em um pequeno circulo, chamado epiciculo, girava cada um dos planetas em tempos differentes, em quanto o centro do epiciculo fazia a sua revolução em torno d'um ponto no excentrico. Ainda que, por este meio, se explicam os Apogeos e Perigeos, Retrogradações e Direcções dos planetas, não deixa de ser este systema muito complicado e confuso.

E continúa o poeta: — bem como aprouve a Deus, que fez o fogo, o ar, o vento e a neve, — para se não esquecer tambem dos quatro elementos conhecidos, e dos phenomenos atmosphericos, para assim fallar e dar uma ideia de tudo n'esta descripção; que ficam mais abaixo, ou tem logar mais dentro; isto é, a neve e o vento tem logar na atmosphaera, bem como outros phenomenos, dependentes do fogo e do ar, que ficam por baixo da esfera da lua, e que tem por seu centro o globo terrestre, formado pela terra firme juntamente com o mar. Apresentando assim os quatro elementos, e nomeando os phenomenos mais vulgares da atmosphaera.

Est. LXXI

N'este centro, pousada dos humanos
Que não sómente ousados se contentam
De soffrerem da terra firme os damnos,
Mas inda o mar instabil experimentam
Verás as varias partes, que os insanos
Mares dividem, onde se aposentam
Varias nações, que mandam varios reis.
Varios costumes seus, e varias leis.

N'este centro, aonde vivem os homens, os quaes atrevidos, não se contentam sómente de soffrerem os damnos dos continentes em que habitam, mas ainda experimentam, navegando o instavel e inconstante mar; verás as varias partes, que os mares perigosos dividem, aonde ficam varias nações, governadas por varios reis, com varias leis e varios costumes.

Continúa o poeta na descripção da superficie da terra, tendo concluido a descripção da esfera celeste na estancia LXL.

Por isso, ficarei por aqui, e apenas direi, que sinto não haver uma edição portugueza, que, a par das largas margens e magnificas gravuras, aceios materiaes, semelhantes aos galões d'uma nobre farda, que podem tornar vistoso o corpo, mas nada dizem do espirito, não seja enriquecida tambem de notas instructivas e explicativas, em relação com os conhecimento actuaes, que venham adornar o espirito do grande poeta, mostrando o seu saber, o seu genio e as bellezas poeticas, que, com tanta profusão, soube espalhar.

AUGUSTO LUSO DA SILVA.



VISTA DE S. LUIZ — Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia

CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA ¹

(Continuado do n.º 1)

SE a Inglaterra deu, mais do que nenhuma outra nação, um grande desenvolvimento á escravatura, tambem remiu estes excessos sendo a primeira a condemnar este vergonhoso commercio. No principio do seculo desenove o congresso de Vienna deu-lhe ensejo a chamar a attenção da diplomacia europeia para esta questão, á qual as altas

partes contractantes testemunharam a sua repulsão, obrigando-se mutuamente a abolir a escravatura em todas as suas possessões. O tratado de Vienna foi o ponto de partida para a cruzada contra a escravatura do qual humanitario movimento nós vamos descrever as phases.

O commercio colonial que sensivelmente tinha esmorecido durante a guerra, depois da paz de 1815 tornou a reanimar-se. A escravatura, excitada pelò alto preço porque os pretos eram cotados nos mercados coloniaes, ria-se das disposições repressivas e a exportação dos negros em breve passou além de duzentos mil individuos, numero que attingira em 1792.

A França viu-se obrigada a augmentar a severidade das leis contra a escravatura que

¹ Nestes apontamentos das viagens do vice-almirante Fleuriot de Langle, com referencia a Portugal, ha muitas e grandes inexactidões que nós refutaremos n'um artigo ou n'uma serie d'artigos, logo que a publicação dos *Cruzeiros na costa d'Africa* se concluir e, não o fazemos já, acompanhando o texto com notas elucidativas, por que, tendo ellas de ser muito extensas, occupariam um espaço de que não podemos dispôr.

em 1825 foi classificada de crime igual ao de pirataria. Desde 1815 a Inglaterra sustentava nas costas da Africa um cruzeiro. A França, a fim de se oppôr aos abusos que, debaixo da sua bandeira, poderiam ter lugar, foi levada a proceder d'egual fórma. A actividade desenvolvida pelos cruzadores não conseguiu reprimir a escravatura; por mil arditos processos os navios negreirós escapavam aos cruzeiros. A velocidade d'estes barcos era tal que, panno ao vento, desafiavam os navios de guerra mais veleiros e quando eram surpreendidos em calmaria ou ancorados zombavam dos captos, ora içando bandeiras que lhes não pertenciam, ora mostrando documentos falsos de que sempre estavam abundantemente providos. A Inglaterra julgou que o unico meio de obstar a estes processos desleaes era o propôr aos seus alliados um tratado pelo qual fosse facultado aos cruzadores o direito reciproco de verificar a identidade da bandeira nos navios encontrados nas paragens frequentadas pelos negreiros. Esta proposta, acceite pela França, deu lugar á convenção de 1832 e 1833. Hespanha, Portugal e o Brazil não quizeram assignar a convenção que reputaram contraria aos seus interesses. Firme no seu proposito a Inglaterra comprou á corôa d'Hespanha o que não pôde obter de boa vontade; para provar a Portugal e ao Brazil que tinha direito, de que usou e abusou, para visitar os seus navios, bastou-lhe folhear os archivos diplomaticos. Commissões mixtas foram creadas em diferentes pontos das costas d'Africa para julgar da validade das prezas feitas pelos cruzadores inglezes. O almirantado de Serra Leôa parecia estar em sessão permanente; o numero prodigioso de sentenças com que este tribunal condemnou os navios negreiros hespanhoes, portuguezes e brazileiros não obrigou os negociantes d'escravos a renunciar ao trafico que os obstaculos tornavam mais rendoso. O preço dos negros duplicára nas colonias; o commercio francez depressa se cançou de estar sujeito ás visitas dos cruzadores inglezes que, grande numero de vezes, não procediam como seria conveniente. As queixas por fim tomaram um tal azedume que em 1845 a França, renunciando os tratados de 1832-33 começou de novo a fazer a policia exclusiva da sua bandeira. O nenhum exito dos cruzadores convenceu a Inglaterra de que

a escravatura não terminaria sem que os escravos d'America fossem emancipados. Não recuou deante d'este sacrificio: em 1838 emancipou os escravos da Corôa ¹. A França depressa seguiu o exemplo da Inglaterra: em 1848 proclamou a liberdade dos seus escravos. Hoje unicamente existem escravos no Brazil ² e nas colonias hespanholas. Este isolamento, mais completo ainda depois de terminada a ultima guerra d'America do Norte, apenas deixa a estas potencias a escolha do meio a adoptar para emancipar os seus pretos.

O congresso de Vienna conseguira o fim a que se propozera. A escravatura hoje apenas se faz n'uma pequenissima escala. Unicamente alguns navios que se acobertam com a bandeira portugueza hoje fazem este commercio. Era facil de prever que a extincção da escravatura devia trazer a renovação da sociedade colonial. Não examinarei aqui qual tenha sido a acção da emancipação para as velhas colonias, mas os mais indifferentes podem notar que a supressão da escravatura teve benefica influencia nas populações indigenas da Africa.

No tempo da escravatura o commercio europeu limitava-se a mandar para a Africa mercadorias alli trocadas por homens. Não só os antigos mercados, fundados pelas exigencias da escravatura, se não fecharam, mas outros novos se abriram ao commercio licito.

As substancias para a tintuaria e as sementes oleaginosas estão pela Africa espalhadas em tal quantidade que são para a actividade do commercio europeu uma mina inexgotavel. A Senegambia cultiva com o maior exito a *arachide*, planta muito apropriada ao seu solo e ao seu clima. A palmeira (*elais Guineensis*) fórma florestas inexgotaveis desde Serra-Leôa até Angola; produz um fructo miudo que se agrupa em volta d'um pedunculo central em fórma de cacho, chegando muitas vezes a ter o peso de cinquenta kilogrammas; a polpa dá o azeite de palma; da noz extrae-se a stearina pura. Mais

¹ A Companhia das Indias e a Companhia d'Africa tinham estatutos que as regiam. Só foram regidas pela legislação geral ingleza quando foram agregadas á Corôa.

² O imperador do Brazil acaba de acceitar em principio a abolição da escravatura para os seus estados.

de trezentos navios encontram agora carregamento nas costas da Africa que são percorridas em todos os sentidos por tres linhas de paquetes a vapor, embandeirados com as bandeiras franceza, ingleza e portugueza.

A Africa entrou n'um novo periodo; os cruzeiros que em outros tempos unicamente faziam a policia da sua bandeira e protegiam as populações pacificas contra os piratas e negreiros, hoje unicamente teem por missão o contribuir para o desenvolvimento do commercio e da industria.

A 27 de dezembro de 1865 a *Zenobie* deixava o porto de Toulon; levava arvorado

o signal do contra-almirante visconde d'A. Fleuriot de Langle que ia tomar o commando em chefe da divisão que protege as feitorias ha 20 annos creadas pela França na costa do Ouro e do Gabão.

A *Zenobie* era uma velha fragata de cinquenta peças a que uma machina de força de 200 cavallos tinha sido adptada para dar movimento ao seu helice. Como todos os navios d'este genero, a *Zenobie* era um navio seguro para o mar; a bocca feita para aguentar uma grande quantidade de panno estava em peiores condições para receber movimento imprimido pelo helice do que do panno que



PONTE DE SOR EM S. LUIZ — Desenho de Jules Noël, segundo uma photographia

em outros tempos lhe permittira o disputar velocidade aos mais afamados veleiros.

Em todo o caso, a fragata não estava em más condições para fazer serviço n'uma costa sujeita a calmarias; combinando acertadamente a derrota, o cruzador podia prestar excellentes serviços, pois logo que a *Zenobie* apanhava vento de feição todas as suas antigas boas qualidades de novo se patenteavam.

A expedição deixou as costas da Provença por um tempo esplendido; rapidamente cingrou pelo golpho de Leão tão temido dos marinheiros durante o inverno.

As costas da Catalunha e de Valencia desapareceram ligeiras assim como os cumes agudos e escavados das Baleares. Quantas recordações não desperta ao navegante a costa meridional da Hespanha! Valencia edificada no lugar em que floresceu Sagunto a fiel. Quem pôde passar deante de Cabrera sem

estremecer? melhor é lançar um véo sobre os ossos dos nossos soldados desfeitos sobre aquelles rochedos.

A costa de Murcia já nos fica pela popa, os cabos Palos e da Gata, ultimas sentinellas avançadas da Hespanha para o lado do Oriente, abrigam o golpho d'Alicante e o porto de Cartagena.

Palos faz-nos recordar que Christovão Colombo largou d'este porto para oeste até encontrar as Antilhas.

Logo que a *Zenobie* dobrou o cabo Palos o vento do éste começou a soprar violentamente e nós podemos apreciar as qualidades nauticas da fragata que, apesar da muita carga, se portava bizarramente com o temporal.

Breve se avistou a montanha de Gibraltar, e no dia 1 de janeiro de 1866 ancoramos junto dos armazens de carvão, para substituir o combustivel consumido desde Toulon.

Recordações das colonias de Cartago, a Atlantida, a conquista da Hespanha pelos Arabes, a victoria de Fernando e de Isabel, a occupação de Gibraltar pelo leão britanico, incitam-nos a que visitemos esta terrivel praça forte.

A *Zenobie* vae em breve navegar em pleno Oceano, visitar os logares marcados por Hannon no seu *Periplo*, encontrar-se em relações com as tribus expulsas da Hespanha depois da queda de Granada e percorrer os logares habitados pela raça Africana.

Apenas acabamos de metter carvão, a *Zenobie* fez rumo para o Senegal; n'esta travessia tivemos de lutar contra um tufão que cahiu sobre as costas da Europa. Depois de ter chegado ao Senegal a *Zenobie* visitou successivamente todas as nossas feitorias; mas ficaremos aqui: não descreveremos todo o nosso itinerario.

II

Anthropologia — Caracteres phisicos dos povos africanos — Africa septentrional: Yoloffs, Foulahs Somalis, Gallas, Bambaras Sarracoles, Mandingues — Africa meridional; Souhélis, Cafres, Hottentotes, povos Herero, Bonda, Fiotes, Congo, Dahomanos, Ashantis, Croumanos — Estudos sobre a influencia que o clima e a alimentação exercem sobre a côr da pelle e o desenvolvimento do corpo dos africanos — Albinismo: cruzamento de raças.

Do estudo da raça africana deduz-se como um facto geral, que os povos, habitando o decimo sexto grau de latitude norte, teem a pelle negra e os cabellos encarapinhados, que os mais bellos typos das raças pretas se encontram entre o decimo sexto e o sexto grau de latitude norte e entre o decimo segundo e o vigesimo oitavo grau de latitude sul.

Os povos Yoloffs que vivem nas costas do Atlantido e os povos Somalis que vivem na costa d'Ajan, banhada pelo oceano Indico, teem tal semelhança na sua forma exterior que, se unicamente fossem estudados pelos seus caracteres phisicos, sem difficuldade podiam considerar-se como oriundos d'um mesmo ramo Ethyope. São os dois mais formosos especimens dos povos africanos. A pelle d'um negro azeviche tem reflexos brilhantes, indicio de que a sua derme é d'uma extrema finura. As proporções do tronco e pernas são admiraveis; o volume da cabeça é geralmente muito pequeno relativamente ao resto do cor-

po esbelto e agil; algumas tribus tornam a cabeça, que está ligada ao tronco por um pescoço flexivel e elegante, mais volumosa, deixando crescer a carapinha; a musculatura do tronco é magnificamente desenhada; a espinha dorsal ligeiramente arqueada, a coxa arredondada, o joelho pequeno. Os negros do norte seriam d'uma grande perfeição se uma perna secca, apoiando-se n'um pé chato mais disforme ainda pelo desenvolvimento do calcaneo, não os affeiasse.

Os Foulahs que vivem na mesma zona que os Yoloffs não podem ser classificados como ethyopes. Se unicamente se attendesse aos traços da physionomia e á conformação do corpo, apesar da carapinha, podia-se dizer estarem mais proximos das raças semíticas do que das raças africanas. Além d'isto a côr do Foulah varia entre a côr de bronze florentino e o negro mais carregado. Elles reputam-se brancos; a estatura é regular; teem a fronte bem desenvolvida; o nariz aquilino, a bocca grande, os incisivos proeminentes; os seus membros são perfeitamente bem modelados.

Uma differença profunda separa a mulher Foulah da mulher preta; a primeira tem a glandula mamaria perfeitamente esferica, em quanto que as pretas a tem em forma de pera.

Os altos platós d'Abyssinia e de Madagascar, as montanhas Ghates na costa de Malabar, são habitadas por individuos da raça amarella á qual os Foulahs podem pertencer.

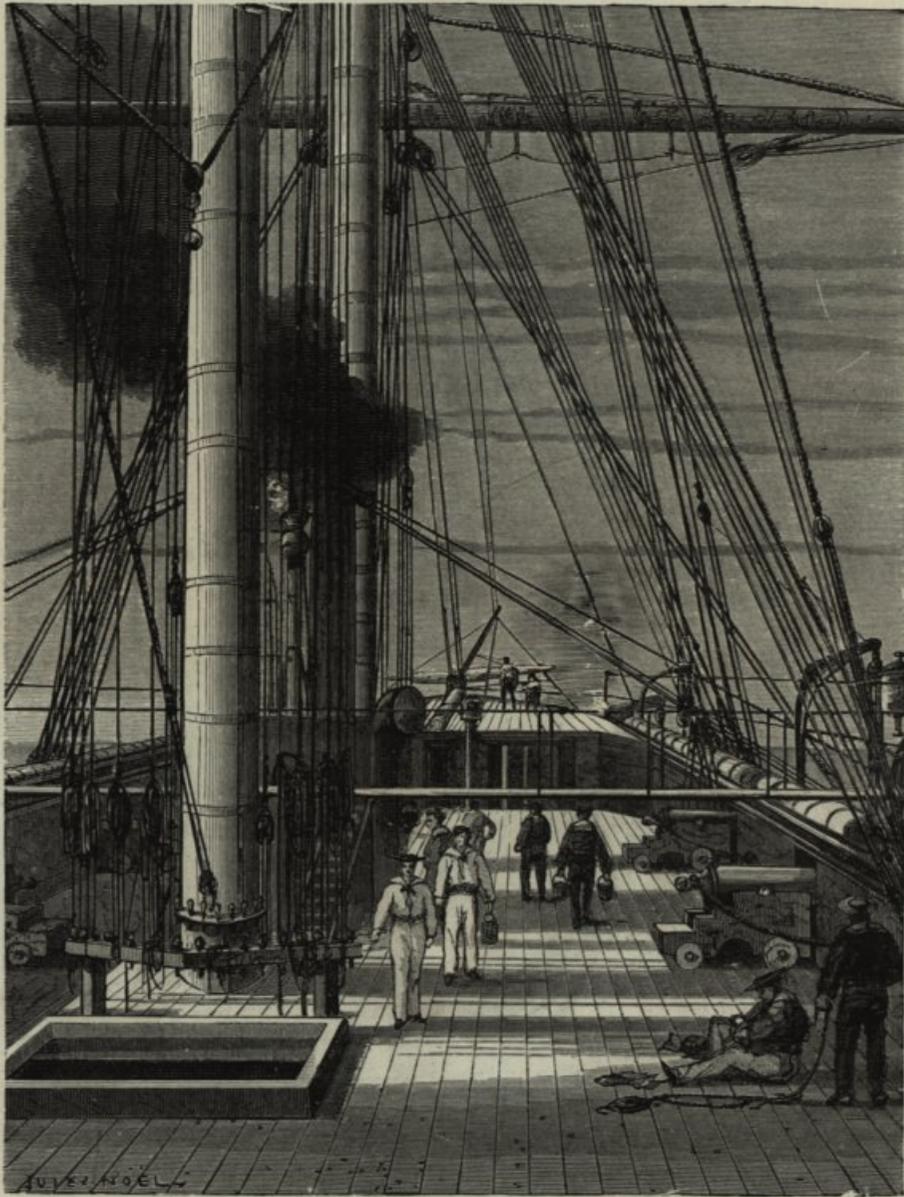
Os Bambaras e os Sarracoles, que vivem em pontos oppostos áquelles em que habitam os Yoloffs e os Foulahs, são geralmente muito pretos: os Bambaras teem as espaldas altas, o pescoço mais curto, o esqueleto mais forte que quaesquer outros pertencentes ás raças ethyopes; posto que oriundos do mesmo ramo os Mandingues são mais esbeltos que os Bambaras propriamente ditos.

Os povos do Saudan, que habitam o platô central e que se interpoem entre as tribus orientaes e as occidentaes, offerecem uma grande variedade de typos, tendo a pelle, em geral, accentuadamente preta. Os Gallas que habitam a costa oriental d'Africa teem uma grande relação physica com os Foulahs. Mais adiante veremos que os caracteristicos grammaticaes das linguas falladas pelos povos orientaes e occidentaes destroem as conse-

quencias que se podessem tirar dos caracteres physicos. Os povos orientaes, Somalis e Gallas fallam linguas de suffixa declinavel, enquanto que os Yoloffs e os Foulahs fallam linguas de prefixa indeclinavel.

Um estudo mais profundo fará talvez com que, nas raizes d'estas linguas, se descubra um parentesco que as suas fórmas grammaticas actualmente repellem.

Os povos Souhélis que habitam a costa



A COBERTA DA «ZENOBIE». — Desenho de Jules Noël, segundo uma photographia

oriental d'Africa, desde o Zanzibar até ao paiz dos Cafres, apresentam diversos typos que variam em côr, desde o negro até ao bronze.

Os povos que habitam a Cafraria são formosos e valentes; geralmente a pelle é acobreada e com reflexos brilhantes. N'estas tribus as emigrações são frequentes. Os povos, que habitam os valles da Africa meridio-

nal, são como os Balothas, pretos retintos, e quando as emigrações levam os Cafres a estas paragens, a sua côr clara mescla-se com a côr carregada dos aborígenes. Livingstone reconhecia os Macololos á primeira vista.

Depois dos Cafres surprehende o encontrar-se um povo de pelle excessivamente escura, como os Hottentotes, estabelecido no

territorio que limita a Africa. Os Hottentotes, que vivem desde o vigesimo oitavo grau até ao trigesimo terceiro, estão muito longe de poderem ser equiparados em belleza ás outras raças negras; a estrutura é grosseira e

a pelle grossa e sem brilho; a luz incidente não produz os esplendidos reflexos que assemelham o corpo das raças negras ás estatuas de bronze recentemente fundidas. Os tons acinzentados da pelle dos Hottentotes



«SPAHI» DO SENEGAL — Desenho de Emile Bayard, segundo uma photographia

podem ser produzidos pela porcaria tradicional d'estas tribus, ou pelo abaixamento de temperatura do meio em que vivem. Os Boschismen, que, como os Hottentotes, fallam linguas de suffixa, são claros. Os Chimbébas são d'uma côr avermelhada, que faz lembrar os Cafres; como estes, fallam uma lingua de prefixa. Depois de passar além do cabo Ne-

gro encontram-se povos, habitando as altas montanhas do districto de Benguela, que teem uma côr escura carregada; tambem como os Hottentotes, teem a pelle espessa e sem brilho, o que talvez seja devido á baixa temperatura d'aquellas montanhas, o que elles supportam facilmente, posto que andem nus.

Os povos que habitam as provincias por-

tuguezas de Benguela, de S. Paulo, de Loanda e do Congo estão longe de possuírem a belleza dos Yoloffs e dos Cafres; a sua estatura é mediana, a pelle é amarellada e sem brilho; os individuos dos dous sexos teem linhas pouco elegantes: em vez de ser oval a fórma da cabeça, é redonda; o pescoço curto; as espaduas muito grossas; os labios, muitas vezes pendentes; o cheiro que se lhes exhala do corpo, fétido. Os escravos d'estas raças nunca eram escolhidos para criados; dedicavam-nos exclusivamente aos trabalhos da agricultura.

As raças de côr castanha clara com tendencias para côr avermelhada vão sendo mais raras, desde S. Paulo de Loanda até ao Niger. Os povos que vivem desde o Gabão até á embocadura do Niger teem o esqueleto mais elegante que os povos que fallam as linguas bundas.

O typo vaee sendo mais perfeito logo que se contorna o golfo de Guiné, e em Lagos, no Nago, encontra-se um typo atletico d'umas proporções admiravelmente correctas. Os povos que vivem na costa do Ouro são geralmente sujeitos a um grande desenvolvimento de tecido gorduroso. O Ashanti e os povos que habitam os pantanos d'Abyssina e os do Grande Bassam teem uma formosa cabeça e muitas vezes o nariz aquilino; teem barba e usam-n'a comprida; muitas vezes, fazem tranças no bigode e na barba; a estatura é alta, elegante e o porte magestoso. Os Croumanos teem a pelle d'um negro d'ebano; as fórmas são atleticas sem serem pesadas, a musculatura bem desenhada, os braços, as pernas, os pés e as mãos bem modeladas. Como todas as raças negras teem a cabeça pequena o que os assemelha ao Hercules Farnesio. Desde Sherboro, ultimo limite das raças croumanas, até ao Senegal, encontra-se o caracter geral das raças *mandingues e foulahs*. A Africa central apresenta-se-nos como um vasto planalto por todos os lados rodeado de altas montanhas, cujas bases, que se estendem a uma centena de leguas da costa formam entre si um immenso valle central.

Esta disposição phisica permite-nos o dividir este continente em grandes zonas. Fazendo passar duas linhas pelas montanhas que limitam as costas e uma terceira pelo grande valle central, tiraremos outras linhas transversaes pelo equador e pelos tropicos

que cortarão as outras em angulos variaveis; teremos assim uma serie de quadrilateros que estarão referidos ao equador e aos meridianos, o que nos permite o localisar as côres dos povos africanos.

Grupos d'individuos com mui diversas côres habitam n'este vasto continente. No oeste, os Yoloffs, os Bamboras e os Sarracoteles, que são de côr negra, alimentam-se como os Foulahs, que teem a côr amarella, com o leite dos seus rebanhos a que misturam o milho; a partir da Serra Leôa as raizes da mandioca e os fructos das bananeiras juntas ao milho variam a alimentação. No hemispherio do norte as côres vão sendo successivamente mais carregadas, á maneira que os povos se aproximam do Oceano. Até Benguela a alimentação ainda é a mesma, mas a partir d'aqui até ao Cabo da Boa Esperança, o uso dos lacticinios e das carnes junta-se ao dos productos d'agricultura; as primeiras tribus são amarelladas, as outras são d'um preto carregado.

No hemispherio do sul as côres vão-se tornando mais escuras á maneira que as tribus se affastam do Oceano e do equador. Na costa oriental ha os Somalis e os Gallas que se alimentam dos productos dos seus rebanhos e d'arroz; uns teem a pelle negra, os outros uma côr menos escura; em seguida vêem-se os Souhélis que são d'um negro retinto, encontrarem nas raizes da mandioca e nos fructos das bananeiras a base da sua alimentação; na costa oriental as côres apresentam-se mais escuras todas as vezes que nos aproximamos do Oceano. Caminhando para o sul as raizes e os fructos das bananeiras são substituidos pelo milho miudo, pelo milho e pelo trigo, e, n'estas regiões, encontra-se o Cafre avermelhado e o Hottentote d'um negro bem pronunciado, sujeito ás mesmas influencias exteriores e ao mesmo regimen d'alimentos.

Resumindo, os povos que habitam ao longo das costas, a este ou a oeste das duas zonas maritimas, teem a côr mais carregada que os que habitam as partes oppostas e interiores, orientaes ou occidentaes, d'estas zonas; os que vivem ao longo da linha que passam pelo valle central são muito pretos.

(Continúa).

PELO MUNDO

EUROPA

Os jornaes do nosso paiz, segundo a sua côr politica e o seu temperamento, discutiram as intenções do actual ministro da marinha, relativas á negociação de um emprestimo de cinco mil contos com exclusiva applicação ás nossas provincias ultramarinas. E esta discussão foi tanto mais extraordinaria, que era nos jornaes que apoiam os collegas do sr. visconde de S. Januario que se adivinhava uma certa má vontade contra a tentativa do illustre ministro.

E' natural que profundas razões motivassem este dissentir d'opinões; é certo, ou pelo menos devia sê-lo, que os collegas do ministro da marinha devem ter a respeito das nossas colonias planos d'administração cuidadosamente meditados, maduramente estudados; mas maravilha que n'esses planos, sem duvida excellentes, se possa prescindir das avultadas quantias de dinheiro que assentam linhas ferreas, abrem canaes e emfim todas essas vias por onde o progresso caminha rapido e sem as quaes não dá um passo.

No louvavel empenho de deixar de si boa memoria o sr. visconde de S. Januario tem mandado estudar por diversas commissões assumptos que intimamente interessam as nossas colonias; o ministro, querendo para as provincias d'além mar clero instruido e moralisado, que seja lá um clemente de vida e não de desorganisação, mandou que uma commissão d'homens, sobre todos os pontos competentissimos, estudasse e resolvesse sobre a maneira de mais bem organizar o Seminario do Bom Jardim: todavia para os planos do ministro, que nós applaudimos, não lhe parece isso o bastante. A intelligencia do ministro evidentemente clara, a muita pratica, e o conhecimento, por ter visto, dos males que amofinam as nossas colonias julgou indispensavel para as melhorar gastar uma quantia importante em melhoramentos publicos.

Nós tambem achamos que um bom padre é sempre uma cousa apreciavel, exactamente como o são todas as cousas boas, que a dedicacão evangelisadora de homens despidos de todo o egoismo e unicamente inspirados no bem do seu semelhante deve ser em Africa, como em toda a parte, um elemento forte de civilisação; mas, sem que n'isto vá a minima offensa a uma classe que por vezes prestou grandes serviços á constituição de diversas sociedades, julgamos d'effeito mais rapido e mais seguro a cathese por meio da locomotiva do que pelas praticas religiosas. E, francamente o dizemos, apesar do preço excessivo das machinas a vapor, apresenta-se-nos como muito mais facil para o governo portuguez adquirir uma boa locomotiva, do que um padre missionario que a regiões doentias vá levar palavras da sua religião e bases para a organisação solida de uma sociedade florescente.

Se o trabalho regenera, os caminhos de ferro na Africa, as vias fluviaes, as communicacões de toda a ordem com certeza muito mais depressa incitarão as tribus indigenas a esse labutar que nobilita e dá ao mais rude noções da sua individualidade, e a consciencia da sua missão, do que uma comunidade inteira com os seus apolojos e os seus symbolos incompreensíveis para cerebros tão rudimentares.

Não queremos affirmar, e necessario é que isso bem claro fique, que uma religião seja inutil para o desenvolvim ento progressivo d'uma raça ou de qualquer povo; mas queremos patentejar que se os nossos governos, como medida d'administração nas nossas colonias, se limitarem simplesmente a exportar para lá padres bons e maus, que os ha tanto d'uns como d'outros, as nossas possessões ultramarinas poderão produzir muitos meninos de côro, mas muitissimo pouco café.

Que o sr. visconde de S. Januario siga desassombadamente a iniciativa dada a obras publicas no ultramar pelo sr. Andrade Corvo, que mande para lá mais engenheiros do que padres, mais theodolitos do que breviarios e verá o seu nome vinculado ás paginas da historia portugueza.

— A sociedade de geographia de Lisboa está-se occupando d'um assumpto verdadeiramente importante para as nossas colonias. Estudam-se a insalubridade africana e os meios a empregar para debellar aquellas mortíferas causas.

Estes trabalhos encarregados a uma commissão competentissima de clinicos que tem passado demorados annos n'aquellas regiões devem forçosamente dar resultados importantes e muito proveitosos para o melhoramento das condições de salubridade, inconveniente tambem gravissimo que se oppõe ao florescimento das nossas possessões.

— Reuniu na noute do dia 17 a commissão central de geographia, sob a presidencia do sr. dr. Barbosa du Bocage, e compareceram os snrs. conselheiro Tavares de Macedo, Figanieri, Oliveira Chamiço, F. Pedroso, Carlos Testa, Capello, Ivens, Pequito e Cordeiro, para approvar os projectos de que o sr. ministro da marinha e ultramar a encarregara com urgencia. Ficaram definitivamente approvados os que se referiam aos congressos geographicos e ao plano de explorações em Africa. O sr. ministro mostra todo o empenho de fazer partir no proximo anno duas expedições, pelo menos, habilitar o illustre explorador Anchieta a alargar na direcção do Bihé os seus bellos estudos e encetar o estabelecimento dos postos de exploração e protecção que a sociedade de geographia propoz.

O projecto do curso colonial será tambem proximoamente approvado, e tanto este como os anteriores se ligam ao empenho do sr. visconde de S. Januario de que Portugal occupe no moderno movimento geographico um lugar que pelos seus proprios interesses economicos e politicos não pôde ser dos ultimos. Ninguém ignora hoje os graves interesses que se envolvem n'esse movimento e nos impõem uma grande concentração de esforços.

— Trata-se de organizar na nossa praça uma empresa para construir linhas telegraphicas na Africa portugueza, especialmente na provincia de Moçambique. Parece que em breve será apresentada ao governo uma proposta para tal fim.

AFRICA

O arcebispo d'Alger escreveu a 16 de novembro aos membros dos conselhos centraes da instituição *Oeuvre de la Propagation de la Foi* o seguinte:

«Acabamos de receber excellentes noticias da Africa equatorial.

«Na vespera da paschoa do Espirito Santo os catechumens adultos foram solememente baptisados em Ouganda. O rei M'tesa continua dispensando aos nossos missionarios ainda maior benevolencia do que até aqui, visto que foi felizmente curado pelo reverendo Lourdel.

«Em Tanganika a missão continuava em socego o seu apostolado. Ainda até hoje não soffreu da parte de qualquer a menor perseguição: mas as enfermidades infelizmente tem continuado a fazer victimas. O reverendo Ganachaud da diocese de Nantes e frei Eugenio da diocese de Cabors succumbiram em resultado dos perigosos incommodos de uma tão longa viagem.

«A *S. Congrégation de la Propagande* confiou-nos ultimamente duas novas missões estabelecidas entre os grandes lagos e o Oceano Atlantico. Designar-se-hão o provicariato do Alto-Congo septentrional e o provicariato do Alto-Congo meridional. O centro do primeiro será sobre o proprio rio do Congo ou Zaire no ponto mais avançado do norte d'este rio. O segundo terá por capital Kabébé, nos estados de Mautaxamuo. Com os dous provicariatos já estabelecidos no Nyanza e no Tanganika as nossas missões d'ora ávante occuparão a maior parte do interior da Africa equatorial. E' pelo Oceano Atlantico e subindo o rio Zaire, como o acaba de fazer Stanley, que os missionarios do Alto-Congo septentrional devem dirigir-se áquelle ponto. Os do Alto-Congo meridional devem fazer viagem pelo lago Tanganika.

AMERICA

O sr. Seluyn, director geral das explorações geologicas no Canadá, regressou a Montreal, depois de ter inspecionado os districtos do noroeste da colonia. Os productos mineraes da região foram o objecto da sua esculpologica attenção; operaram-se numerosas perfurações até 275 pés e descobriu-se um jasido de carvão mineral de seis pés d'espessura que promette ser d'um riquissimo valor.

Lisboa 22 de dezembro de 1880.

A. L.



UM FRADE PHOTOGRAPHO, NO CONVENTO DE SOLOVETSK — Desenho de A. Neuville, segundo uma photographia

A RUSSIA LIVRE

(Continuado do numero antecedente)

X

ORAÇÕES E TRABALHO

SE nas ilhas Santas muitas horas são consagradas ás rezas mais ainda são dadas ao trabalho.

Frade algum passa uma vida ociosa. Não só os noviços, mas até os professos que teem por encargo abençoar os peregrinos, applicam a sua actividade á producção d'objectos

uteis, ornamentações para a egreja, moveis para o refeitório e para as cellas. Alguns fabricam cousas que são vendidas fóra do convento: pão, roupas, rosarios e productos de cutelaria.

Em volta da cêrca ha officinas em que o ruido do trabalho se ouve desde o amanhecer até nouté fechada: forjas, estaleiros, tecelagem, cordoaria, sapateiros, alfaiates, fabrico de queijos e de manteiga, fabricas de cerveja etc., emfim todas as industrias uteis alli estão reunidas em que os frades empregam muitos processos dos mais aperfei-

çoados da industria moderna. Mestres nos seus officios tem tanto gosto e genio inventivo, que não ha um unico objecto que elles não possam produzir, desde a conta de vidro



UTENSILIOS FEITOS EM SOLOVETSK — Desenho de B. Bonnafoux, segundo um esboço de M. H. Dixon

até aos navios de grande lotação. Padeiro algum cose pão mais branco, nenhum cervejeiro fabrica cerveja mais saborosa. Acompanhando frei Hilarião eu cahia de surpresa



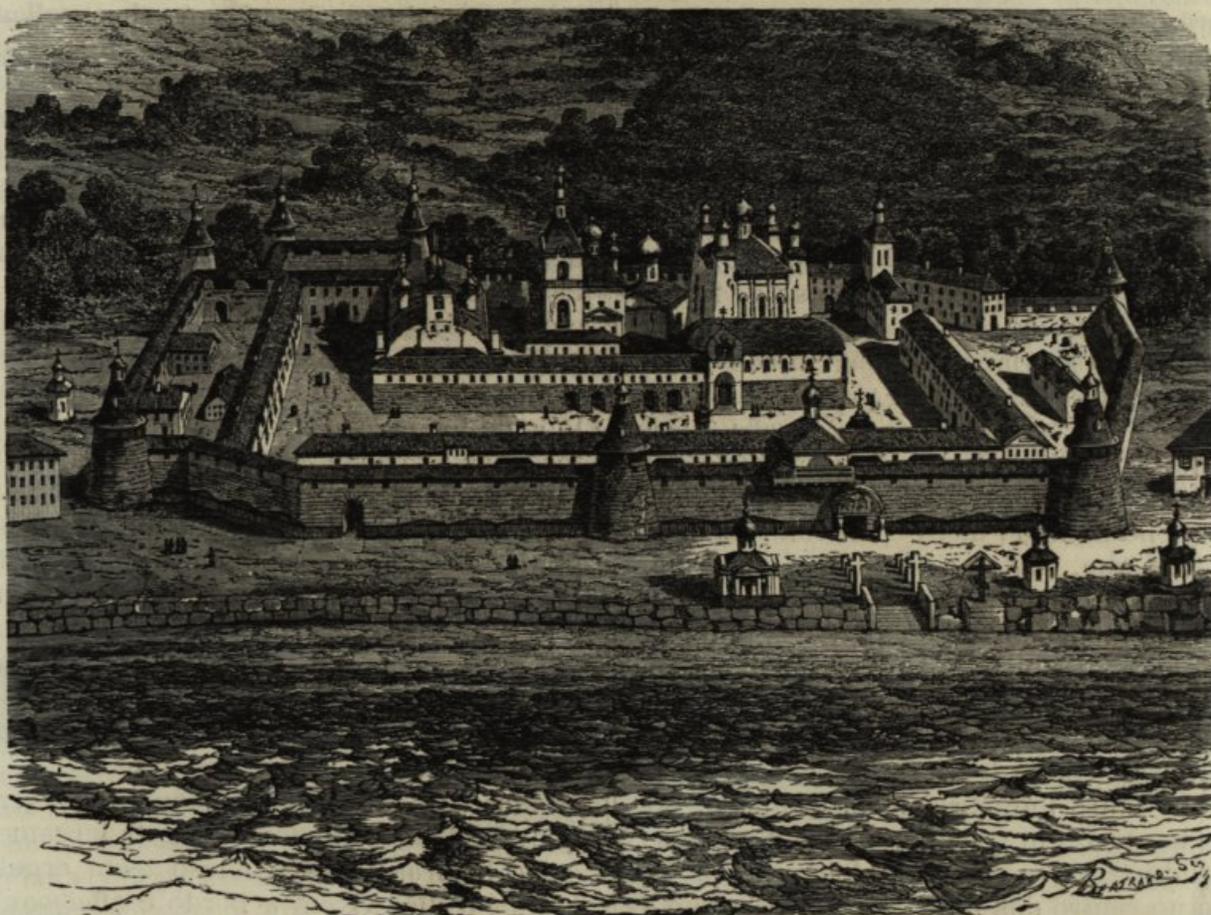
UTENSILIOS FEITOS NO CONVENTO DE SOLOVETSK — Desenho de B. Bonnafoux, segundo um esboço de M. H. Dixon

em surpresa. O que via parecia-me um sonho; não podia comprehender que aquelles productos tão bellos, tão variados fossem obra de frades desterrados n'uma ilha solitaria e

separados do mundo exterior durante oito mezes do anno por tempestades de neve e pelos desertos de gêlo que tornam qualquer comunicação impossivel.

Estes frades fazem capuzes e cintos de pelle de phoca; pintam a oleo e são esculptores; curtem coiros e fazem meias de lã; sabem fiar, polir pedra, talhar sapatos e polainas, fabricam pratos d'estanho; fazem con-

servas de fructa, sabem construir carros e trenós, coser tijollo; arrancam e desbastam as grandes arvores das suas florestas, fazem flôres de papel; da casca dos pinheiros fazem cestos e açafates elegantes, extrahem das pedreiras e talham enormes massas de pedra, traçam plantas para altares, egréjas, conventos, purificam a cêra das abelhas; fabricam cordas e cabos; forjam ancoras; emfim, fazem



VISTA GERAL DO CONVENTO DE SOLOVETSK — Desenho de E. Thérond, segundo uma lithographia russa

meia, cozem, e empregam a agulha em todas as artes uteis e decorativas; tudo o que sae das suas officinas é um modelo de cuidados, d'applicação e de trabalho consciencioso.

Muitos frades dedicam-se á agricultura; criam gados, tosquam carneiros, engordam aves, batem a manteiga e fabricam queijo. Outros cultivam batatas, talham a relva caprichosamente, conservam fructos, olham zelosamente pelos enxames das suas abelhas. O mel do monte Alexandre é puro e aromatico; a cêra branca e fina.

Começaremos pela padaria que bem merece a honra de ser o primeiro estabelecimento visitado. De todos os logares da costa vem barcos aqui buscar pão; uns compram-n'o, outros pedem-n'o por esmolla; todo o peregrino que vem a Solovetsk, quando parte, leva um enorme pão que lhe é dado de presente. Ha duas classes de pão, negro e branco. O primeiro, que é muito barato, é usado nas comidas; o segundo, bento e cosido sem fermento, custa caro; não se lhe deve tocar senão com o pensamento em Deus. Ambos são

excellentemente fabricados. Os pães consagrados pesam sete ou oito onças e teem uma cruz rodeada d'uma inscripção em caracteres slavos. A gente piedosa tem-os em grande veneração e todo aquelle que visita um mosteiro como Solovetsk, S. Jorge, ou Troitsa, não poderá levar aos seus parentes ou amigos uma lembrança mais preciosa da sua peregrinação.

A cervejaria não é menos completa do que a padaria. O *kwass*, uma especie de cerveja, é para o Russo a sua bebida favorita, é por assim dizer uma bebida nacional; todas as classes a usam, bebe-se a todos os repastos. A de Solovetsk é das mais afamadas.

Perto d'estes estabelecimentos estão as officinas, onde se fabricam os pratos e as colheres. As necessidades são bastante limitadas n'estas solidões do Norte; poucos garfos alli se vêem e nunca se fez uso de facas. O instrumento, que mais emprego tem, é a colher. E isto será facilmente acreditado desde que dissermos que a maior parte dos manjares, sopa de couves, *purée* de cevada, picados de bacalhau salgado, são servidos n'um estado de papas. A travessa larga e profunda é posta no meio da meza e em volta estão os convivas que, á vez, tiram uma colherada. Travessas e colheres tudo é de madeira esculpida a mais das vezes e pintadas tambem algumas com muito gosto e habilidade; as mais bonitas são destinadas á venda e compradas pelos peregrinos que as levam como recordação d'estes logares.

Uma outra industria, irmã d'aquella, occupa tambem um grande numero d'artistas: é a industria dos cestos. A loiça que se fabrica no centro das florestas do Norte tem o triplo inconveniente de ser grosseira, pesada e muito cara. Além d'isto, nas grandes viagens, a que são obrigados estes povos, o peso de tres ou quatro d'estes utensilios seria um serio embaraço. Com a casca das arvores fazem-se uma especie de cestos mais leves de que se fossem feitos de cortiça, mais portateis que os vasos d'estanho; são fechados por meio d'uma tampa e teem uma aza que facilita o transportal-os. Posto que fabricados de madeira perfeitamente secca, conservam um aroma de resina suave e agradável. O encastrado é tão apertado que chegam a ser impremeaveis e pôdem conter liquidos. Fazem-se de todos os tamanhos e por alguns

kopekes compra-se uma duzia. Os cestos maiores e mais grosseiramente fabricados servem para transportar mercadorias pelos caminhos difficeis. São divididos em compartimentos; uma especie dos cestos em que os nossos negociantes de vinho fazem transportar as garrafas.

Entre o grande numero de pequenas officinas que visitamos fixei especialmente a attenção na de tecelagem, situada n'uma das torres do muro que cerca o convento; merece especial menção, não só pela excellencia dos productos que fabrica, mas tambem pelo papel que desempenhou na defeza de Solovetsk contra a esquadra ingleza. A descarga que repelliu o *Brisk* foi, dizem, disparada d'este ponto.

A um canto bem allumiado da muralha descobre-se o *atelier* de photographia mostrando-nos a sua encantadora fachada; ao pé, em edificios de construcção recente, estão os gabinetes em que trabalham os pintores e os esmaltadores. Da photographia sahem trabalhos de todos os generos: paysagens e retratos, mas as bellas artes debaixo d'estes tectos sagrados teem quasi unicamente manifestações religiosas; um grande numero d'estes pintores são apenas copistas e os mais talentosos são apenas mediocres. Esta região, não é rica em obras d'arte; as poucas que possuem pertencem á severa escola byzantina que o patriarcha Nikon tanto amava e que elle impunha aos architectos encarregados de construir conventos, egrejas, tumulos.

Mas os bons frades pensam, e com razão, que a sua industria naval resgata largamente estas ligeiras faltas e n'isso teem orgulho. Muitos d'elles vivem a bordo e affeiçoam-se á agua salgada, como o filho ao leite materno. Possuem uma grande quantidade de barcos de todas as lotações e de todos os generos; os seus arsenaes estão bem guarnecidos, teem redes de todas as especies. As suas costas estão illuminadas com pharoes, e os pontos perigosos marcados com boias. Elles mesmos são os guardas dos seus pharoes. Constroem escunas e brigues e já deram a prova mais evidente que os estaleiros de Solovetsk pôdem construir um vapor; desde o prégo mais pequeno até ao mastro grande, exceptuando todavia a machina, tudo o mais foi fabricado na ilha Santa.

Este navio chama-se a *Esperança*.

Como já dissemos no convento de Solovetsk é raro que um frade limite a sua actividade aos seus deveres sacerdotaes. Aqui o trabalho é um dos característicos da vida religiosa. Se um dos frades mostra disposições para uma arte ou para uma industria qualquer o incitamento dos seus collegas e dos seus superiores animam-n'o a seguir a sua vocação a dedicar o producto do seu trabalho á gloria de Deus. E por isso é que uns são lavradores, outros pintores e ainda outros pescadores; este é medico, aquelle copia manuscritos e aquell'outro é encadernador.

De todas estas profissões a de professor é a mais desejada. Todas as creanças que queiram fazer a sua educação em Solovetsk aqui se pódem demorar um anno e mais. As aulas são pouco agasalhadas, a instrucção é elementar; as escólas são o reflexo do estado pouco adiantado do paiz: o refeitório e dormitório não teem mais conforto do que a cabana d'um aldeão. A instrucção a ninguém é recusada, mas se um alumno desejar ficar no convento mais d'um anno, é neces-

sario que elle se comprometta a ficar como trabalhador nas granjas, ou como pescador. No verão compartilha d'alimentação dos frades; pão, peixe e *kuvas*; no inverno dão-lhe uma ração de carneiro salgado, manjar prohibido aos monjes. Muitos d'estes educandos ficam alli toda a sua vida, adstrictos ao celibato como os frades, mas contentes por terem o pão certo para todos os seus dias, por ficarem isentos do serviço militar e livres dos cuidados da familia. Alguns contraem votos. Se voltam ao viver do mundo profano, devido ao seu passado, teem sempre quasi a certeza d'encontrar logares bem remunerados; mas mesmo no peor dos casos trazem sempre do convento conhecimentos que os habilitam a ganhar a sua vida. Um homem que esteve no convento de Solovetsk sabe perfeitamente pescar, cultivar o solo, remendar as suas botas; emfim, um sem numero de cousas que o põem ao abrigo da miseria.

(Continúa).

ASCENSÕES NOS ALPES

(Continuado do n.º 2)

A NOITE acampamos muito acima do limite arborizado e tivemos o trabalho d'acarretar para o nosso novo abrigo, muito menos agasalhado do que o antigo, a lenha que nos era necessaria. Para nos podermos instalar a coberto d'este novo penedo foi mister desempedir-lhe a entrada d'um enorme pedregulho que nos incommodava: era uma pedra teimosa, mas por fim resolveu mecher-se; ao principio lentamente, em seguida mais depressa e por fim, ganhando balanço, precipitou-se vertiginosamente e todas as vezes que batia nos rochedos despedia feixes de faiscas que brilhavam sinistramente por entre aquelles abysmos cheios de trevas. Quando voltavamos para o nosso abrigo, depois de ter assistido a este curioso espectáculo, Reynaud perguntou-nos se nunca tinhamos visto uma torrente incandescente. Segundo elle, na primavera, o Durance, quando o derretimento das neves o faz ir cheio, arrasta na sua corrente impetuosa tantos pedregulhos que em

Bessée, onde passa apertado n'uma estreita garganta, não se vê a agua, mas unicamente penedos que, rolando uns por sobre outros, produzem uma tal quantidade de faiscas que a torrente parece incendiada.

«Passamos uma noite alegre que nenhum incidente perturbou; o tempo estava admiravelmente bello; deitados de costas gosamos um repouso delicioso, contemplando o céu formosissimo com os seus milhões d'estrelas.

«Macdonald contou-nos as diversas peripécias da sua viagem. Caminhára dia e noite durante alguns dias para vir ter connosco; mas não pudera encontrar o nosso primeiro acampamento e tinha passado a noite a algumas centenas de metros de nós, abrigado por um outro rochedo collocado mais alto na montanha. No dia seguinte pela manhã avistou-nos escalando uma aresta a uma grande altura por cima d'elle; mas como lhe era impossivel ir ter connosco, resignou-se com a sua sorte e seguiu-nos com a vista até

desapparecer-mos contorneando um contraforte.

«A respiração sonora dos nossos companheiros, já profundamente adormecidos, era a unica cousa a perturbar o imponente socego da noute. Era um d'esses silencios que impressionam. — Não ouviste nada? Escuta! Que ruido é este por cima de nós? Enganar-me-hia eu? Mas ainda ouço e d'esta vez mais distinctamente; cada vez se aproxima mais... é um rochedo despenhando-se das alturas que nos dominam. Que terrivel estrondo. Pomezemos-nos a pé n'um instante. Desce como uma furia terrivel. Que força o poderia deter n'esta carreira? Pula, salta, vò, quebra-se d'encontro a outros penedos; ruge na queda. Já passaria? Não! elle ahi vem... suspendemos a respiração no momento em que impellido por uma força irresistivel, com explosões semelhantes ás descargas d'uma poderosa artilheria, cahe por baixo do nosso abrigo como um raio seguido dos eccos roucos d'um trovão longiquo. Acabou e nós respiramos mais livremente ao ouvir o barulho final da sua queda na geleira.

«Voltamos a deitarmos-nos, mas estavamos muito excitados para podermos dormir. A's quatro horas e um quarto cada um de nós afivelava aos hombros a mochila e punhamos-nos a caminho.

«D'esta vez combinamos a subir inclinando-nos sempre para o lado direito, afim de chegar-mos ao plató sem perder tempo atravessando a geleira. Descreyer esta parte d'ascenção seria repetir o que já dissemos. Subimos rapidamente durante hora e meia, andando algumas vezes, mas trepando quasi sempre e por fim convencendo-nos de que era preciso atravessar a geleira. A parte pela qual entramos n'este enorme deposito de gèlo era uma aspero e rapido declive. Tivemos mais difficuldades em entrar, do que em atravessar a geleira; mas graças ás cordas podemos chegar ao outro lado sem accidente. Para lá os interminaveis contra-fortes succederam-se novamente. Continuamos a subir durante longas horas, muitas vezes enganando-nos e sendo obrigados em muitos pontos a voltar para traz.

«Atraz de nós a cordilheira abaixava-se, pouco a pouco desde ha muito, e a nossa vista, galgando por cima, ia fixar-se no magestoso Viso. Comtudo o tempo passava, as horas

succediam-se rapidamente e a monotonia era constante. Ao meio dia paramos para almoçar contemplando com satisfação o bello espectáculo que se desdobrava ante nós; á excepção do Viso, todos os cumes que descobriamos estavam-nos inferiores e a vista abraçava uma area immensa, — um verdadeiro oceano de vertices e de neves. Todavia os bastiões da nossa montanha continuavam a dominar-nos e, segundo as opiniões de todos sem excepção, não veriamos n'aquelle mesmo dia o cume do Pelvoux. O velho Sémiond tornara-se para nós todos um verdadeiro pezadèlo; se por acaso um de nós parava para se orientar não se esquecia de dizer com um sorriso alvar: «Não se atemorizem, sigam-me.» Por fim chegamos a uma subida horriavelmente ingreme, um montão de destroços sem appoio algum solido. Reynaud e Macdonald, declarando-se fatigados, fallaram em installar-se alli para dormirem. Descobrimos comtudo uma passagem e já me não lembra quem exclamou: «Olhem para o Viso!» Com effeito apparecia-nos quasi abaixo de nós. Puzemo-nos então a trepar com duplicada energia e finalmente avistamos a geleira no sitio em que trahbordava para fóra do plató. Este espectáculo reanimou-nos as esperanças que não foram ludibriadas; um grito simultaneo d'alegria saudou a apparição das neves por tanto tempo desejadas. Estavamos apenas separados por uma larga fenda, mas encontramos uma ponte e ligando-nos, uns atraz dos outros, percorremol-a com toda a segurança. Emquanto que a atravessamos em linha recta um formoso pico, todo coberto de neve, se nos apresentou. O velho Sémiond exclamou:

«A pyramide! Vejo a pyramide!»

— Onde Sémiond, onde?

— Alli, no vertice d'aquelle pico.

«Com effeito lá erguia-se a pyramide que elle trinta annos antes ajudára a erigir. Mas onde estava o pico Arcines que nós deviamos vêr? De nenhum lado o podiamos avistar. Apenas viamos uma vasta toalha de gèlo limitada por tres vertices inferiores. Um pouco desanimados, dirigiamos-nos para a pyramide, lastimando o não haver outro vertice a conquistar; mas apenas tinhamos dado duzentos passos, á nossa esquerda erguera-se um soberbo cone branco, até então escondido por uma parede de gèlo. «O pico Ar-



UM PERIGO NA «POINTE DES ECRINS» — Desenho de A. Neuville, segundo uma photographia de M. Whymper

cines!» exclamamos nós perguntando a Sé-
miond se sabia que alguém tivesse subido
aquelle vertice. Elle unicamente sabia que o
pico que se erguia diante de nós se chamava
a pyramide, por causa do *cairn* que elle tinha
ajudado, etc., etc., e depois d'isso mais nin-
guem subira até alli. «Então tudo corre bem;
direita volver!» exclamei eu, e immediata-
mente voltamos, dirigindo-nos para o lado do
cone, enquanto que o pobre velho fazia tim-
idos esforços para nos arrastar para a sua
querida pyramide. A curta distancia fomos
obrigados a parar por causa da aresta que unia
os dois cumes e que tomava a fórma corre-
cta d'uma voluta. Bem contra vontade fomos
obrigados a bater em retirada. Sé-
miond que era o ultimo aproveitou-se d'esta occasião
para se desligar da corda e recusar-se a ir
mais longe; corremos, dizia elle, muitos pe-
rigos; e fallava vagamente de fendas. Depois
de o tornarmos a atar continuamos a andar.
A neve era molle; enterravamos-nos até ao
joelho quasi sempre e muitas vezes até á cin-
tura, mas um puxão de diante, ou de traz,
restituia-nos a liberdade d'acção. Chegamos
assim junto do mais elevado dos vertices.
Parecendo-nos mais facil d'escalar a aresta
da esquerda, do que aquella junto de que es-
tavamos, descrevemos uma curva para ir até
ella. Alguns rochedos erguiam-se acima da
neve cincoenta metros inferiores ao vertice.
Escalamos o cone de rastos, deixando ficar
o velho Sé-
miond que dizia ter medo. Quando
o deixamos não pude resistir á tentação de
me voltar para elle e fazer-lhe signal que
viesses comnosco, accrescentando: «Não ten-
has medo, segue-me», mas o velho não me
respondeu e não quiz aventurar-se até ao ver-
tice. Os rochedos estavam ligados por uma te-
nue aresta de gèlo, por cima da qual era neces-
sario passar, tendo d'um lado o plató e do ou-
tro um precipicio quasi vertical. Macdonald
abriu pontos d'apoio no gèlo e ás duas ho-
ras menos um quarto apertavamos a mão
no cume mais alto do grande Pelvoux ven-
cido.

«O tempo continuava a ser tão favoravel
como o podiamos desejar. Perto e longe er-
guiam-se para o céo innumerables picos sem que
uma unica nuvem encobrisse o mais insigni-
ficante detalhe. Primeiro as nossas attentões
foram attrahidas pelo rei dos Alpes, o Monte-
Branco a mais de setenta milhas de distan-

cia e, mais distante ainda pelo grupo do
Monte-Rosa. Para o éste longas filas de ver-
tices desconhecidos se descobriam uma após
outra n'um esplendor ideal; successivamen-
te uns menos accentuados do que os ou-
tros conservavam comtudo a nitidez das fór-
mas; mas a vista nos ultimos extremos con-
fundia o céo com as montanhas e ellas no ex-
tremo horizonte transformavam-se aos nos-
sos olhos n'uma massa azulada. O Monte-Viso
erguia-se ante nós com toda a sua grandeza,
mas como apenas distava de nós quarenta
milhas, viamos por cima dos seus contra-for-
tes desdobrar-se uma massa nebulosa que
devia ser as planuras do Piemonte. Ao sul
um nevoeiro azul parecia indicar-nos a exis-
tencia longinqua do Mediterraneo; para o oes-
te a nossa vista passava além das montanhas
do Auvergne. O panorama que tinhamos dian-
te de nós estendia-se por mais de cem mi-
lhas em todas as direcções. Não foi sem
pezar que conseguimos desprender a atten-
ção dos pontos mais afastados para a fixar
n'aquelles que mais proximos estavam. O
Monte-Dauphin estava perfeitamente visivel;
mas tivemos alguma difficuldade em desco-
brir Bessée; nenhuma outra habitação huma-
na se podia avistar; tudo eram penedias,
neve e gèlo. Posto que antecipadamente sou-
bessemos que os campos de neve do Dau-
phiné eram muito grandes, a sua extensão ex-
cedeu tudo quanto a nossa imaginação phan-
tasiara.

«Immediatamente ao sul de Château-Quey-
ras, quasi entre nós e o Viso, um bello grupo
de montanhas de grande altura se ostentava
um pouco mais para o sul, um vertice des-
conhecido parecia-nos ainda mais elevado e
estavamos surprehendidos por ter desco-
berto perto de nós, uma outra montanha
que não era aquella cujo vertice pisavamos.
Era esta pelo menos a minha opinião; Mac-
donald não julgava esta montanha tão alta
como a Pelvoux, e Reynaud julgava serem as
duas da mesma altura.

«Esta montanha distava de nós apenas
duas milhas e um abysmo medonho nos se-
parava. Do outro lado do abysmo erguia-se
um grande pico de flancos eguaes a mura-
lhas, muito escarpados para que as neves
lhe podessem adherir, negro como a noute,
erriçado d'arestas vivas e terminado por um
vertice agudissimo. Não tendo nós ainda per-

corrido aquelles lados ignoravamos completamente que montanha seria. Era nossa opinião que La Berardé se encontrava no fundo do abysmo que se abria aos nossos pés; mas

na realidade só estava para além da outra montanha. ¹

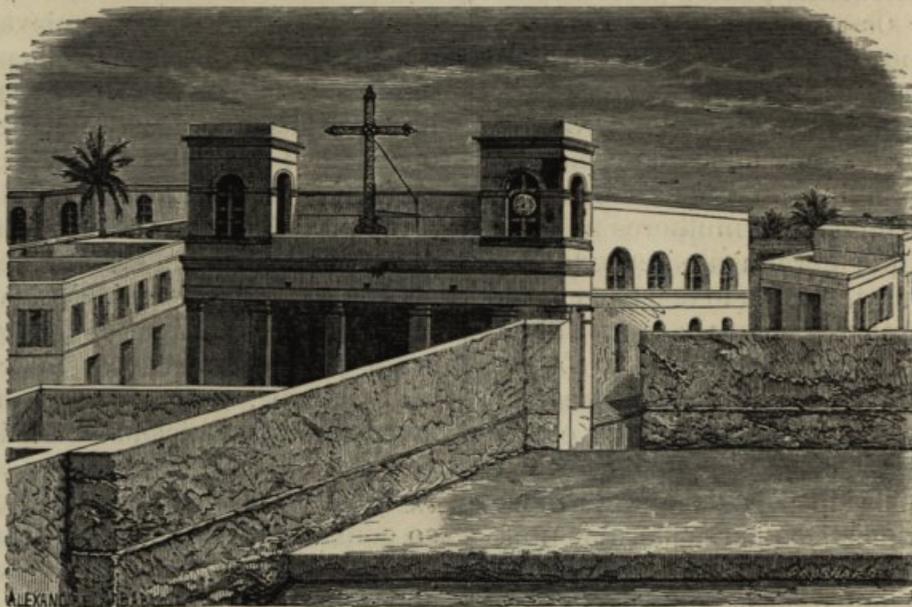
(Continúa).

CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(Continuado do numero antecedente)

Os povos situados dos dous lados dos tropicos de Cancer e Capricornio téem a côr mais escura, do que aquelles que vivem no equador: os povos africanos podem por-

tanto dividir-se em tres grandes grupos correspondentes ao equador e aos dous tropicos; os primeiros téem nos gados que criam e nos cereaes que cultivam a base da sua alimentação; entre os outros, que quasi exclusi-



CATHEDRAL DE S. LUIZ — Desenho de A. Bar, segundo uma photographia

vamente se alimentam de vegetaes, os gados são raros e a anthropophagia é a lei commum.

Esta variedade de côres por nós assim estudada dá-nos o direito d'affirmar que unicamente o calor não pôde satisfatoriamente explicar a côr da pelle do Africano e que é preciso acceitar este phenomeno como um facto a que o estado actual da sciencia não pôde ainda dar uma explicação.

A alimentação parece desempenhar um certo papel no desenvolvimento do corpo, apesar de que entre os povos que se alimentam de raizes ha os Croumanos e os Nagos que são mais desenvolvidos que os povos

pastores. A altitude parece influir pouco na côr. Depois de um exame tão pouco conclusivo é necessario procurar outras causas que expliquem a differença no pigmento. O albinismo e o crusamento das raças parecem nos resolver melhor o problema do descora-

¹ Este monte é o ponto culminante do grupo, e os mappas francezes dão-lhe o nome de *Pointe des Ecrins*. Avista-se do Valle Christophe e d'esta direcção esconde completamente o Monte Pelvoux. Mas do outro lado — isto é, de Bessée ou de Vallouise — é o Pelvoux que completamente o occulta.

Ignorando que este nome lhe ia ser dado, pozemos ao vertice o nome de *Pointe des Arcines* ou *des Ecrins*, d'acordo com as tradições locais.

mento da pelle, do que a influencia do clima e da alimentação.

O albinismo vê-se frequentemente em Africa, todavia este phenomeno repete-se mais nas regiões equatoriaes do que nas tropicaes; os albinos são filhos de paes perfeitamente negros, sem que a physiologia possa dar a razão d'este facto, tanto mais notavel que o albinismo não altera a fórma geral das feições nem a do corpo. A côr do olho modifica-se comtudo: nos albinos a iris é frequentemente azul, teem as celhas, sobranceiras e os cabellos louros e muitas vezes avermelhados; em alguns d'estes individuos a pelle é dura, escamosa, n'outros tão fina e transparente como a nossa; uma irmã do rei Bonni poderia perfeitamente passar por uma senhora europeia. Os productos dos albinos e das mulheres negras geralmente teem uma côr clara; a raça parece persistente. Este facto pôde talvez dar a razão do pouco carregada que é a côr dos africanos que vivem no equador, onde o albinismo é mais vulgar.

Os europeus unidos ás mulheres negras dão productos que geralmente reproduzem as fórmas das mães, herdando dos paes a côr da pelle. O contrario acontece com os filhos do Arabe ou Berbère e de pretas: a côr da pelle d'este producto é muito mais carregada do que a dos productos dos europeus e das mesmas mães. A cabeça e as mais fórmas do corpo são mais do pae, do que da mãe. A união d'estes mestiços parece formar uma raça, em quanto que se tem observado nas costas da Africa, que os casamentos dos mestiços, de que o europeu seja o pae, dão resultados em que os defeitos corporaes dos conjuges apparecem exagerados. Para que a raça se aperfeiçoe parece necessario que passadas algumas gerações haja uma nova fecundação feita por um individuo das raças primitivas.

III

Estudos sobre o Sahara — Costas do Sahara — Clima do Sahara; população, religião, organização — Tribus sedentarias, nomadas — Geographia — Pescarias, barcos das Canarias — Cabo Bojador — Penha-Grande, Rio do Ouro, cabo Branco, Arguin — Precauções a tomar para entrar em relações com as tribus nomadas.

Não entra no plano d'estas narrativas o fallar da costa de Marrocos, portanto imme-

diatamente obrigo o leitor a penetrar no Sahara.

As descripções dos naufragos que estiveram prisioneiros das tribus do Sahara e as viagens feitas por ordem dos governadores do Senegal tornaram conhecida a geographia do Sahara e os costumes dos povos que ahi vivem. Esforçar-me-hei por coordenar todas essas informações e, ligando-as ás minhas proprias observações, vou expô-las.

A costa do Sahara é formada por uma serie de dunas e de penedos que indicam a accidentação do terreno, e comtudo a costa tem pouca elevação; as terras do interior muitas vezes se avistam do mar e então apresentam-se debaixo de fórmas horisontaes a que os marinheiros deram o nome de *mezas*. Estas planuras, mediocrementemente elevadas, á medida que nos aproximamos d'ellas vão apresentando as suas fórmas reaes a ponto de que, junto d'ellas, se descobre algumas vezes que o seu nivel é inferior ao nivel do mar.

Commetter-se-hia um grande erro se dessemos á palavra deserto o sentido que a imaginação europêa habitualmente lhe liga.

Umavez as chuvas regam a parte do deserto mais proxima do Senegal, outras vezes a que está mais proxima de Marrocos, de maneira que, graças a estas alternativas, o deserto está salpicado de oasis, onde a vegetação é vigorosa.

Em janeiro de 1841 visitei Mogador. O nosso consul, M. Delaporte, retirára-se da cidade por causa dos maus tratos que tinham dado a um algeriano. Fui alli recebido pelo consul inglez o sr. Wilschire. Na sua companhia fui a algumas milhas para o interior. Uma arvore de sementes oleoginosas estava já quasi coberta de folhas. Os indigenas prepararam-nos tijellas de leite; as suas bellas cabeças traziam á lembrança as dos apóstolos.

As populações do Sahara, conhecidas debaixo do nome generico de Mouros, cuja raiz é *Mogreb*, pertencem a tres troncos principaes: Arabes, Berbères e Tamacheks ou Touareks. Os Berbères pertencem á familia de Zenaga, e os Arabes á de Beni-Hassam. N'uma epocha que sem duvida, não vae mais adiante do que o decimo quinto seculo, as tribus arabes, expulsas da Hespanha, foram repellidas para o deserto e trataram como conquistadores os Berbères.

Os Arabes e Berbères professam o isla-

mismo. A leitura do alcorão, a obrigação de fallar em lingua arabe aos chefes fez cahir em desuso a lingua berbére, que deixou vestigios inapagaveis na geographia do deserto, onde todas as raizes dos nomes de logares são berbéres.

As tribus do Sahara téem uma organisação oligarchica. Os cheïks são muitas vezes xerifes, isto é, pretendem descender de Mahomet. Algumas tribus téem chefes hereditarios, outras elegem-nos. Cada grande tribu goza d'autonomia completa e fórma as allianças que conveem aos seus interesses; não é mesmo raro vêr uma tribu descontente ir submitter-se á auctoridade d'um cheïk, que mais lhe convem para chefe.

Cada tribu compõe-se de principes, de nobres, de marabutos ou lettrados, de tributarios, de libertos e de escravos; os xerifes apenas conservam o seu character religioso: depois da sua morte a sepultura é coberta de pedras brancas.

Os costumes e a religião determinam que, nas épocas notaveis para a vida da familia, taes como o casamento e a morte dos filhos do senhor, aos escravos se dê alforria; desde então o escravo entra na classe dos libertos e torna-se guerreiro; nas expedições de guerra marcha á frente da tribu.

A desconfiança e a inveja conservam entre as tribus uma inimizade constante; a ambição pessoal, as vinganças particulares frequentemente dão logar a assassinatos nas familias aristocratas.

A intolerancia religiosa, o fanatismo que os marabutos alimentam nas tribus tornam as relações com os indigenas muito difficeis, e os Europeus não podem visitar estas regiões sem se exporem a grandes fadigas e a perigosas affrontas.

As tribus do Sahara dividem-se em dois grandes grupos: as nomadas e as sedentarias. As sedentarias pertencem quasi todas á classe dos marabutos.

Não é raro vêr os guerreiros depôr a espada para abraçar o mister de sacerdote. Estes guerreiros religiosos tomam então o nome de tyab. Geralmente os marabutos não são guerreiros e estão expostos á pilhagem das tribus aguerridas. Alguns d'estes repellam esses ataques e mostram muita coragem. As tribus nomadas apascentam os seus rebanhos nas pastagens pertencentes á tribu;

os escravos colhem a gomme, de que se servem para em troca receberem o milho miudo que, com os lacticinios, fórma a base da alimentação d'estes povos. N'algumas partes do deserto colhe-se um balanco chamado *sbat*, de que o grão é comestivel.

As tribus dos marabutos e dos sedentarios, que vivem nas cidades e nas aldeias, agriculturam alguns campos e cultivam as palmeiras.

O Sahara fornece ao commercio lã, pennas d'abestruz, gomme e sal. As marinhas que produzem este sal teem o nome de *sebkha*. A *sebkha* mais afamada existe ao norte d'Adrar e chama-se Isil.

O sal d'Isil vae para Tichit; d'ahi transportam-no para Tomboucton, d'onde se espalha pelo interior da Africa.

O *cheïk* Beyrouck, chefe de Oued Noun, pertence á familia berbére dos Toukessa, que passa por possuir os mais numerosos rebanhos da provincia. Posto que realmente independente de Marrocos, o Oued Noun, por causa das caravanas que manda para o Soudan, paga ao imperador pezados impostos. Beyrouck quiz libertar o seu paiz d'este tributo, entrando em relações com os francezes, a quem propôz o deixar-lhes edificar feitorias nas suas costas. Em virtude d'isto alguns navios foram encarregados de estudar a questão. Os officiaes nomeados para este serviço exploraram as embocaduras dos rios do Oued Noun e do Oued Draa, que tinham sido apontadas pelo *cheïk*. Reconheceram os officiaes que os taes rios eram apenas umas insignificantes correntes que secavam no verão, que a costa não tinha abrigos e que os cachopos, que a guarneciam, eram tão perigosos, que se tornavam um obstaculo invencivel para o desenvolvimento do commercio marítimo. As propostas de Beyrouck foram recusadas e este, sempre no intento de não pagar ao imperador de Marrocos os direitos de passagem pelo seu territorio e os direitos nas alfandegas ainda tentou, mas infructivamente, enviar por terra ao Senegal as suas caravanas.

Estas tentativas, ainda que sem resultado provam que, quando a nossa influencia estiver bem estabelecida sobre as tribus que separam o Oued Noun das nossas feitorias, o commercio d'esta região será feito com e Senegal.

Não será sem interesse o fazer um rapido exame das provincias que separam o imperio de Marrocos do Senegal, pois que as suas populações já se ressentem da nossa visinhança e não será muito tardiamente que ellas serão forçadas a receber de nós o impulso que as faça entrar n'um periodo mais adiantado de civilisação.

A região d'El Gada, situada ao sul de Oued Noun, está em frente de Lancerote. Os Arountins e os Ouled Tidarins, que habitam El Gada, criam muito gado lanigero, bovino e cavallar. Ragg, região estéril, está a este do cabo Bojador; immediatamente a Ragg segue-se Tiris; os Ouled Seba e os Ouled Tidarins teem aqui duas feitorias; os productos dos seus rebanhos são tambem a sua principal riqueza; as lãs dos seus gados encontram-se nos mercados de Marrocos e do Senegal. Os navios das Canarias, que frequentam as costas do Sahara no tempo de pesca, fazem algumas trocas com as tribus, mas este commercio é pouco importante. Tiris, situado a este do cabo Barbas e do cabo Branco, é occupado por os Ouled Delim. Esta tribu, pertencente aos Hassan, é uma das mais importantes do deserto que ella percorre em todos os sentidos, desde o mar até Assouad; recebe de Oualata, um dos principaes pontos d'escala para o commercio que se faz entre Marrocos e o Soudan, um avultado tributo.

A região d'Agnatir, situada a este da bahia Arguin, é acidentada por collinas d'areia. Os camellos não podem atravessar os profundos barrancos que separam estas collinas; cuja elevação é de quinze a trinta metros. Estes valles, durante a estação chuvosa, cobrem-se de hervas; o terreno é assim ondulado até ao cabo Branco. O solo de Tiris é formado de rochedos graniticos; a cordilheira d'Adrar é composta de collinas d'uma altura de trinta e cinco a quarenta metros.

Adrar é uma provincia montanhosa, situada a sessenta leguas a este do cabo Branco; é governada por Ould Aïda, cheick dos Yaya ben Othman; os Kontah teem feitorias na provincia d'Adrar. Os Lontah são marabutos e exercem uma grande influencia em todo o Sahara; Ahmed el Backay, cheick de Tomboucton, pertence aos Kontah Hadji Omar o propheta negro, que tanto agitou o alto Senegal nos ultimos tempos, foi combatido pelos Kontah, reunidos com os Foulah do Ma-

sina, e morreu sitiando Handon Allah. O Tagant é uma provincia, que está a este d'Adrar; os Kontah possuem alguns estabelecimentos em Tagant. Adrar e Tagant teem algumas cidades, das quaes as mais notaveis são: Chinguete, Atar, Ouadan; os Portuguezes fundaram em Adrar uma cidade, de que ainda hoje se vêem as ruinas.

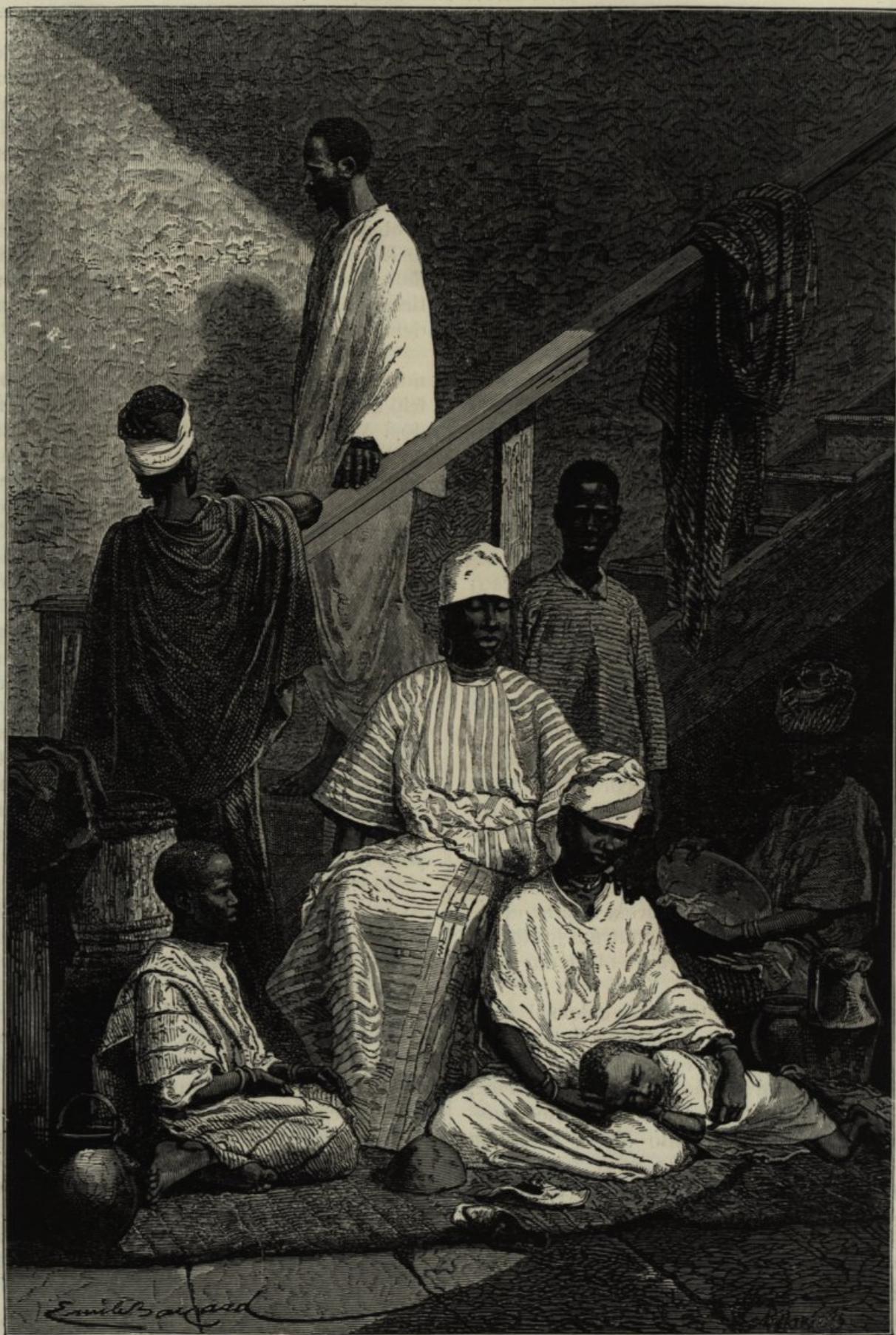
As tribus sedentarias d'Adrar e de Tagant são de marabutos; cultivam a palmeira n'uma grande escalla. Os marabutos são geralmente muito fanaticos e olham mal os christãos; empregam todos os esforços para que os *cheicks* não façam allianças com os europeus.

A cidade de Ouadan foi quasi completamente destruida durante as guerras travadas entre os Koutah e os Tagant; os Darmankou, marabutos que vivem no meio dos Brackna, são originarios de Ouadan.

Ao norte e ao oeste das montanhas d'Adrar, que formam uma barreira natural que separa o Sahara do Senegal, ha poucas nascentes d'agua; esta falta é remediada cavando-se poços, em que os rebanhos bebem e com que se regam as sementeiras. Encontram-se florestas ao norte e ao sul do Sahara. Uma arvore, productora, d'um fructo, cujo caroço dá um oleo que, bem clarificado, substituiria o azeite, cresce vigorosa nos valles que separam o Oued Noun de Marrocos. As baobab¹, os gommeiros, os tamarinheiros cobrem o Tagant, que em lingua berbére significa floresta. Os terrenos, que desde S. Luiz se estendem até a Arguin, estão cobertos d'euphorbios; alguns arbustos d'espinho crescem perto d'Arguin.

Quando se navega nas costas do Sahara cardumes de peixes saltam de debaixo da prôa e fazem borbulhar as aguas em volta do navio. Durante a noute estas tribus aquaticas deixam na agua traços brilhantes que os pouco familiarizados com este phenomeno poderiam tomar por algum baixio. Informado d'este facto o ministerio da marinha quiz saber da riqueza, que em pesca poderiam produzir estas paragens. Durante um dos meus cruzeiros fui encarregado d'apreciar quaes seriam as vantagens que o commercio fran-

¹ Arvore gigantesca da Africa (uma das maiores conhecidas) da familia das sterculiaceas, cujo fructo, do tamanho d'uma abobora regular, é conhecido pelo nome de pão do bugio.



FAMILIA SENEGALEZA, ORIUNDA DE S. LUIZ.— Desenho de Émile Bayard, segundo uma photographia

cez d'ellas poderia tirar. Em 1843 com este fim dirigi-me na *malouine* ás Canarias e depois de curta demora aqui, em abril aportei ao cabo Bojador, onde começa a zona de pesca: as observações que se seguem foram colhidas durante esta exploração.

O cabo Bojador entra pouco pelo mar dentro; é formado por uma penedia vertical de cem pés d'altura. Um outro cabo, chamado Penha-Grande, é o ponto culminante da costa do deserto; o terreno, disposto em amphiteatro, tem aqui uma inclinação de 45°. Esta disposição permite o estudar-se a formação geologica do plató do Sahara e o notar-se que o quartzo está disposto em camadas perfeitamente horisontaes.

Desde Penha-Grande até ao cabo Mirick a costa é recortada por muitas bahias; a primeira que se encontra depois d'este cabo tem o nome de Rio do Ouro; a sua profundidade é de trinta milhas. A lingua de terra, que separa a bahia do Oceano, é de pouca elevação; um rochedo de fórma pyramidal, situado ao norte da bahia, avista-se de longe e serve de ponto de referencia aos navegantes. Os marinheiros das Canarias dão-lhe o nome de Roque-Cabron. Em junho e julho o peixe abunda na bahia, mas só as pequenas embarcações podem chegar até Roque-Cabron; os navios de maior lotação ancoram ao abrigo da ponta Galera. Lancei ferro em Rio do Ouro a 17 d'abril de 1843. Os ancoradouros que offerecem as bahias, abertas entre a ponta da Galera e o cabo Branco, só raramente são frequentadas pelos pescadores, que se aproveitam dos abrigos que encontram junto dos cabos para saltar em terra e entrar em relações com os Mouros.

O cabo Branco mostra-se tão colossal como o Penha-Grande; um e outro avistam-se a trinta milhas ao mar; este cabo abriga uma vasta bahia que foi sondada pelo *Levrier*, aviso que, sob as ordens do almirante Rousin, fez o reconhecimento d'esta costa da Africa em 1818 e 1819.

É sempre perigoso o saltar nas costas do deserto sem previamente fazer qualquer convenção com os indigenas e levar guias. Muitas vezes, imprevisivelmente, apparecem sem que a sua presença nos seja indicada por qualquer vestigio e n'este caso são sempre de receiar para um explorador estes encontros. Em abril de 1843 alguns dos meus su-

bordinados fizeram uma experiencia d'este genero. O meu piloto hespanhol, muito conhecedor dos habitos dos Mouros, fez na costa um reconhecimento á testa de vinte e cinco soldados. A coberto d'esta avançada mandei eu á pesca, alguns barcos; no dia seguinte voltaram os barcos á pesca mas unicamente protegidos por cinco soldados. Ás dez horas os Mouros appareceram subitamente; a guarda avançada, pouco a pouco, batendo em retirada, fez alguns tiros, até que os Mouros, desapareceram por de traz das dunas.

N'esta escaramuça um dos *laptots*¹, por nome José, de Bissau, mostrou um sangue frio e uma coragem, que merecem ser referidos. Viu que um dos Mouros fazia pontaria ao commandante da força, levanta-se, agarra-se ao official e recebe em cheio, na testa, uma balla que o prostou immediatamente sem vida. Mandei prestar ao negro José todas as honras militares que á sua dedicação eram devidas. Estes actos não são raros entre os nossos marinheiros do Senegal.

Um grande banco d'areia, conhecido pelo nome de banco d'Arguin, ao qual o naufragio da *Medusa* deu uma triste celebridade, limita do lado do mar uma espaçosa bahia, situada entre o cabo Branco e o cabo Mirick; comtudo, n'este logar perigoso ha uns estreitos canaes, que permitem as communicações entre o cabo Branco e a costa occidental. É necessario navegar por estes canaes para ir a Arguin e ao rio S. João.

Em 1461 os Portuguezes fundaram na ilha Arguin um forte, que, successivamente, foi conquistado pelos Hollandezes e Francezes. D'esse forte apenas restam hoje, como vestigios, algumas cisternas.

As ilhas areentas Tidra agrupam-se em volta d'Arguin. Este archipelago é occupado por algumas familias pertencentes ao ramo Ouled Boudha e ao ramo Mzaga. Os indigenas entregam-se á industria da pesca, que é abundante e offerece um certo proveito, porque o peixe salgado é muito procurado pelas tribus do interior, que o comem juntamente com os seus cuscús.

Os Ouled Boudha pertencem aos Ouled

¹ Com o nome de Laptot designam-se os marinheiros negros que os navios de guerra francezes em cruseiro nas costas occidentaes d'África contractam para completar a tripulação.

Delim, os Mzaga aos Trarza; os primeiros não veriam com bons olhos qualquer tentativa que a França fizesse para de novo occupar Arguin; pelo contrario os Mzaga teriam immenso prazer em vêr novamente tremular o pavilhão francez n'aquella ilha.

Desde o cabo Mirick até ao Senegal a costa unicamente apresenta dunas d'areia uniformes. Algumas d'estas collinas desmornadas, situadas ao norte de Portendick, que ellas ajudam a conhecer, quebram esta monotonia uniforme, que é de tal ordem, que unicamente as observações astronomicas nos podem indicar a posição do navio.

Toda esta costa é defendida por cachopos muito perigosos, de encontro aos quaes o mar bate enraivecido. Durante os mezes do inverno apenas se pôde communicar com a terra por meio de pirogas, tripuladas por homens muito praticos em manobrar por entre aquelles baixios.

A exploração, por mim feita nas costas do deserto, convenceu-me de que a França nada tem a invejar aos pescadores das Canarias que exploram a pesca nas costas do Sahara, onde o peixe não é tão abundante como á primeira vista me pareceu. No inverno esconde-se em profundidades desconhecidas, ou vive nos bancos a trinta milhas da costa; no verão vem então desovar nas bahias, onde se pôde pescar á rêde. Quer o peixe seja apanhado com a rêde ou á linha, os pescadores das Canarias apenas o estripam e cobrem de sal. Mas todas as especies que povoam estas costas são tambem abundantes nas costas da Senegambia, e aqui o clima é menos quente, o que extraordinariamente facilita a operação de salgar. Os pescadores no Senegal seccam e defumam o peixe que não é consumido logo, e este producto é a base d'um pequeno commercio com o interior.

As caravanas que vão para a Negricia, caminham á beira mar desde Marrocos até Adrar; depois atravessam este ultimo ponto e o Tagant, e, chegados a Tichit e a Oualata, vão a Tombouctou, onde trocam os seus productos com os que vem do interior. Arguin está separada de Tombouctou por duzentas e oitenta leguas, e as caravanas andam quatrocentas para chegar ao ponto mais proximo de Marrocos; seria, portanto, para ellas uma grande vantagem se limitassem a Arguin as suas viagens.

IV

Estudos sobre a linguistica e emigrações dos povos africanos—
Formação das linguas — Facilidade no estudo da construcção que apresentam as linguas africanas — Prefixas e sufixas — Linguas de prefixa indeclinavel: grupo gor, grupo bantou, grupo ména — Linguas de sufixa declinavel — Linguas de sufixa indeclinavel — Emigração dos povos africanos — Africa septentrional — Legendas senegalezas.

Muitas vezes teremos occasião, quando fallarmos dos diversos povos que povoam a Africa, de discutir o problema da sua origem.

Antes de fallar do Senegal, as margens do qual, servem de fronteira á raça berbére e ás raças ethyopes, parece-nos conveniente fazer uma classificação que melhor habilitará o leitor a comprehender o que vae seguir-se.

Depois de assiduos estudos a sciencia moderna reconheceu ser um mecanismo persistente; que precede á formação das linguas, que por maior desenvolvimento e progresso que tenha tido a lingua primitiva ella conserva permanentemente signaes da sua origem: de maneira que, muito tempo depois da sua separação, podem encontrar-se, entre grupos de linguas aparentemente afastados, relações constantes; foi d'esta maneira que se poderam referir a um prototypo commum povos hoje separados por espaços immensos.

É portanto a linguistica que vae ser o nosso melhor guia para esclarecermos um pouco a ethnographia africana.

A analyse permite que classifiquemos as linguas em grupos distinctos; na origem monosylabicas, depois d'uma transformação lenta tornaram-se polysylabicas. A configuração da Africa que não communica com as outras terras do globo, se não por um isthmo estreito facilita os estudos da linguistica n'este continente, porque o isolamento em que viverem os diversos povos africanos impedidos de se apropriarem de qualquer cousa extranha e assim poderam conservar intactas as linguas de seus paes; esta fixidez na linguagem consente que vamos reconhecer e traçar muito aproximadamente os limites geographicos de cada grupo e que sigamos as suas emigrações.

(Continúa).

PELO MUNDO

EUROPA

Aninguem regateamos louvores e se vemos alguém trabalhar afincada e proficuamente no engrandecimento das nossas provincias ultramarinas, em que hoje assentam as bases da prosperidade e engrandecimento futuro da nação portugueza, temos a alegria sincera dos que ainda teem fé na regeneração da patria, e a nossa admiração e o nosso entusiasmo é-lhe tributado franca e lealmente.

A 5 de janeiro do corrente anno o ministro da marinha publicou no *Diario do Governo* uma portaria, que, seguida á risca pelas auctoridades a quem é dirigida, pôde dar os melhores resultados.

Diz assim a portaria :

Havendo na ilha de S. Thomé terrenos, que, pela sua altitude, pela fertilidade do solo, abundancia de agua potavel e boas condições relativas de salubridade, se prestam a proveitosa colonisação européa, quando esta seja convenientemente dirigida e amparada com uteis providencias governativas : manda S. M. El-rei, pela secretaria d'estado dos negocios da marinha e ultramar, que o governador da provincia de S. Thomé e Principe faça proceder urgentemente ao estudo e indagações necessarias ácerca de um ponto da ilha de S. Thomé, onde se dêem os ditos elementos favoraveis para a colonisação européa, quer em terrenos do estado, quer alheios, e cuja area não seja inferior a 2:000 hectares, para comportar cincoenta familias, além de singelas edificações de egreja, escola, casa de administração, quartel, armazens e mercado publico : informando o referido governador a mencionada secretaria d'estado sobre o custo aproximado de cada habitação de colonos, segundo os usos e as necessidades locais, accomodada para familia de quatro pessoas pelo menos, e prestando quaesquer outros escla-recimentos aproveitaveis para a solução do problema de colonisação da indicada ilha, para tudo o que o mesmo augusto senhor confia no zelo e diligencia do supracitado magistrado, recommendando-lhe a maxima brevidade possivel em ministrar as informações alludidas para que, no proximo futuro anno, se possam realizar as promessas do governo contidas no officio circular de 3 de novembro ultimo, publicado no *Diario do Governo* n.º 253.

Paço, em 31 de dezembro de 1880. — Visconde de S. Januario.

Posto que o actual ministro da marinha, n'esta sua portaria, mostra pelas theorias do seu antecessor — que para colonisação das nossas possessões só conhecia como agente effizaz a *emigração espontanea* — um grande desprezo, o que colloca os seus collegas do gabinete na posição exquisita de quem apoiou uma cousa e agora appoia uma diametralmente opposta, estamos certos que o parlamento não negará ao snr. visconde de S. Januario os meios necessarios para que este ensaio se realise.

Collocar as nossas provincias d'ultramar em circumstancias de progredir é o mais assignalado serviço que qualquer governo poderá prestar actualmente ao seu paiz, e se n'este sentido o actual ministro da marinha conseguir alguma cousa de util e pratico, a sua passagem pelo poder deixará um rastro de luz, que a historia aproveitará para lhe aureolar a frente.

— N'este momento, que a Irlanda se agita convulsivamente para conquistar regalias justas, não é talvez sem interesse dar a conhecer aos nossos leitores a população exacta das diversas partes que compõem o Reino Unido.

Das ultimas estatisticas vê-se : que o numero dos habitantes d'Inglaterra e do paiz de Galles é de 24,854,397 ; isto é : mais 307,088 do que em 1877.

A população actual da Escocia eleva-se a 2,594,929 habitantes, o que accusa um augmento de 32,212 sobre o anno antecedente.

A Irlanda conta hoje 5,533,640 individuos, e, portanto, 98,245 mais do que no anno anterior.

E', portanto, a população total do Reino Unido de 32,982,966

individuos, numero que, no espaço d'um anno, manifesta um crescimento de 427,547 individuos n'aquelle total.

Ficam, portanto, sabendo os nossos estimaveis leitores, que um movimento revolucionario na Irlanda não é uma cousa que em pouca conta deva ser tida, e que é natural o empenho que a Inglaterra tem em abafar o grito que estas 5,333,640 boccas lançam, pedindo a sua liberdade.

AFRICA

A França continua fomentando a prosperidade das suas colonias africanas e fecundando-as com melhoramentos materiaes da mais alta importancia.

Ainda recentemente nos ultimos dias do preterito anno a commissão do orçamento se reuniu sob a presidencia de Henri Brisson para examinar os projectos de lei relativos ao Senegal.

O almirante Cloné, ministro da marinha, e Legros, inspector geral das colonias deram explicações completas sobre a expedição enviada ao Senegal e que se julga ter já chegado a Medina.

O almirante Cloné affirmou que não se tratava d'uma expedição militar, d'uma conquista, mas unicamente d'uma expedição pacifica e commercial destinada a preparar a abertura d'uma via ferrea a região do Niger e a estabelecer os postos de defeza necessarios para proteger esta via. Posto que se tivessem feito tratados com os principaes chefes dos territorios que a expedição tinha a atravessar esta tinha ido armada para a salvaguardar de qualquer eventualidade.

O ministro pediu auctorisação para gastar 7 milhões de francos na compra do material necessario para 132 kilometros e para a construcção de 100 kilometros de via ferrea. Trata-se da secção comprehendida entre Médine e Bafoulabé.

AMERICA

Entre as cidades americanas que desenvolvimento mais rapido teem tido, depois do maravilhoso progredir de Chicago, pôde-se citar a de Milwaukee. Ha cincoenta annos era apenas uma pobre aldeia habitada por indios e hoje é a cidade mais importante do estado de Viscousin nos Estados Unidos e uma das cidades mais florescentes pelo seu commercio.

Em 1836 apenas contava 275 habitantes ; em 1840 tinha 1,810 ; em 1850 19,873 ; em 1860 45,286 ; em 1870 75,640 ; e actualmente, em 1880, a sua população é calculada em 120,000 ou 125,000 almas.

E' curioso o saber-se que o primeiro individuo de raça branca que alli se foi estabelecer era um francez, chamado Salomão Juneau e que mais tarde, em 1845, um allemão com o officio de torneiro foi o segundo a quem seguiram logo um grande numero dos seus compatriotas.

A organisação municipal deu a Milwaukee a cathogoria de cidade : n'esta organisação o francez Juneau foi eleito *maire*.

Hoje as differentes nacionalidades estão alli representadas pela seguinte percentagem : allemães 50 por cento, anglo-americanos 25 por cento, irlandezes 10 por cento ; os demais povos 10 por cento.

— Noticias de Washington dizem que M. James Stephenson, addido ao serviço geologico dos Estados-Unidos soube ultimamente por alguns indios da existencia d'antigas cavernas a umas quarenta milhas de Santa Fé, novo Mexico, e a 10 milhas do Rio Grande. Guiado por elles encontrou uma grande quantidade de grutas abertas na rocha parecendo que nunca homem branco alli tinha entrado.

Aquellas habitações estão cavadas na rocha a uma profundidade de 15 a 20 pés. M. Stephenson examinou muitas e encontrou em todas ellas objectos que suppõe terem alli sido deixados pelos seus primitivos occupadores.

Um outro geologo é d'opinião que estas grutas foram habitadas nos tempos modernos pelos indios e que os objectos que n'ellas se encontram não foram deixados pelos primitivos proprietarios mas que são fragmentos d'armas e d'utensilios relativamente modernos.

A RUSSIA LIVRE

(Continuado do numero antecedente)

XI

O CLERO NEGRO — PHILARETE O MENOR

NÃO ha uma unica pessoa d'entre a nobreza russa, que não considere o clero regular, o clero negro, como lhe chamam por causa da côr e do lugubre aspecto dos seus habitos, como um agrupamento d'homens despresiveis, de preguiçosos, de ignorantes, de dissolutos, que é preciso combater até ao extremo, sem tregoa, nem quartel. «Abaixo os regulares, cortemos a arvore e as suas raizes», repetem unanimemente os Russos liberaes.

E os que expellem estes gritos não são *voltarianos*, inimigos declarados das ideias religiosas, das instituições ecclesiasticas. Muitas vezes estes gritos sahem da bocca d'homens que amam a sua egreja, que subvencionam o seu parochio e desejam que a sua patria seja o primeiro dos estados christãos. Contam-se na Russia, dizem elles, mais de dez mil frades, população inutil, damninha mesmo, que seria bom metter nas mãos d'um sargento instructor e transformar em regimentos para que prestassem ao paiz algum serviço.

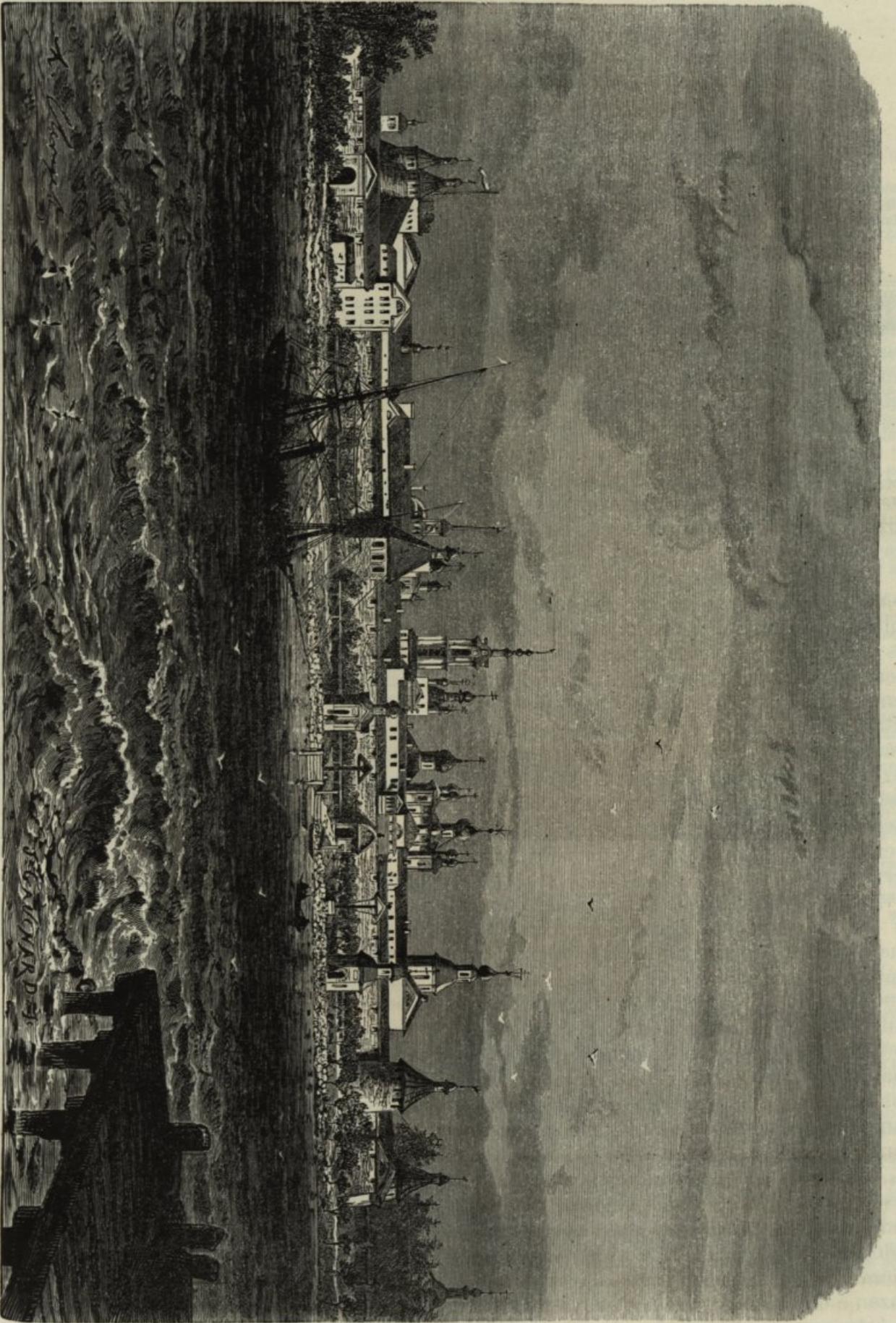
Este odio das classes mais gradas contra os frades provém d'oposição encarnçada que as ordens religiosas teem feito a toda a tentativa de reformar a Egreja ou o Estado. Para bem avaliar das probabilidades e do alcance d'esta lucta é preciso saber até onde se estende o poder monastico e qual foi a sua origem. Um tal estudo é longo e levarnos-ha longe, mas por fim, esse mesmo assumpto novamente nos conduzirá ao nosso ponto de partida, a Solovetsk.

A parte do grande imperio que se estende desde o mar Polar até aos steppes tartaros, podia assim ser definida: um deserto salpicado de conventos. Esta definição não é applicavel á Russia nova, nem aos *kanats* de Kazan e da Crimeia, nem aos steppes do Volga inferior, nem ás solidões da Siberia. Mas

a grande Russia, essa é para os frades um verdadeiro eden. Nas vastas regiões comprehendidas entre Kem e Belgorod, n'um comprimento de trezentas e vinte cinco leguas, de norte a sul — e de Pskow até ao lago Péipous n'uma largura de duzentas e vinte cinco leguas, de oeste a este — a terra está por toda a parte semeada de mosteiros e por toda a parte se ouvem retinir os sinos das communiões religiosas.

A Russia ainda não passou além da idade do heroismo religioso. Poder-se-hiam citar muitos exemplos havidos ainda n'este nosso seculo; apenas fallarei do *Novo-Deserto*, fundado por Gethsémani sobre o grande planalto de Troïtsa; a criação d'este mosteiro é um dos casos mais curiosos da época actual.

Em 1803, n'uma das cabanas mais miseraveis d'aldeia Pretchistoé perto de Vladimir, nasceu um servo de tão infima origem, que o nome da sua familia ficou ignorado. Por muito tempo este servo viveu nas terras do senhor; chegado á idade adulta escolheu para companhia uma mulher da sua condição, que lhe deu tres filhos, tres formosos e robustos rapazes que o pae educou no amor ao trabalho. Até aqui a vida do nosso heroe nada apresenta de extraordinario; mas aos trinta e sete annos d'idade, tendo enviuvado e alcançado a liberdade, abandonou a aldeia, marchou para Troïtsa, onde tomou o nome de Philippe, vestiu habito e escavou na terra uma cova. Viveu n'esta especie de tumulto até ao momento em que, cinco annos mais tarde, encontrou morada ainda mais a seu gosto no meio das sepulturas do convento. Muito avido de liberdade para contrahir os votos da ordem, nunca quiz sujeitar-se ás regras da clausura. O nosso heroe, depois de cobrir os membros com uma sarja grosseira e de singir os rins com uma pesada cadeia, dirigiu-se para o palacio de Philarète, o metropolitano de Moscou, a fim de supplicar ao prelado que o abençoasse e que lhe permittisse o usar do seu nome. O arcebispo sympathisou com o maltrapilho, e desde então, o antigo servo de Pretchistoé nunca mais foi chamado senão Philarète Ouchka (Philarète o Menor).



O CONVENTO DE SOLOVETSJK VISTO DO LADO DO MAR - Desenho de H. Giergel, segundo uma lithographia russa

O cemiterio de Troïtsa está situado n'um ponto socegado e pittoresco sobre as margens d'um lago rodeado de bosques sombrios. Foi no meio d'estes funebres logares que Philarète o Menor ergueu o seu eremiterio. Depois procurou meio de vida, e a sua ingenhosa

necessidade inspirou-lhe o seguinte. Comprou no convento de Troïtsa algumas imagens de santos e algumas cruzes a rasão de dois *kopeks* a peça, distribuiu umas e outras acompanhadas da sua benção pelas casas de Moscou e em troca recebeu o que os



PHILARÉTE OUCHKA, CHAMADO O MENOR — Desenho de Émile Bayard, segundo uma photographia

fieis lhe davam; uns um *rublo*, outros dez, e ainda outros cem. Em breve depositou dinheiro nos bancos. As imagens produziam mais do que as cruzes; as primeiras dizem, trazem comsigo a felicidade, emquanto que as segundas produzem atribulações. As mulheres, a quem elle dava uma cruz, chegavam a casa angustiadas. Mui diversamente dos usos

do Occidente, aldeão algum russo se lembraria de trazer, como adorno, uma cruz. Os padres revestem-se com a cruz, coroam com ella os templos, mas muito raramente a vemos adornando uma pessoa, ou um edificio particular. «Trazer uma cruz, é soffrer e ninguem deseja soffrer.»

Todavia usam uma, mas uma só, a que

lhes puzeram ao pescoço na ocasião do baptismo.

Extravagante na roupa, com que se cobria e na linguagem que usava, Philarète Ouchka nem trazia meias nem sapatos, e em publico, em vez de dirigir ás pessoas que encontrava a saudação ordinaria, a simples phrase «Passae bem», que é a formula usada pelos Russos, dizia-lhe com voz grave e penetrante: «Que o santo vosso patrono vos dê um dia feliz!» No eremiterio e nos giros que fazia tinha um companheiro, não menos eccentrico do que elle, Ivan Ouchka, isto é, João o Menor. Nunca ninguem ouviu fallar este homem; só sabia cantar. Cantava na sua cella, cantava quando andava, cantava ás portas. As suas cantilenas eram o reflexo do humor do mestre; o tom de João o Menor a muitas mulheres indicava se n'esse dia Philarete Ouchka lhe daria uma imagem, ou uma cruz.

O anachoreta era muito querido das classes médias. As damas aristocratas, delicadas, fugiam-lhe, não por causa do dinheiro que era preciso dar-lhe, mas por causa da porcaria que elle deixava nos logares por onde passava. Posto que nascido em Pretchistoé, nome que significa — muito limpo, — tinha o maior desprezo pela limpeza; as cadeias enferrujadas que arrastava, a poeira que lhe emporcalhava a pelle, os cabellos em desalinho, sujos e mal cuidados, eram, aos olhos dos seus discipulos, outros tantos signaes da sua eminente sanctidade.

Os negociantes de Moscou disputavam a sua convivencia. Uma senhora contou-me que, tendo ido um dia visitar uma das suas amigas, a encontrára de joelhos deante do mendigo, lavando-lhe os pés. E isto não era apenas uma apparencia d'humildade, por que Philarète andava pelas ruas de Moscou, mal calçadas e exageradamente porcas, de pés nús. Uma solteirona, por nome Scribrikof, citava como um dos melhores dias da sua vida aquelle, em que lhe tinha sido permitido o lavar as ulceras d'aquelle bem aventurado. Os noivos sentiam-se felizes quando elle se sentava á sua meza de bodas; era propheta, e cada um escutava com religiosa attenção as obscuras allusões que elle fazia ao futuro risonho ou sombrio dos recém-casados. Uma vez, n'umas bodas de Gospodim Sarokim, um dos mais ricos habitantes de

Moscou, disse elle voltando-se para a noiva pudibunda: «Quando terminarem as festas é mister que o vosso marido seja untado com mel.»

Ninguem ligára importancia a estas palavras; contudo, quando, tres dias depois, Sarokim morreu, todos se lembraram que na Russia se fazia uso do mel nos funeraes: a propheta de Philarète, o Menor foi comparada a uma visão de Zosime, da qual a pintura conserva a recordação.

Todavia o successo das suas empresas não durou muito. Tendo morrido o seu protector, o arcebispo de Moscou, o céo, até allí tão puro para o ermitão, começou a ennuvear-se. O novo metropolitano, homem energico, apostolo convicto da sua fé, julgou o procedimento de Philarète prejudicial á religião e declarou-se contra elle. Sem tentar defender-se, o sancto, que então tinha 65 annos d'idade, sacudiu o pó dos seus pés n'esta terra ingrata, disse um adeus ás suas piedosas fundações e marchou para a aldeia de Thelgovo, na provincia de Toulá, onde edificou um novo convento. Foi aqui que elle morreu um anno mais tarde. Os dois mosteiros edificados por este cenobita estão agora occupados por poderosas communidades.

É n'este desenvolvimento morbido do sentimento religioso que o clero negro encontra protecção contra as ironias e ataques dos espiritos reformadores.

Estes frades tem por si grandes vantagens. Se a sciencia e o pensar liberal é contra elles, os habitos e preconceitos são a seu favor. Dispõem de todos os empregos mais importantes; são os senhores das principaes forças do imperio. Por seu lado teem as mulheres e os camponeses. Os frades atraíram sempre o bello sexo, de que os seus votos lhe obrigam a fugir; não ha na Russia uma cidade que não possa contar alguma historia d'um d'estes sanctos, querido e amimado, como Philarète o Menor, por um enxame de mulheres. O vigario Nathaniel não foi em S. Petersburgo mais acariciado, do que o é hoje o bispo Leonidas nos jardins de Kremlim. A caricatura, que nunca se atreveu a tocar n'estes sanctos personagens, ousou todavia beliscar este. Sobre as mezas de muitos salões vê-se uma caricatura extremamente engraçada, em que este prelado é representado a elevar-se, até ao ponto mais culminante da

egreja russa, sobre as *crinolines* das suas admiradoras.

O clero negro gaba-se de ser só elle quem possui nas suas mãos os dois meios mais influentes e irresistiveis n'um paiz como a Russia: a coragem do sacrificio e a exploração do milagre.

XII

OS VOTOS

No anno passado (1868) morreu em Moscou, n'um hospital d'alienados, depois de ter conquistado uma extravagante celebridade, um homem chamado Ivan Jacovlivitch. Muita gente o tinha por doido e outros adoravam-n'o como santo. Os primeiros, que foram os mais fortes, fizeram-no metter n'um hospital e submeteram-no por toda a vida aos cuidados da medicina.

Este Ivan, que vivia na pequena cidade de Cherkesovo, tinha votado ao Senhor o sacrificio da sua saude, do seu bem estar, e condemnára-se ás mais duras provações. Ainda muito novo fizera o juramento solemne de nunca lavar a cara nem pentear o cabello, de nunca abandonar o seus andrajos, de nunca se assentar em cadeira ou escabello, de nunca se sentar á meza para comer; em fim, de nunca se servir de garfo ou faca. Em virtude d'este voto vivia como um cão; deitava-se no chão, só com a ajuda dos labios e dos dentes dilacerava os alimentos. Quando foi levado para o hospital de doidos lavaram-no e vestiram-no de novo; mas o desgraçado tratou de immediatamente se emporcalhar; os enfermeiros renunciaram á tarefa impossivel de o conservar limpo.

Apezar d'isto tudo a sua fama espalhou-se por Moscou. Não ha tumulo de santo que atraia a concorrência que se aglomerava em redor da cella de Ivan Jacovlivitch. As criadas, camponesas e até negociantes vinham diariamente visital-o, traziam-lhe presentes de todos os generos e confiavam-lhe os mais resguardados segredos da sua alma. Agachado sobre o soalho lançava uns olhares indecisos em volta de si e murmurava palavras sem nexo, que o publico, á força de lhe querer achar um sentido, explicava. Amassava entre os dedos as migalhas do pão para fazer uma especie de pilulas e, quando os

doentes o vinham consultar, mettia-lhe na boca estas bolas sujamente ensebadas, o que, no dizer dos crentes, produzia a cura infalivel.

O director do hospital mandou-o transferir para uma sala mais espaçosa, tanto augmentava todos os dias o numero dos visitantes. Elle bem conhecia que Ivan Jacovlivitch tinha para sempre a razão perdida, que estas excitações lhe eram prejudiciaes, mas o entusiasmo dos fieis era tão impetuoso, que o doutor, intimidado, não ousou fazer respeitar, nem as prescripções da sciencia, nem o regulamento da casa. O pobre louco morreu entre as lagrimas e os gemidos de metade da cidade. Quando a nova fatal se propagou, qualquer estrangeiro poderia julgar que a população de Moscou enlouquecera. Os homens paravam nas ruas para ajoelhar e rezar, as mulheres na sua dôr arrepellavam-se, e a populaça percorria os bazares e os mercados gritando: «Ivan morreu! Ivan morreu! Agora, que Ivan já não vive, quem nos ensinará o caminho da salvação?»

Em quanto estou escrevendo estas paginas, tenho aqui, sobre a minha secretária, um exemplar da *Gazeta de Moscou*, jornal serio editado por Katkoff e contando Samarín entre os seus redactores. Pois bem, este numero tem um artigo, que calorosamente advoga a ideia de erigir um monumento ao desgraçado louco na terra da sua naturalidade.

Mas a fórma mais ordinaria e simultaneamente a mais adoptada d'estes votos é o estado de reclusão e d'anachoreta.

Todos os ramos da Igreja oriental — os Armenios, os Cophtas, os Gregos — animam esta tendencia; todavia nenhuns ainda deram ao mundo tantos ermitões como a Russia. O calendario moscovita está repleto de nomes d'ascetas e, o que se conta das penitencias e das austeridades d'estes homens, excede tudo quanto se possa imaginar. Uma religiosa chamada Maria, por exemplo, foi emparedada; davam-lhe os alimentos por uma estreita friesta, aberta na rocha; assim viveu doze annos aquella infeliz.

A ideia de sacrificar-se nem sempre se manifesta debaixo de fórmulas tão sombrias. Em Solovetsk vê-se uma extravagante creatura, vestida com seus miseraveis farrapos, que se nutre do que todos desprezam, que

dorme ao ar livre em cima da lama, e que, sem ser frade, se agregou todavia á ordem monastica. Não tem o direito de viver no convento, mas toleram-no. Quotidianamente faz a sua expiação. Mostra-se como um ser

desprezível, apresenta o exemplo do nada das cousas terrenas. Este ser tão excentrico é muito procurado pelos peregrinos, que lhe adoram a sanctidade; eu procurei-o com não menor interesse: vi n'elle um typo curioso,



PHILARÉTE O MENOR E SEUS TRES FILHOS — Desenho de A. Neuville, segundo uma photographia.

dos que na Russia o clero regular considera como uma perfeição da vida christã.

O Tio Nicolau, assim se chamava este homem, não tem mais de quatro pés e meio, pequena altura principalmente para os paes do Norte. A sua barba grisalha era rara; as feições carregadas; os olhos pareciam ter-

lhe sido abertos com uma verruma. Nunca a sua pelle viu agua nem sabão; o que é o homem para ser vaidoso do seu corpo? Por unico vestuario trazia uns miseraveis farrapos; tem um profundo desprezo pelo habito mais decente e quente dos frades. Em vez de ir á rouparia quando precisa de fato, vae á arre-

cadação dos objectos inúteis, onde pede, como um grande favor, ao frade a quem estão a cargo os espolios, uns andrajos já lançados fóra por alguns dos monges. O convento pôz á sua disposição uma cella, mas um catre de madeira e uma pouca de palha a ser-

vir de travesseiro são superfluidades para quem mesmo em vida se considera barro, pó; o Tio Nicolau passa o dia no dique e a noite no pateo do convento. Nunca ninguem poudes persuadir-o a que se sentasse no refeitório ao lado dos frades; a sopa de *kwás*,



O TIO NICOLAU, VOTADO Á ABJECCÃO — Desenho de A. Neuville, segundo um esboço de M. H. Dixon

o arratel de pão negro, a ração de bacalhau salgado são comidas extremamente sumptuosas para elle; depois das refeições da comunidade vae á sala do refeitório, apanha as migalhas, os restos, os ossos e janta com aquillo que os frades, os mendigos e os peregrinos lançaram fóra.

Na egreja nunca occupa lugar entre os feis. Quando é a hora de qualquer officio di-

vino, arrastando-se vae occupar o lugar mais sombrio do templo; ahi, com a fronte sobre o pavimento, escuta os canticos e as rezas. Alguns peregrinos, ao passar por elle sem o vêr, calcam-no, mas elle gosta de ser pizado pelas multidões; servo de todos, acha que teem por elle muitas attenções, quando se desviam para o não espesinharem. Se encontra um desgraçado tão miseravel e tão porco

como elle encara-o como seu mestre, seu senhor. No inverno quando uma espessa camada de gêlo cobre o solo, dorme no pateo, aberto a todos os rigores do tempo; no verão, quando o sol é asphixiante, expõe aos raios de fogo a cabeça rapada á navalha. Reputa-se feliz quando zombam d'elle, quando o maltratam, quando o roubam. Como todos os da classe em que nasceu, adora o dinheiro com paixão; mas transforma este amor pelas riquezas, na mais rigorosa expiação para a sua alma; com tiras entrançadas da casca da betula faz uns cestos que vende aos peregrinos e aos marinheiros por dois *kopeks*, dinheiro que depois d'embruilhado n'um papel muito sebento, elle vae esconder com a esperança de que alguém o surprehenda e lhe roube o seu thesouro.

Antes de Nicolau ter apparecido em Solovetsk um outro já tambem se tinha votado á abjecção, mas d'uma maneira ainda mais completa e meritoria. Esse chamava-se Nahum, e illustrou o convento com muitos milagres.

Este homem mostrava um extraordinario heroismo votando-se a esta expiação, pois tinha nascido n'uma brilhante condição social; mas, tendo triumphado das perigosas seducções do mundo, tinha no seu sacrificio ainda mais methodo e austeridade do que o tio Nicolau. Nem as proprias tripas de peixe comia porque dizia elle, ser tal comida muito delicada para peccadores. Dormia em cima do gêlo, ou de companhia com os mais miseraveis mendigos. D'uma noute, que elle passára inteira fóra do convento, insinuou um frade que elle a passára com uma rapariga; foi tanta a sua exasperação por causa d'esta suspeita injuriosa, que arrancou os farrapos que o cobriam, abriu um buraco no gêlo e mettu-se dentro, até que o frio completamente lhe paralisou os membros. N'uma occasião uma das azas do convento foi presa das chammas; os frades corriam com baldes

para apagar o incendio, em quanto que Nahum amassava uma bola de neve, que atirou ao meio das chammas; as linguas de fogo subiram então ao céu ainda maiores e mais terriveis. Nahum correu então á igreja, prostrou-se sobre o lagedo e supplicou ao Senhor que extinguisse o incendio. No mesmo instante a sua prece foi ouvida, dizem os frades, e o fogo desapareceu.

O santo não se deixava deslumbrar pela magnificencia dos grandes. Uma vez, o archimandrita, vendo-o com as mãos esgravatar na terra gelada para procurar algumas batatas, disse-lhe com ar bondoso:

«É bem duro esse trabalho, pois não é Nahum?»

«Qual! Experimente e verá» respondeu elle.

Quando o actual imperador visitou Solovetsk, todos se esforçavam por lhe ser agradaveis; Nahum tambem se aproximou d'elle, e, tendo na mão uma escudella com agoa muito barrenta, disse ao autocrata:

— Bebei; que mais quer um ser feito de barro e de lama?

Depois da sua morte os frades fizeram-lhe honras funebres extraordinarias. Foi enterrado no pateo, juncto da capella mór da cathedral. Durante o tempo das peregrinações, desde o amanhecer até á noute, os peregrinos rodeiam-lhe a sepultura; uns fazem-lhe supplicas como se já estivesse canonisado; outros, muito attentos, escutam a narração das obras meritorias d'este santo varão. Para a sua completa gloria apenas falta que o tempo lhe aureole os sacrificios que praticou. Antes que a nova geração tenha desaparecido e, se o clero negro ainda existir, Nahum, canonisado já pelas aclamações dos frades e dos peregrinos, será, em virtude d'um edito imperial elevado a um throno celestial.

(Continúa.)

CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(Continuado do numero antecedente)

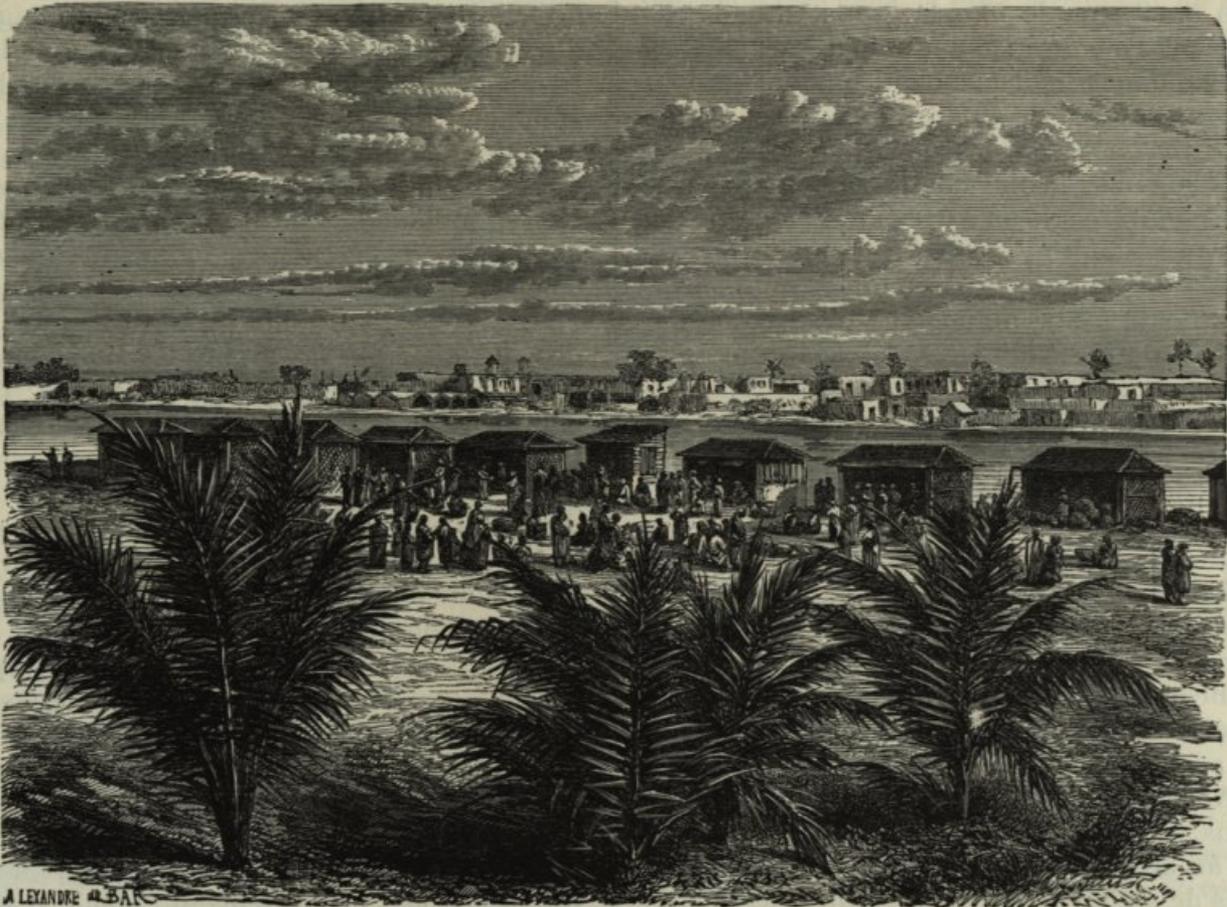
As fórmulas das linguas africanas, que geralmente são polysyllabicas, indicam uma cultura muito remota; estas linguas

adquiriram uma grande rapidez no fallar, por que n'ellas o tempo substituiu os substantivos pelos pronominaes tirados dos seus radicais; o pequeno numero d'estas particulas

e a maneira regular por que ellas acompanham o substantivo fal-as conhecer facilmente; estes pronomes tornaram-se tambem um meio commodo para classificar ¹ *à priori* as linguas africanas.

Chega a parecer que o capricho dos povos esgotou todas as combinações possíveis no emprego d'estes radicaes.

Os pronominaes precedem o substantivo debaixo da forma de prefixa em alguns grupos, pelo contrario, em outros, seguem-n'o como suffixa; algumas vezes conservaram a faculdade de se declinarem e de designar pelas suas variações o sexo da pessoa a quem se falla; em outros grupos são indeclinaveis e ainda outros grupos ha que tem casos



MERCADO DE S. LUIZ — Desenho de A. Bar, segundo uma photographia

particulares para designar o singular e o plural.

Seria difficil estudarem-se os prefixos e os suffixos, se o numero fosse indeterminado; os philologos reconheceram que, no seu limite maximo, elles não excediam a dezeseis fórmãs differentes. Alguns grupos de linguas não conservam senão um numero inferior,

dos quaes uns servem para indicar o singular ou o plural e outros casos indeterminados.

Das linguas que tem o pronominal prefixo ao substantivo é que nos vamos occupar em primeiro logar: dos estudos feitos n'este grupo não se póde concluir a concordancia do prefixo; os casos são indicados por fórmãs particulares affectas ao singular e ao plural.

Este caracter geral comprehende os grupos de que as raizes são bastante afastadas para terem obrigado os philologos a dividir os idiomas africanos de prefixo indeclinavel em dois grupos separados pelo equador.

¹ O auctor segue a classificação feita por Jorge Grey que reuniu mais de 800 volumes, manuscritos e impressos, relativos ás linguas africanas.

O primeiro grupo de prefixo, só fallado na Africa septentrional, recebeu o nome de *gor*; o *gor* subdivide-se ainda em muitos grupos, dos quaes os principaes são: o *yoloff*, o *foulah*, o *oumali* fallado em Darfour, e o *gah* fallado na Costa d'Ouro, no territorio d'Accrah. Em latitude estas linguas espraiaem-se, desde o deserto da Libya e do Sahara até ao valle do Niger, onde foram levadas pelas conquistas dos Foulahs; em latitude occupam uma zona de 10 a 11 graus, situada entre o 16° e o 5° grau de latitude norte; as suas extremidades mais afastadas medem em longitude um arco de 40 graus, comprehendido entre Darphour e o oceano Atlantico.

O segundo grupo das linguas de prefixo, unicamente usado na Africa meridional, é fallado nas suas $\frac{9}{10}$ partes. O nome tira-o do *bantou* dos Cafres, entre os quaes muito principalmente estas linguas são usadas.

As linguas cafres estão bastante atzadas, podendo-se n'ellas facilmente reconhecer a suas raizes, que são constantes. Encontram-se linguas d'esta formação, desde a costa de Zanzibar até ao cabo das Palmas; envolvem a Africa meridional n'uma completa rêde: ao *souhéli*, que se falla na costa de Zanzibar e na de *Comores*, banhadas pelo oceano Indico, succedem-se os idiomas do Zambeze e dos Zulus do Natal, assim como os Bechuanas; os Bassoutos fallam o mais puro *bantou*, lingua que penetra no interior até ao lago N'gami.

As tribus hottentotes e as dos Boschismans, que vivem na costa occidental da Africa até ás alturas do rio Orange, fallam as linguas de suffixo; a partir de Cimbébas encontram-se em uso as linguas de prefixo indeclinavel. Os povos do districto de Benguela fallam o *herero* ou o *oti herero*. As linguas *bunda* ou *flotes* são falladas, desde S. Paulo de Loanda, até ao Luango.

As tribus que povoam o Gabão igualmente articulam as linguas de prefixo: o *pongwé*, o *bakalai*, o *fan*, o *ashira*, o *benga* são os principaes idiomas; os dialectos *dualla* e *isobo*, fallados pelas tribus que vivem até ao monte Camerones, ainda lhe pertencem. Os Bouvis, indigenas de Fernando Pó, usam da lingua *batélé*, que não difere muito profundamente das linguas falladas na costa.

Se continuarmos a subir para o equador continuamos a encontrar em uso as linguas

de prefixo, e até mesmo entre os povos que vivem nos estuarios do Niger. Estes diferentes idiomas são conhecidos com o nome de *effick* no Velho-Calabar, com o *d'ostolma* em Bonni, com o de *nago* em Yarriba e em Lagos; depois, a partir d'aqui, falla-se a lingua *wéghé* ou *crépé*, lingua usada pelos filhos do Dahomey e pelos povos que habitam desde Badagri até ao rio Volta; chegando á Costa do Ouro encontram-se os dialectos derivados do *kass* ou *agni*, que parece ser a lingua mãe do *fantí* e do *Ashanti*; o *kass* e o *agni* fallam-se nos pantanos do Grande-Bassan e da Abyssinia, onde já se acham misturados com algumas linguas estrangeiras; este grupo de linguas tem por limite norte as montanhas de Kong, onde são usadas as linguas de suffixa *mandigues* ou *bambara*, chamadas *gola* ou *colombo*.

Os povos que habitam, desde Santo André até ao cabo do Monte são geralmente conhecidos pelo nome de Croumanos; dividem-se em tres ramos principaes: os Grébos, subdivididos em muitas tribus vivem desde Santo André até ao cabo das Palmas; os Ménas, os Dey, os Diolas e os Wey povoam a Costa de Malaguette, onde os norte-americanos estabeleceram uma colonia de libertos com o nome de Liberia.

As linguas *ména* formaram um grupo particular; depois d'esta temos as linguas do systema *bantou* em voga, desde o cabo Monte até aos Scarcies, rios situados ao norte da Serra-Leôa; tanto os dialectos dos Bullom e os dos Timanies, que vivem na embocadura do Rokelle rio da Serra-Leôa, como os dialectos de Sherbro pertencem áquelle tronco.

As linguas africanas, nas quaes os radicaes são suffixos dos substantivos, dividem-se em dous grandes grupos; um em que a suffixa é declinavel e outro em que é indeclinavel.

As linguas do grupo de suffixa declinavel são representadas na Africa septentrional pelas linguas *galla*, *somali*, *tibou*, *haoussa*; as unicas relações que existem entre estes idiomas, o arabe e o berbére limitam-se talvez unicamente a todas ellas serem linguas de suffixa; mais parentesco sem duvida existe entre o *copte* e o *hottentote*.

Estas linguas occupam, portanto, uma zona immensa, comprehendida entre o Atlantico, Mediterraneo, mar Vermelho e o oceano

Indico; nas costas orientaes penetram até ao 6.º grau latitude norte, em quanto que na costa do Atlantico se propagaram até 16.º grau; cortam o merediano n'um angulo de 20 graus aproximadamente e separam as linguas de prefixa em dois grupos deseguaes, dos quaes o mais consideravel se localizou a oeste.

Nas linguas que fallam os Hottentotes e os Bochismans que vivem nos arredores do Cabo da Boa Esperança encontra-se o uso de suffixa declinavel conservada em toda a sua pureza; os nossos conhecimentos não permitem o explicar esta communiidade de radicaes e de formas grammaticaes entre povos separados pelo espaço d'um continente.

E' preciso voltarmos á Africa septemtrional para encontrarmos linguas de suffixa indeclinavel; os idiomas d'esta forma são proprios da raça *mandingue*, teem o nome de *mandé-téda*, e são falladas, desde o alto Senegal até ás montanhas Kong; os seus principaes dialectos são o *soninké* e o *malinké*, que penetram até ao Atlantico, seguindo os rios que banham a Senegambia, taes como o Gambia, o Cazamance o rio Géba, o rio Nunez, etc, ao longo de cujas margens os Mandingues se espalharam.

Estas linguas são representadas na Africa central pelo *kanouri*, que se falla em Bour-nou.

Os Berbéres parecem ser os descendentes da raça autoctone da Africa septemtrional. Teem-se estudado com muita attenção as relações que existem entre o *berbére* e os idiomas fallados nas faldas dos Urals. Alguns sabios concluíram que a Asia fôra o ponto de partida d'esta raça, á qual attribuem os monumentos megalithicos, que marcam na Europa e na Africa os logares por onde passaram.

Esta theoria não nos parece assente sobre estudos assaz serios para poder ser acceita sem reserva. Não póde restar duvida que a acção do *berbére* foi consideravel e duradoura, mesmo porque era dos antigos conquistadores conservar os costumes aos povos vencidos. Foi necessario o zêlo feroz dos Arabes, que invadiram a Africa pelo norte e pelo este, para determinar a perturbação profunda a que são devidas as emigrações dos povos africanos, começadas com o prégar do Islamismo.

(Continúa).

ASCENSÕES NOS ALPES

(Continuado do numero antecedente)

AMFIM deixamos o vertice para descer até aos rochedos, onde estava Sémiond; com neve derretida preparei agua para o chá. Depois de termos fumado alguns charutos (accesos, sem a menor difficuldade, com phosphoros ordinarios) vimos que eram tres horas e dez minutos e por conseguinte tempo de nos pôrmos a caminho. O atravessar a neve exigiu vinte e cinco minutos; fomos obrigados a fazer alguns movimentos violentos e demos algumas escorregadellas; depois, ahi pelas quatro horas, começou a longa descida pelos rochedos. A noite seria completa ás oito horas: não tinhamos por tanto tempo a perder, redobramos de esforços. Esta parte da descida não offereceu nada de notavel. Costeavamos de perto a geleira e atravessamos-a no mesmo logar em que pela manhã

a tinhamos passado. O sahir d'ella era tão difficil e perigoso como o atravessal-a. O velho Sémiond e Reynaud passaram-na sem accidente; Macdonald que os seguia, escorregou ao pretender escalar um grande montão de gêlo e fatalmente teria desaparecido n'uma profunda fenda, se não estivera atado á corda commum.

«Era quasi noite no momento em que todos conseguimos estar em terra firme; mas eu ainda esperava poder ir passar a noite debaixo do nosso rochedo. Macdonald era mais modesto nos seus desejos e tinha razão, porque por fim perdemos-nos e durante uma hora erramos ao acaso, emquanto que Reynaud e Sémionde não cessavam de ralhár. Bem contra nossa vontade, não podendo continuar a descer, fomos obrigados a ficar aqui.

«Estavamos então n'uma altitude de tres

mil e quinhentos metros e, se a neve ou a chuva começasse a cair como nos ameaçavam as nuvens que se accumulavam sobre o Pelvoux e o vento que principiava a soprar se desencadeasse, a nossa situação podia tornar-se assaz desagradavel. Estavamos esfo-meados, quasi que não tinhamos comido cousa alguma desde as tres horas da manhã e o sussurro d'uma corrente d'agua proxima, mas que não podiamos vêr, ainda augmentava mais a nossa ardente sêde. Sémiond arriscou-se a ir buscar uma pouca d'agua; conseguiu descer, mas não pôde voltar para junto de nós; para o consolar d'esta ausencia forçada, d'intervallo a intervallo, gritavamos-lhes pelo nome.

«Seria difficil o imaginar-se um lugar menos commodo para passar uma noite ao relento: não prestava o menor abrigo. Completamente exposto ao vento glacial que soprava, era muito escarpado para que podessemos aquecer-nos passeando. Uns seixos miudos cobriam o chão e tivemos de os tirar para nos podermos sentar. Este trabalho forçado teve uma vantagem que ao principio não apreciamos devidamente; activou-nos a circulação. N'uma hora d'este interessante exercicio consegui limpar uma porção de terreno de tres metros de comprimento onde era possivel o andar-se. Reynaud encolerisava-se, despedia uma catadupa d'injurias sobre Sémiond a quem, de preferencia aos seus, tinham seguido os conselhos; depois cahiu n'um accesso de desespero dramatico, torcia os dedos com gestos de louco e exclamava: Oh que desgraça! que desgraça! oh misera-veis!

«O trovão ribombava, os relampagos succediam-se atravez da densa treva, o vento, que tinha feito baixar a temperatura quasi a zero, principiava a gelar-nos os ossos. Restavam-nos seis charutos e meio, duas caixas de phosphoros, dois quarteirões d'aguardente misturada com agua e um quartilho d'espírito de vinho: magra ração para tres *touristes* semi-mortos de fome e de frio e que ainda tinham d'esperar sete horas antes que amanhecesse. Accendeu-se a lampada d'alcool e misturando o resto do espirito de vinho com a agua ardente e alguma neve aquecemos tudo. Esta bebida era um pouco forte; mas nós desejaríamos que ella ainda o fosse mais. Depois de tomar-mos a beberragem, Macdo-

nald tentou secar os sapatos á lampada; em seguida todos tres, cobertos com a minha manta, esforçamos-nos por dormir. Os infortunios de Reynaud aggravaram-se com uma horri-vel dôr de dentes e Macdonald fez o que pôde para conseguir adormecer.

«As mais compridas noites tem um fim; esta passou como todas as outras. Descemos até ao rochedo n'uma hora e um quarto, onde encontramos o nosso creado muito surprehendido da nossa ausencia. Segundo elle disse accendera uma fogueira gigantesca para nos alumiar na descida e toda a noite estivera gritando para nos guiar. Nós nem tinhamos visto a fogueira nem ouvido os gritos.

Pareciamos, disse-nos o patife, almas do outro mundo. E não era para admirar; era a quarta noite que passavamos ao relento...

«Recubramos o melhor que pudemos as nossas forças e fizemos algumas lavagens indispensaveis. Os habitantes d'estes valles estão sempre cobertos d'uns pequenos seres em que a agilidade eguala o numero e a voracidade. É perigoso chegar-se qualquer a um camponez sem que cuidadosamente tenha indagado de que lado está o vento, a fim de se chegar a elles pelo lado d'onde elle sopra. Apesar de todas estas precauções estavamos ameaçados de ser devorados vivos em alguns instantes. Todavia eu e os meus companheiros apenas demos umas curtas treguas ás nossas torturas; nas hospedarias, exactamente como na pelle dos indigenas, fervilham na maior abundancia este especimen da perfeição das cousas creadas.

«A acreditar-se na tradição local, um viajante desprecauido foi por um enxame d'estes carrascos esfomeados arrastado para fóra da cama! Mas este facto precisa ser confirmado. Mais uma palavra e terminarei com este sordido assumpto. Quando vinhamos de nos lavar conversavam os Francezes. «Em quanto ás pulgas, dizia o velho Sémiond, sou como toda a gente, tambem as tenho.» D'esta vez dizia com certeza a verdade.

Muito do nosso vagar descemos para Ville, onde durante muitos dias levamos uma vida de luxo e d'abundancia, jogando a bola com os indigenas que nos ganhavam sempre. Por fim foi mister separar-nos; dirigi-me para o sul em direcção do Viso, emquanto que Macdonald partiu para Briançon.

«Não procurei dissimular-o; a ascensão do

Pelvoux é bastante monotona, ainda assim a vista que se gosa do vertice pode com confiança ser recommendada a futuros *touristes*. Exceptuando o Viso, cuja posição é sem rival, está melhor situado do que qualquer outro monte d'uma grande altura, para d'elle se poderem com a vista abraçar todos os Alpes occidentaes. Basta lançar os olhos sobre um mappa para ver confirmado o que dizemos.

«Com certeza ficamos contentes por descobrir que o pico a que deve ser dado o nome, Pointe des Écrins, era um monte distincto e separado do monte Pelvoux e não o seu vertice mais elevado — mas esta alegria devia terminar por um certo desapontamento. ¹

«Ao descer para Bessée confundimos este vertice com o que d'este ponto se avista á esquerda do Pelvoux. As duas montanhas parecem-se muito e este engano é desculpavel. Posto que esta montanha seja mais alta que Wetterhorn, ou que o monte Viso, não tem nome; nós demos-lhe o de *Pic Sans Nom*.

«Segundo reflexões que me não pertencem, provavelmente os engenheiros não se demoraram uns poucos de dias no pico Pyramide sem visitar o outro vertice mais elevado. Mas se elles lá subiram não é fóra de proposito o extranhar que não tivessem lá deixado um signal qualquer d'esta ascensão. Os naturaes do paiz que os acompanharam affirmam que elles não passaram d'um ao outro vertice; portanto reclamariamos para nós a honra de termos sido os primeiros a trepar ao vertice mais elevado, se a ascensão authentica de M. Puiseux nos consentisse o sustentar esta pretensão. A questão da prioridade tem pouca importancia; porque a nossa excursão teve todo o interesse e episodios d'uma primeira ascensão; e eu recorde-me d'ella com mais satisfação do que de muitas outras que descrevo n'este volume.»

Depois de ter lançado um golpe de vista sobre o monte Viso, M. Whymper foi para Abries, depois para Veran e Molines, aldeia perto da qual desenhou os singulares obeliscos conhecidos com o nome de *Columnas toucadas*. Estes obeliscos, da mesma natureza geologica que as escarpas da montanha, são

de diferentes grossuras e alturas; a mais alta, situada á beira da torrente, tem mais de doze metros d'altura; as outras collocadas em fila vão diminuindo em altura á maneira que se aproximam da montanha. Sobre o ponto culminante de cada uma d'estas columnas (exceptuando uma) está em equilibrio um penedo de serpentina sem duvida cahido de pontos superiores; d'isto lhe provém o nome de *Columnas toucadas*. Evidentemente a base da montanha foi escavada pelas aguas da torrente e estas agulhas, ainda em pé, indicam a altura em que primitivamente esteve o terreno do valle.

Compreende-se bem que não podemos seguir M. Eduardo Whymper em todas as suas excursões. Esta analyse levar-nos-hia mais longe do que nos propozemos ir, além d'isso uma tradução das *Scrambles* não tardará a apparecer. Deixemos pois de lado o tunnel dos Alpes, cuja machina de perfuração M. Whymper tão nitidamente desenhou e transportemos-nos para o desfiladeiro de Pilatte entre Vallouise e Bérarde.

«Durante toda a subida Croz foi-nos abrindo degraus na neve com indomavel energia; ás dez horas e quarenta e cinco minutos estavamos no ponto mais alto do desfiladeiro dispostos a descançar bastante tempo; mas no momento em que chegavamos um nevoeiro, que pairava por cima de nós, desceu repentinamente e escondeu-nos toda a vista do lado septemtrional. De todos nós unicamente Croz tinha tido tempo para lançar a vista para a descida e julgamos prudente o descer immediatamente para nos aproveitarmos das suas reminiscencias. Nada portanto podemos dizer do desfiladeiro a não ser que está situado a éste do monte Bans e que d'altitude mede tres mil setecentos e cincoenta metros. E' o desfiladeiro mais alto do Dauphiné. Demos-lhe o nome de *Col de Pilatte*.

«Começamos a descer para a geleira do Pilatte por um plano inclinado que, segundo as observações de M. Moore, tinha uma inclinação de cincoenta e quatro graus! Croz ia sempre na frente e nós seguiamol-o a intervallos de cinco metros: iam todos atados á corda e Almer tinha a pezada responsabilidade de ser o ultimo. Iam portanto os dois guias separados por um espaço de trinta e cinco metros. O nevoeiro impedia-lhes de se verem e para nós mesmo tinham elles a

¹ Mais tarde soubemos que M. M'Culloch já antes tinha averiguado e designado este facto no seu *Dictionaire géographique*.

apparencia sinistra de dois phantasmas. Mas cada um ouvia Croz abrindo por cima de nós no gêlo as cavidades que nos haviam de servir de degraus; de tempos a tempos a sua voz forte rompia o denso nevoeiro.

«— Cautella não escorreguem meus caros senhores; assentem bem os pés; não se mecham enquanto não sentirem o pé bem firme.»

«Descemos assim durante tres quartos d'hora. De repente o machado de Croz calou-se.

«Que ha, Croz?

— Uma *bergschrund* meus senhores.

— Podemos atravessal-a?

— Por ora não sei; mas parece-me que será preciso saltal-a.

«No proprio momento em que Croz nos respondia as nuvens da direita e esquerda affastaram-se. Foi como uma mutação de scena á vista que n'um theatro se fizesse para o grande salto mortal que toda a companhia ia executar.

«Uma cousa para nós desconhecida, uma disposição particular dos rochedos que estavam por baixo de nós tinha fendido em dois o muro de gêlo que desciamos; uma profunda racha abria-se deante de nós até onde a vista podia abranger. Por outras palavras, uma immensa fenda separava a parte superior em que estavamos da inferior para onde caminhavamos. Quando se abrem degraus n'uma rampa de gêlo com a inclinação de cincoenta e quatro graus não se póde pensar em procurar uma passagem mais facil; era n'este ponto, e sem demora, que era preciso saltar o abysmo.

«Deviamos simultaneamente fazer um salto de cinco metros d'altura e de tres metros em largura. Não era muito, podem dizer.

«Sem duvida não era muito, mas a natureza do salto inquietava-nos mais do que a sua extensão. Tratava-se de cahir mathematicamente sobre uma estreita aresta de gêlo; se o salto fosse um pouco maior arriscavamos-nos a rolar pelo abysmo, se o salto fosse curto enfiava-se pela fenda que, posto que em parte estivesse entulhada com fragmentos de gêlo e mais destroços ainda assim tinha aberturas sufficientes para engolir um e muitos corpos.

«Croz desatou primeiro Walker a fim de ter corda sufficiente, depois avisando-nos, para que a segurassemos bem, lançou-se para

alem do abysmo. Cahiu destramente em pé, desatou de si a corda e atirou-a a Walker que lhe seguiu o exemplo. Era a minha vez, adiantei-me. O segundo que isto levou, foi o que se chama um momento supremo. Em outros termos, senti-me soberanamente ridiculo. Parecia-me que o mundo girava com assombrosa rapidez e que o meu estomago me era arrancado por este phantastico movimento curvilinear. Quasi no mesmo instante encontrei-me de barriga, na neve; apressei-me em affirmar que nada era mais facil, afim de animar o meu amigo Reynaud.

«Reynaud aproximou-se da beira do precipicio e immediatamente se pôz a gritar. Estou intimamente convencido que não tinha maior repugnancia em dar o salto do que os que já o tinham dado; mas era infinitamente mais expansivo — n'uma palavra era... Francez. Apertava as mãos com desespero dizendo:

« Raios partam tal passagem!

— Mas não é difficil Reynaud, gritava-lhe eu, mesmo nada difficil.

— Vamos, salte, gritaram os outros, vamos, acabe-se com isso!

«Mas Reynaud começou a mexer-se tanto, quanto era possivel n'um degrau de gêlo; de pois cobriu a cara com as mãos exclamando:

«— Dou-lhes a minha palavra que não! não! e não!!! não posso!

«Como aquillo se passou não sei. Viu-se o bico d'um sapato que parecia pertencer a Moore, em seguida Reynaud parecendo uma ave aquatica precipitava-se sobre nós com os braços abertos, as pernas estendidas, o pau a escapar-lhe das mãos; depois ouviu-se um ruido surdo, como o que faria, cahindo d'uma janella á rua, um tapete enrolado. Quando o pozemos em pé tinha um doloroso aspecto; a cabeça era uma enorme bola de neve; a aguardente cahia-lhe por um lado da mochila, o *chartreuse* por outro. Lastimando-o por esta perda não podemos comtudo conter o riso.

Alguns dias antes ao terminar a tão difficil como perigosa ascensão da *Pointe des Ecrins* o guia Almer quasi ia pagando com a vida a sua temeridade. Desligara-se da corda para sósinho chegar ao vertice. Passando por sobre uma estreita aresta, onde o gêlo e os rochedos se alternavam, o gêlo abriu-se com elle; Almer cambaleou um instante, tentando agarrar-se á parte que julgou ainda solida. «Julguei-o perdido» diz M. Whymper.

«Felizmente cahiu sobre o lado direito e conseguiu encontrar um apoio verdadeiramente solido. Se em lugar do pé direito tivesse posto na neve o pé esquerdo cahiria irremediavelmente n'um abysmo de mil metros d'altura.

No mesmo anno, isto é em 1864, M. Whymper, acompanhado de M. Moore, passou pela primeira vez com os guias Almer e Croz, a garganta Moming que liga Zinal a Zermatt. A subida tinha sido das mais difficeis e perigosas. Para poder alcançar os rochedos, unico ponto por onde se podia chegar á garganta, foi preciso atravessar uma rampa de gèlo extremamente inclinada, abrindo degraus em gèlo preste sempre a desmoronar-se e que se precipitou cinco minutos depois da passagem d'Almer que fechava a nossa rectaguarda.

«Acabamos, diz M. Whymper por chegar á depressão situada entre o Rothhorn e o Schallhorn, ¹ depois d'uma subida extremamente difficil por sobre diferentes qualidades de neve e atravez de todas as variedades possiveis de vapores, desde a nevoa de Escosia até ao denso nevoeiro de Londres. Uma muralha de gèlo escarpada defendia a vertente do vertice do lado do Zinal. Mas era-nos impossivel saber se a vertente opposta tinha o mesmo aspecto; não a podiamos vêr por causa d'uma enorme massa de neve que o vento do oeste atirára para cima da crista de uma montanha que domina Zermatt, semelhante a uma onda que o frio tivesse gelado exactamente no momento em que fosse a re-bentar ² Solidamente atado á corda e seguro pelos seus tres companheiros que tinham ficado do lado d'onde se avista o valle Zinal, Croz atacou a cornija a machado e deitou-a abaixo, ficando a descoberto os gèlos solidos; depois saltando para cima gritou para que o seguíssemos.

«Estavamos bem contentes por ter um tal guia. Com um guia menos habil e menos corajoso teriamos hesitado emprehender esta

¹ O ponto mais alto d'esta garganta está marcado no mappa do general Dufour com 3793 metros.

² Estas cornijas de neve encontram-se frequentemente no vertice das arestas muito altas; é sempre prudente fazer sondagens com o alpenstock antes de chegar a estes vertices para se ter a certeza de que estas neves assentam em bases solidas. Muitos viajantes teem-se arriscado a perder a vida por desprezarem estas precauções.

descida por entre um espesso nevoeiro. O proprio Croz faria bem em não ir na frente se fosse menos robusto. Eu seguia á risca os seus conselhos: «Onde ha neve firme pode-se sempre andar, onde houver gèlo pode-se abrir caminho rasgando degraus: é uma simples questão de força; essa força tenho-a eu; os senhores só teem uma cousa a fazer: seguir-me». Se Croz tivera feito n'um theatro os prodigios de força e destreza, que n'esse dia lhe vimos fazer, a sala d'espectaculo teria cahido com applausos.»

No anno seguinte (1865) M. Whymper fez a ascensão do Dent-Blanche (4364 metros), que pela primeira vez tinha sido escalado a 18 de Julho de 1862 por M. M. Kennedy e Wigram, levando como guias a Croz e Kronig. M. Whymper todavia não seguiu o mesmo caminho dos seus antecessores; preferiu subir pela aresta do sudoeste; a maior difficuldade que encontrou foi o ter d'atrevessar uma *bergschrund*. ¹ Foi-lhe preciso subir a uma altura de quatro mil metros para encontrar um pontilhão de gèlo que lhe permittisse o passal-a.

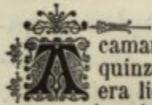
Na garganta Dolent, que M. Whymper passou em 1865 para ir de Cormayeur á Chamonix por um caminho mais curto que a garganta do Géant, não havia nem *bergschrunds* nem pontilhões de neve, mas sim uma muralha de quatrocentos metros com a inclinação de cincoenta que foi necessario descer. Croz que ia na frente cavou degraus n'esta muralha durante duas horas successivas e comtudo apenas pôde abrir uma escada de setenta metros. Biener e Almer que seguravam na corda eram os unicos que tinham logar na aresta. Biener desceu para junto de Croz e M. Whymper, que ficára do outro lado, pôde então subir para junto d'Almer e contemplar a facil passagem que tinha tido a gloria de descobrir. Os tres guias tiveram de trabalhar sete horas consecutivas antes de poderem chegar á geleira d'Argentiere, isto é, á base da montanha de gèlo. N'este dia incidente algum perturbou o triumpho de M. Whymper.

FIM.

¹ Uma *bergschrund* é uma fenda, mas uma fenda particular; é a fenda que ordinariamente se abre entre o gèlo e a montanha em que o gèlo se appoia. Quando estas fendas, muitas vezes muito profundas e muito largas, não estão cheias de neve torna-se impossivel o atravessal-as.

PELO MUNDO

EUROPA



camara dos snrs. deputados gastou, n'esta passada quinzena, algumas das suas sessões em averiguar se era licito, já que lhe não damos instrucção, nem regimen penitenciario e moralizador, dar, de vez em quando, aos nossos degradados uma sova de chibatada.

Sejamos justos. Todos os membros, exceptuando um, da camara baixa, que tomaram parte n'esta interpellação, feita ao ministro da marinha pelo snr. deputado Arrobas, manifestaram a opinião de que o castigo da varada, chibatada, ou como melhor lhe queiram chamar, era uma barbaridade aviltante para quem as dava e para quem as recebia. A divergencia das opiniões estava em que uns viam na nossa legislação disposições que auctorisavam tal castigo e outros sustentavam o contrario.

Como já dissemos houve uma excepção. O snr. Barboza Leão não só achou o castigo das varadas perfeitamente legal, mas é sua opinião que seria melhor duplicar a dose. O snr. Barboza Leão, que em orthographia é contra a duplicação das letras, nas varadas tem opinião exactamente inversa.

A discussão teve uma cousa boa, mas tambem teve uma má. A camara não resolveu que duplicasse a dose das varadas, como o pretendia o snr. Barboza Leão; mas tambem não riscou da nossa legislação a faculdade de as applicar, como desejava o snr. Julio de Vilhena.

A discussão teve este resultado: deixar tudo na mesma.

— Ha certo tempo que, na *Sociedade de Geographia de Lisboa*, alguns homens instruidos e muito conhecedores das nossas colonias tem feito umas conferencias verdadeiramente uteis e tendentes a resolver o problema gravissimo da civilisação africana.

Na sessão do dia 17 o snr. Lourenço Malheiro, um engenheiro de minas, indubitavelmente uma bella organisação intellectual cuidadosamente cultivada, fez uma brilhante conferencia que brevemente será publicada a expensas da *Sociedade de Geographia*.

O snr. Malheiro encareceu a necessidade de fazer-se a carta geologica das nossas possessões ultramarinas e disse ser sua opinião que a exploração das minas, que por ventura existissem nos nossos territorios d'alem mar, seria o meio mais facil e rapido para a colonisação e prosperidade d'aquellas paragens.

A fórma elegante é correcta com que o snr. Lourenço Malheiro fez a sua conferencia só unicamente pôde ser apreciada pelos que o ouviram, todavia o grande numero de conhecimentos que mostrou e os trabalhos seus que apresentou sobre a riqueza mineral dos Estados-Unidos e a riqueza provavel dos jazigos nas nossas possessões d'Africa podem e serão aliavados pelos nossos leitores quando, depois da sua publicação, aqui transcrevermos esta conferencia verdadeiramente notavel.

— A situação da Inglaterra é actualmente das mais difficéis. Tendo guerra na Asia, sustentando-a, e por ora nada felizmente, na Africa, em lucta com a Irlanda o Reino Unido apezar das suas muitas forças e das suas muitas riquezas vê-se n'uma posição extremamente embaraçosa.

Quando o actual primeiro ministro da Inglaterra fazia opposição vigorosa ao seu antecessor protestou energicamente contra o acto d'este que privava o povo do Transwaal da sua independencia nacional; hoje que esse valente caudilho da opposição assumiu o poder, todos esses protestos foram esquecidos e os Boovers revoltados, para conquistarem a sua liberdade, veem-se obrigados a luctarem com os soldados da Inglaterra que o chefe do gabinete inglez manda para a Africa a fim de asphixiar a independencia d'um povo.

Singulares contradicções da politica, mas vergonhosa politica.

Mas, deixando para outros estes platonismos, seria bom que o governo portuguez agora, que a Inglaterra lucta com o Transwaal, não fizesse muito apressadamente discutir o tratado de Lourenço Marques. Seria razoavel esperar pela decisão d'essa lucta para então se fazer qualquer tratado com a nação que dominasse n'essa região confinante d'uma possessão nossa tão prommettedora.

AFRICA

Agora que o nosso paiz vinhateiro se vê a braços com a sua quasi total ruina julgamos muito interessante e util transcrever do *Boletim da Sociedade de Geographia de Bordeaux* o seguinte:

«Segundo observações auctorisadas de M. Lecard, bastam 90 dias de calor a 17° ou 100 dias de maio a setembro com uma media de 15°, para que a vinha herbacea do Soudan possa em França, exercer todas as suas funcções vegetativas. O problema da aclimação está portanto resolvido e unicamente resta saber se as raizes da vide herbacea resistirão aos nossos invernos. M. Lecard julga que será possivel preserval-as, como se preservam, cobrindo-as de palhas, outras plantas herbaceas e afirma que no Soudan estas vinhas resistem a oito mezes de secca e d'um calor intenso e todos sabem que a secca produz nos vegetaes os mesmos effeitos que o frio, de maneira que não pôde haver duvida alguma sobre o bom resultado de qualquer tentativa da aclimação.

As experiencias vão fazer-se com as mil sementes que M. Lecard conseguiu trazer da sua viagem e d'aqui a dois annos com segurança se poderá saber do exito d'esta descoberta.

M. Lecard viu cinco variedades que elle baptizou a fim de facilitar a qualificação.

1.ª especie: *vitis Lecardii*.

2.ª especie: *vitis Durandii* em memoria da dedicação do valente rapaz que acompanhou M. Lecard na sua perigosa viagem.

3.ª especie: *vitis Chantini* como recordação do nome d'um amigo de M. Lecard.

4.ª especie: *vitis Faidherbii* para commemorar o nome do que abriu as portas do Soudan.

5.ª especie: como preito ao illustre sabio que foi mestre e amigo de M. Lecard.

Um facto notavel é que M. Lecard na sua exploração não pôde descobrir vide alguma que produzisse uvas brancas; mas poderá acontecer que as sementes que agora se vão deitar á terra produzam especies novas e entre estas as videiras que dão a uva branca.»

AMERICA

A 6 de novembro ultimo, o congresso da republica de S. Domingos publicou um decreto pelo qual, considerando sufficientemente provado que os ossos encontrados na cathedral de S. Domingos, a 10 de setembro de 1877, são realmente os restos de Christovão Colombo, resolveu erigir um monumento em que essas reliquias fossem guardadas e convidou todos os governos d'America a contribuir por meio de subscrições a esta obra de gratidão.

O governo de S. Domingos subscreveu já com a quantia de nove contos de reis.

— Uma expedição com o fim de atravessar a península da Patagonia partiu recentemente do Rio Santa Cruz, dirigindo-se para a colonia de Umut.

Esta expedição com posta d'um excellente pessoal é commandada pelo tenente de marinha argentina Carlos Mayana, já muito vantajosamente conhecido pelos seus trabalhos scientificos.

O fim d'esta expedição é abrir um caminho entre a Patagonia e Santa Cruz, de forma a resolver praticamente o problema de povoar e occupar a Patagonia até ao estreito de Magalhães.

— Em Venezuela descobriram-se agoas thermaes d'uma composição e temperatura identica a muitas das aguas que os vulcões da Islandia expellem. Estas aguas são tanto menos quentes quanto a menos profundidade estão as suas nascentes. A profundidade de vinte metros na nascente dá em medio o augmento de um grau em temperatura.



A RUSSIA LIVRE

(Continuado do numero antecedente)

XIII

O GRANDE MILAGRE

POR grande que seja a força d'inspirar tão grandes sacrificios, os frades teem em beneficio da sua religião uma muito maior: a de fazerem milagres. É isto que torna o clero negro forte contra todos os ataques; só elle tem o poder de fazer milagres; não no sentido mystico, mas milagres visiveis, palpaveis; não milagres feitos em épocas remotas, mas nos nossos dias, tanto nas choças longinquas e dispersas, como nas cidades mais populosas e á luz do dia.

O maior milagre do nosso seculo, o que bem alto demonstra que o braço de Deus protege a Russia, é a defeza de Solovetsk pela Virgem, quando as Ilhas Santas foram em 1854 ameaçadas pela esquadra anglo-franceza.

Na manhã d'uma terça-feira, a 18 de julho de 1854, as vedetas deram signal que duas fragatas torneavam Beluga: o archimandrita ordenou que se jejuasse por espaço de tres dias. Os dois navios fundearam a sete milhas da praia, e immediatamente os sinos do convento chamaram para preces especiaes, offerecidas á Santa Mãe de Deus pela população da ilha. O archimandrita, despindo as vestes sacerdotaes, prostrou-se humildemente deante da sua communidade, resou fervorosamente junto dos tumulos de Savatie e Zozime; depois, pegando na milagrosa imagem da Virgem, pôz-se á frente dos seus frades, e assim, em procissão, percorreu as muralhas. Immediatamente depois que terminaram estas ceremonias religiosas os defensores de Solovetsk viram com uma alegria intraduzivel as fragatas fazerem-se ao mar a todo o vapor.

Como os dois navios tinham feito derrota para Kem, receiava-se que elles voltassem; então o tenente Niconovitch, que commandava a companhia dos invalidos, fez uma sortida para observar as praias proximas, arrastando á sua rectaguada duas ridiculas peças de

campanha, enquanto que uma enorme massa de peregrinos ficava d'observação nas muralhas. As peças foram postas em bateria por detraz d'um muro de terra, ligeira e apressadamente construida obra de defeza. Os frades, esses recommçaram as suas rezas e o seu cantochão.

No dia seguinte uma nuvem de fumo foi assignalada no horisonte. Dois navios, o *Brisk* e a *Miranda*, vieram tomar posições na bahia.

O *Brisk* começou por uma descarga de metralha. Pouco faltou para que o archimandrita, que então estava no caes, fosse ferido; os frades, aterrorisados, fugiram para a cêrca do convento e esconderam-se atraz das portas santas.

Um official, chamado Druschlevski, que occupava a torre Tisserand com dez homens e uma peça, respondeu ao fogo dos inglezes, o que lhes valeu receber nas muralhas do posto que defendia uma bordada inteira da fragata. Comtudo Druschlevski sustentou-se com muita coragem e tino, pois só tinha no paiol uma pequena quantidade de polvora. O *Brisk* deu trinta tiros e o official unicamente lhe respondeu com tres. Ao ultimo o navio inglez, tendo-lhe sido ferido um marinheiro no convez, fez-se ao largo.

A 20 de julho devia ter logar uma das festas mais solemnes d'aquella religião: a de Nossa Senhora de Kazam. Apenas tinha terminado o *Te-Deum* quando um escaler do *Brisk*, em que fluctuava uma bandeira branca, se aproximou do caes de desembarque; vinha emprazar o convento a que se rendesse e prevenir que ao mais pequeno tiro que das muralhas fosse disparado, começaria immediatamente o bombardeamento.

Um peregrino por nome Soltokoff foi o encarregado de levar a resposta do archimandrita: era a recusa formal a entregar o mosteiro.

Depois de a ter lido, o almirante Ommaney declarou ao peregrino que qualquer outra negociação era impossivel.

O bombardeamento começou ás sete horas e um quarto. N'este momento os sinos

do convento chamavam para as matinas. Balas e granadas choviam sobre as muralhas e sobre os zimbórios, e nem por isso as rezas deixaram de se celebrar.

Pouco depois do meio dia os sinos tocaram de novo, e os frades e peregrinos reuniram-se sobre as muralhas, formando longas filas, em procissão. Os monges abriam o prestito, em seguida iam os peregrinos, e no coice as mulheres e as crianças amontoavam-se. Quando todos estavam nos seus logares o archimandrita tirou do altar a imagem da Virgem, uma cruz e, pegando na primeira com a mão direita e na segunda com

a esquerda, pôz-se á frente das suas ovelhas e levou-as pelo lado interior das muralhas, sob o fogo do inimigo. O sino grande dobrou; frades e peregrinos entoaram psalms. As balas sibillavam por cima das cabeças, os muros derrocavam-se, os telhados voavam em estilhaços. Junto da torre, que está proxima do lago, a procissão teve de parar. Uma granada estalára sobre o moinho de vento e incendiara-o. Os frades entoavam hymnos religiosos; logo que as chammas se extinguiram continuaram a marcha. A pouca distancia d'este logar uma bala, arrombando um panno da muralha, que se



SOROR MARIA, RECLUSA EM SOLOVETSK — Desenho de A. Neuville, segundo uma lythographia russa

desfez em estilhaços, cortou, em duas, a procissão.

— Adeante sempre! exclamou o archimandrita, brandindo a cruz e a imagem.

E a procissão continuou o seu caminho.

Chegados á torre Tisserand, o archimandrita chamou frei Gannadie e, entregando-lhe a cruz, disse-lhe que dêsse a beijar aos artilheiroso Crucificado.

Ia presenciar-se um milagre. Affastava-se a procissão da torre Tisserand e aproximava-se d'um espaço completamente a descoberto, que era necessario atravessar debaixo d'uma chuva de balas. Sem que uma protec-

ção divina os protegesse era impossivel passar alli sem que todos ficassem completamente mutilados. A fé d'estes christãos estava sujeita a esta prova decisiva. Um instante, simplesmente um instante, se deteve a procissão. O archimandrita, conservando sempre nas mãos a milagrosa imagem da Mãe de Deus, avançou por entre esta nuvem de pó e de fumo; os fleis continuavam psalmodiando. Viram-se então as balas e as granadas dos navios inglezes desviarem-se da sua trajectoria, descrever uma parabola por cima dos zimbórios e irem afogar-se no lago sagrado.

A esquadra, aterrada por tal milagre, fez-

se ao largo; confessava-se vencida, cedia ante uma força superior á do homem. ¹

Desde então a gloria de Solovetsk de tal maneira augmentou que, novos e velhos, ricos e pobres, consideram a peregrinação á Ilha Santa como a mais meritoria, depois da de Bethlem e da do tumulo do Salvador. A gente rustica imprimiu o movimento; imperadores e grandes-duques acompanham-no. Alexandre II visitou Solovetsk; seu irmão Constantino imitou-o e dois dos seus filhos, no anno proximo, realisarão a piedosa via-

gem. Dizem tambem que a imperatriz fizera a promessa de que, se recuperasse a saude, iria ajoelhar ante as reliquias de S. Savatie.

Estas visitas imperiaes devem, se dermos credito ao que se diz, ser attribuidas, não só ao desejo de dirigir a corrente para por ella não ser arrastado, mas a outros interesses d'uma ordem muito differente; estas visitas terão talvez relação com o fim mysterioso d'um grande-duque, que povôa o mar Branco de phantasias sinistras.



UM RECLUSO EM SOLOVETSK — Desenho de A. Neuville, segundo uma lithographia russa

XIV

OS TORREÕES

(Antes de desembarcar nas Ilhas Santas, M. Dixon preoccupára-se com uma historia maravilhosa que lhe tinham contado d'um espectro que, dizem, visitava Solovetsk, e a quem tambem chamavam o phantasma do mar Branco. Os Russos, que não acreditam em almas do outro mundo, tinham-lhe insinuado que o espectro podia muito bem ser

qualquer prisioneiro encerrado n'alguma enxovia secreta de Solovetsk. Ora este prisioneiro, que por alta noite apparecia em cima das muralhas debaixo da fôrma d'um velho de longa barba branca, devia ser, segundo estes, o grande-duque Constantino, o irmão mais velho do imperador Nicolau).

Com o meu espirito assim preoccupado,

¹ O almirante Ommancy, commandante da esquadra, reputára o pavilhão inglez insultado em virtude d'uns tiros que lhe tinham sido disparados do convento. Quarenta bombas foram lançadas em Solovetsk. (Declaração do almirante Belcher á Association Britanique pour le progrès des sciences).

continúa M. Dixon, examino com uma curiosidade anciosa todas as portas, todos os alçapões, tudo aquillo que, escondido, me parece poder conduzir ao calaboiço do mysterioso prisioneiro. Tinha licença de percorrer em todos os sentidos o convento, e, posto que raramente me deixassem só, sempre tinha algumas occasiões de passear só em volta das muralhas.

Um dia, que assim vagueava sem fim determinado, cheguei a um pequeno pateo, que eu muitas vezes via atravessar pelos meus *cicerones*. Attrahido por um bater d'azas entrei a porta, e, depois de ter deitado ao chão algumas migalhas de biscoito, vi-me rodeado por innumeradas pombas formosissimas. Estavam perfeitamente domesticadas; muitas até vinham comer á minha mão. Sem o pensar descobrira a colonia de pombos que o archimandrita apontára á communitade durante o bombardeamento de Solovetsk como pouco medrosos dos tiros inglezes. Vendo a altura das muralhas e a pequenez do pateo, este despreso pelo perigo da parte da colonia alada surprehendeu-me muito menos. De repente os meus olhos fitaram-se n'uma fresta, por onde entravam as pombas, fortemente gradeada e n'uma porta chapeada de ferro. Não estaria o mysterioso segredo de Solovetsk escondido entre a espessura d'aquellas muralhas, onde as pombas arrulhavam amorosas?

No dia seguinte, na companhia de dois frades que me serviam de *cicerones*, visitei a escola, a tinturaria, a fabrica de cortumes, a fabrica de *kuas*, a torre Tisserand; chegamos junto do pombal, e, como por acaso, dirigimos para alli os passos. Tambem muito innocentemente lembrei o que o archimandrita dissera d'aquellas aves para mais uma vez obrigar os meus companheiros a contarem-me aquellas historias. Centenares de pombas beijavam-se pouzadas sobre as frestas, exactamente como no dia para sempre memoravel em que se festejava Nossa Senhora de Kazan.

«Que lindos pombos!»

—E são bem felizes aqui, respondeu-me o frade que mais de perto me acompanhava. Nunca aqui se matou um; lembrando-nos do baptismo no Jordão, em que o Espirito Santo baixou sobre Nosso Senhor sob a fórma d'uma pomba, para nós esses pombos são sagrados.

— Parecem ter uma grande predilecção por este pateo.

— É um lugar muito socegado; ninguem aqui vem.

— Será aqui a prisão do convento?

— Sim; é o antigo calaboiço.

— Estão lá alguns frades?

— Em Solovetsk não ha criminosos.

— Mas ha frades que desertam? Onde está um frade accusado de heresia, recentemente chegado d'Arkhangel?

— Foi enviado para o Deserto, proximo da collina das Vergastadas.

— É um grande castigo?

— Para homens como elle, certamente. Estará só, será obrigado a estar calado, não poderá beber liquidos fermentados. Dentro d'um anno voltará ao convento inteiramente arrependido e convertido.

— Levem-me a essa prisão; tenho uma grande curiosidade em visitar-lhe as cellulas.

— Agora, não póde ser.

— Porque? Tenho estudado todas as velhas prisões e especialmente as ecclesiasticas; poder-lhes-hei dizer a differença que ha entre as de Sevilha, as d'Anvers, as de Roma e as de Solovetsk.

— É prohibido mostral-as.

— É prohibido mostrarem-se cellulas varias! Não lhes disseram que me mostrassem tudo. Ha algum lugar no convento que se deva occultar dos visitantes?

Os dois frades retiraram-se alguns instantes para combinarem emquanto que eu, fingindo uma grande despreocupação, trauteando uma ária qualquer d'uma opera comica, dava de comer aos pombos.

— Decididamente não podemos entrar alli... pelo menos hoje.

— Está bem!

Depois, com um ar muito indifferente, disse-lhes:

— Vamos adeante; amanhã voltaremos aqui... Ah! mas amanhã temos d'ir a Zaet. Não seria melhor visitar já o que ha digno de ser visto n'esta parte do convento?

Os meus *cicerones* foram da minha opinião, que d'este modo se aproveitaria melhor o tempo, disseram, mas havia uma difficuldade: elles não tinham as chaves. Estavam, como todas as outras, na casa da guarda. Os frades fizeram novo conciliabulo. Queriam mostrar-se pouco assustados; toda-

via tremiam com a ideia d'ultrapassar os poderes que tinham. Eu novamente comecei trauteando o mesmo motivo e distribui tão largamente biscoitos esmigalhados aos pombo, que elles abandonaram completamente as frestas gradeadas. Um dos frades decidiu-se por fim a ir ao convento; depois de se ter demorado por bastante tempo, voltou acompanhado d'um official uniformizado e que trazia na mão um farto molho de chaves.

Primeiro seguimos um longo corredor sombrio e subterraneo, ladeado por cellulas muito escuras e vasias. Visitei umas após outras, fazendo aos frades e ao official minuciosas dissertações sobre as prisões subterraneas de Anvers, de Roma e de Sevilha, batendo nas paredes, levando a luz a todos os cantos para me convencer de que alli não estava alguém. Subimos; estavamos no pavimento ao nivel do pateo. Uma sentinella d'arma ao hombro passeava n'uma vasta sala. Aqui, disse eu para mim, deve haver alguém preso que guardam com todos os cuidados. Uma porta, toda cheia de enormes ferrolhos, foi aberta pelo official; entramos n'outro corredor, de que tambem os lados eram abertos por cellulas eguaes em numero e tamanho ás das enxovias subterraneas. Todas as portas estavam abertas, exceptuando uma unica, que estava solidamente fechada e cuja porta era fortemente gradeada com grossas barras de ferro.

— Está alli alguém?

— Não, creio que não; respondeu-me um dos frades visivelmente atrapalhado e interrogando com os olhos o official.

— E' verdade, disse o militar, effectivamente está aqui um prisioneiro.

— Entremos. Supponho que não será prohibido vê-lo.

O official lançou um olhar aos frades e, não lendo na sua physionomia opposição, fez girar a chave na fechadura. A porta guinchou nos gonzos ferrugentos, como se lhe custasse dar-nos entrada. Com este ruido um homem ainda moço, d'estatura elevada, com uma figura marcial accentuada por uma longa barba preta, levantou-se do seu catre, agarrando n'uma manta, que enrolou em volta do corpo quasi completamente nú.

— Como se chama perguntei-lhe eu, pegando na mão do preso.

— Pouschkin, respondeu elle com voz meiga; Adriano Pouschkin.

— Ha quanto tempo está aqui?

— Ha tres annos.

— De que crime o accusam?

N'este ponto o official interveio e obrigou-me a sahir.

— Mas enfim que fez elle? perguntei aos frades já cá fóra.

— Não sabemos, ou por outra o que sabemos nada elucida. Foi condemnado pelo santo synodo. Nega a divindade de Jesus Christo.

Estamos ao pé d'uma outra escada. Subamos e vejamos o resto.

Chegados ao topo da escada encontramos uma outra sentinella na primeira sala d'este andar. Deviam haver, portanto, mais presos. A porta que dá entrada para o corredor estava aberta; aqui ainda estavam todas as cellulas abertas, exceptuando uma. Disseram-me estar habitada por um velho, preso alli havia muito tempo.

— Ha quantos annos?

— E' difficil dizel-o, replicou o frade. Quando a maior parte dos frades, que formam hoje a comunidade, vieram para Solovetsk, já elle cá estava. E' um teimoso; é socegado, mas terrivelmente fallador; despeja sobre qualquer uma catadupa de palavras e ninguem ha que o convença. Muitos dos nossos archimandritas, por compaixão por elle, tem tentado trazel-o a melhor caminho. Nada tem conseguido. E' uma alma de que o espirito do mal se apossou.

— Quem é o preso?

— Um homem rico e de bôa familia; tinha um posto no exercito.

— Sabem-lhe o nome?

— Nunca fallamos n'elle; é prohibido pelas nossas regras. Unicamente rezamos por elle, e bem necessitado está elle d'isso. Mau Russo, peor christão, recusa reconhecer a auctoridade da nossa Santa Igreja.

— Sahe algumas vezes?

— Só no inverno. Podia ir á missa; mas diz que nós não adoramos a Deus como é mister: imagina ter mais sabedoria que o santo synodo. Depois do frio affastar das nossas ilhas os peregrinos permitem-lhe o passeiar sobre as muralhas, acompanhado por um guarda para impedir qualquer tentativa de fuga.

E' aqui, pois, que está o prisioneiro mys-

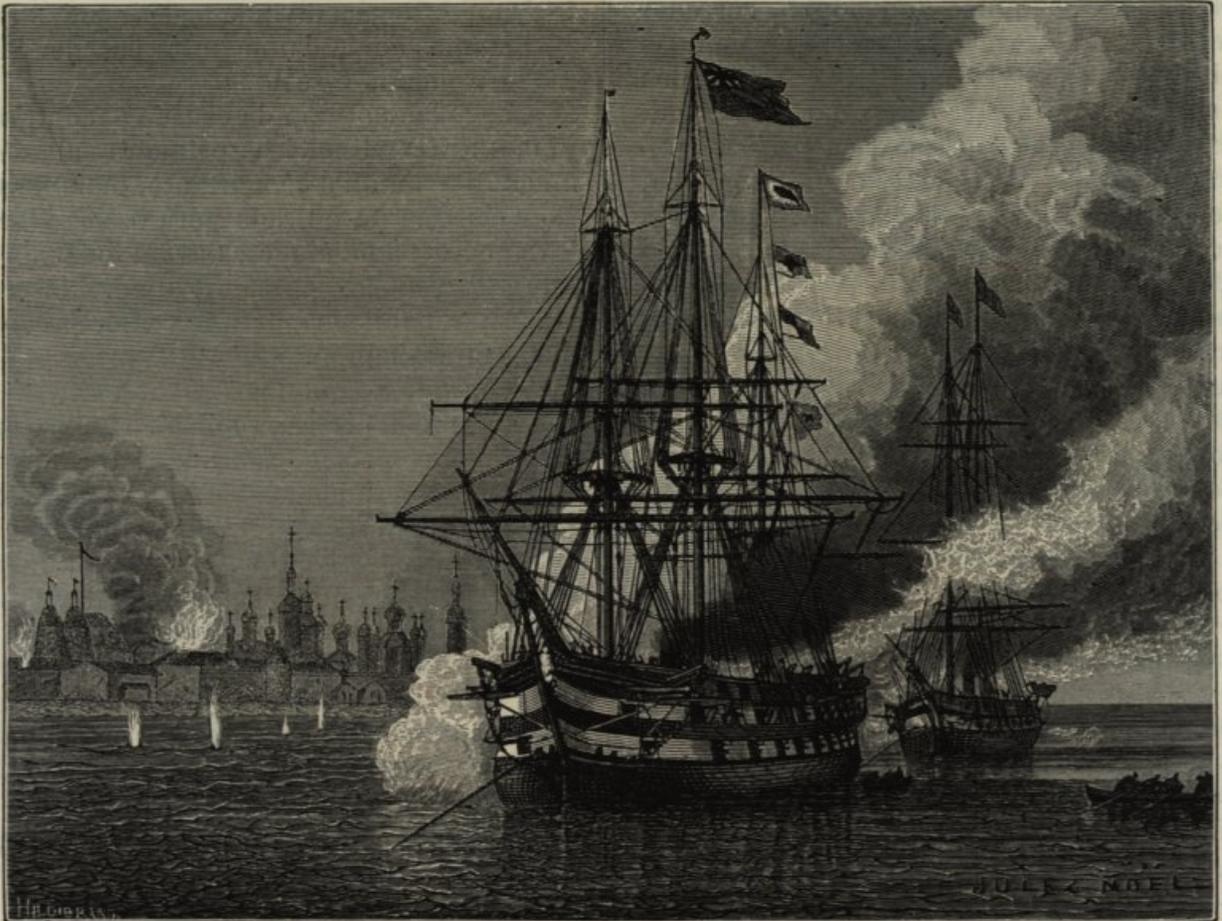
terioso, o espectro das muralhas, o homem que o povo diz ser o príncipe Constantino, e no qual ainda se fundam tantas esperanças.

— Abram-me essa porta?

O tom das minhas palavras pôz em duvida os meus companheiros: se deviam abrir-me a porta, ou ir contar o caso ao archimandrita. Travou-se uma discussão entre o official e os frades; depois de demoradamente

deliberarem, resolveram abrir e entramos na cellula.

Um homem já d'idade, cujo rosto energico e correcto me fez lembrar Kossuth, ergueuse admirado; parecia não estar costumado a ser visitado. Uma pequena meza, alguns livros e uma enxerga eram os unicos moveis d'esta triste morada. Solidas grades defendem a janella, da qual o parapeito está emporca-



BOMBARDEAMENTO DE SOLOVETSK PELA ESQUADRA ANGLO-FRANCEZA EM 1854

Desenho de Jules Noël, segundo uma lithographia russa

lhado pelo excremento das pombas. Sobre a meza ha alguns livros e alguns jornaes; permitem ao preso que receba de fóra estes objectos, mas é-lhe prohibido o mandar, a quem quer que seja, uma unica linha escripta. Na sua cellula nunca houve penna ou lapis. O preso é alto, magro, nervoso; a idade não lhe deu ao corpo a curvatura caracteristica: tudo n'elle faz adivinhar o soldado e o homem bem educado. Envolvendo-se na sua

manta muito velha, veio ao nosso encontro. Um dos frades apresentou-me a elle como um estrangeiro que viera visitar Solovetsk, mas não proferiu o nome do prisioneiro. O desgraçado estendeu-me a mão, sorrindo, e recebeu-me com a elegancia d'um homem de boa sociedade que faz a um hospede as honras da sua casa. Tinha no porte e nas maneiras uma grande distincção; comtudo, não era o grande-duque Constantino, como dizem

os pescadores da Laponia. Depois dos cumprimentos costumados perguntei-lhe como se chamava.

— Ilyin; Niculau Ilyin.

Balanceou lentamente a cabeça e monolo-

gava como quem deseja recordar-se de qualquer cousa. Repeti a pergunta em allemão. Um tenue sorriso lhe deslisou pelos labios; uma lagrima lhe rebentou dos olhos.

— Desculpe-me, senhor, disse-me elle sus-



O PRISIONEIRO MYSTERIOSO DE SOLOVETSK, NICOLAU ILYIN — Desenho de A. Neuville, segundó uma photographia

pirando, já quasi que tudo esqueci, até o uso da palavra.

— Ha já muitos annos que está n'esta prisão?

— Sim; ha muitos annos. Sou um servo de Deus, e, quando Elle quizer, me libertará...

— E' prohibido fallar-se com os presos, disse o official, e eu devo fazer respeitar as ordens.

Um momento depois estavamos novamente no pateo dos Pombos.

(Continúa).

CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(Continuado do numero antecedente)

As tradições dos povos *yoloffs* dizem-nos que elles partiram d'um ponto oriental para se virem estabelecer ao longo do rio do Senegal, de que occupam a margem esquerda. Nada nos pôde fazer suppôr qual fosse a época provavel d'esta emigração.

O Kordofan, onde se encontra um povo negro com uma lingua que parece aproximar-se do *yoloff*, talvez fosse o berço d'esta raça.

Os Gangaris, conhecidos pelo nome de Sarrocoletes ou de Soninkés, vieram igualmente do oriente; muito remotamente fundaram ao norte de Masina um imperio, que tinha Oualata por capital. Nos nossos tempos elles apenas conservaram a sua autonomia na região Galam, chamada Gangara. Teem uma casta guerreira, os *bakiris*, e uma religiosa que forma o grande conselho da nação, os *saybolis*.

Foi pelos tempos da idade media que os Mandingues ou Malinkés se pozeram em movimento; destruíram o imperio *gangari*, repelliram para oeste as outras raças negras e fundaram um imperio, de que Leão, o Africano, faz menção debaixo do nome do Mali.

Os Malinkés são guerreiros. A casta dominante tem o nome de Courbari: Entre os Malinkés é adoptado o culto dos Cabiras.

Mais tarde vêem-se os Bambaras, ramo malinké, desmembrar o imperio Mali e fundar no Jolibaa ou Niger dois poderosos imperios bambaras, dos quaes um teve Djenné por capital e o outro Sego. As suas armas vencedoras chegaram a Kaarta e a Kasson. Já em nossos dias o Foulah Hadji Omar esmagou um d'estes imperios, tomando a capital Sego. O filho d'aquelle, Hamdou, ainda hoje sustenta, contra os diversos elementos que formavam aquella nação, uma lucta de que ainda não se pôdem prevêr os resultados.

Em quanto que os Gangaris e os Bambaras marcharam de éste para o oeste e de sul para o norte, os Galas ou Oromos, vindos do lago Tchad em épocas prehistoricas, dirigiram-se para o norte e éste para invadir a Abyssinia, que desmembraram. A costa

oriental da Africa é muitas vezes assolada por terriveis invasores, conhecidos pelo nome de Wasimba. Julga-se que estes nomadas pertencem á raça galla.

O emigrar dos povos, que habitam o valle do Niger, dirigiu-se, assim como o dos Foulahs e dos Yolofs, d'ête para oeste. Diz-se que o deslocamento d'estes povos foi uma consequencia da expansão do Islam. Os Ashantis conservam algumas tradições, que parecem provar que elles tiveram relações com o antigo Egypto; o estabelecimento d'elles na parte occidental das montanhas Kong é um facto relativamente moderno, não mais antigo do que o decimo segundo seculo.

O vasto systema fluvial que corta a Africa meridional torna as communicações mais facéis do que o são na Africa septentrional. Todavia não possuímos dado algum sobre as emigrações das tribus que habitam aquella parte da Africa, porque nunca ella foi visitada pelos Arabes, a quem devemos os esclarecimentos que temos a respeito do Soudan.

E' impossivel explicar o isolamento dos Hottentotes, fallando uma lingua de suffixa declinavel, estreitamente ligada á lingua *copte*. Em que época abandonaram a Africa do Norte? Seriam repellidos para o sul pelos Cafres? Problemas insolúveis.

V

Mouros senegaleses—Trarzas—Armaduras—Costumes—Gomma—Rebanhos—População do Senegal—S. Luiz—Sua fundação—Descripção—Tripulantes das pirogas—Laptots—Gente de côr—Captivos—Voluntarios guerreiros—Aspecto do rio—Barreira de Lampsar—Jardim de Ricardo Toll—Dagana—Podor—Bracknas—Douaichs—Regimen commercial—Costumes—Guerras do Senegal.

A mais poderosa tribu dos Mouros do Senegal tem o nome de Trarzas ou Abencezarzas; alguns etymologistas querem vêr n'elles os descendentes da tribu dos Abencerages. As familias ou tributarios dos Trarzas espraíam-se, desde Tiris, onde estão misturadas com os Ouled Delim, até ao Senegal.

O Mouro na guerra usa uma espingarda

de dois canos, de pedreneira, arma perigosa, porque o Mouro reserva sempre um tiro para descarregar á queima roupa contra o seu inimigo, se é acossado de perto; o Mouro faz bem a guerra de guerrilhas; aproveita as mais pequenas elevações do terreno para abrigo; em campo raso gesticula e salta para evitar que lhe façam pontaria; um punhal, geralmente bem trabalhado, mas de má tempera, completa o seu armamento.

O Mouro do Senegal tem o craneo bem desenvolvido, a testa arqueada, os olhos á superficie, o nariz aquilino, a bocca larga, os labios delgados, os dentes fortes e bem afiados, o queixo saliente, o pescoço bem desenvolvido; põe a cabeça com altivez, inclinada para traz; o cabello é ondeado e forte; anda ordinariamente de cabeça descoberta, mesmo quando é calvo, o que lhe acontece cedo.

O traje do Mouro compõe-se d'uma tunica comprida ou *koussab*, que lhe cahe até aos calcanhares, debaixo da qual usa uns calções largos apertados no joelho; nunca lava o fato, nem elle mesmo em si emprega tal processo; por isso tambem exhala de si um fétido muito mais repugnante, que o dos pretos; na guerra, ou em marchas, levanta o *koussab*, e caminha de pernas nuas e descalço.

As mulheres teem uma grande delicadeza de fórmas; as mãos e os pés são d'extraordinaria perfeição. Infelizmente estas bellezas naturaes desaparecem depressa debaixo das camadas d'uma gordura excessiva, o que para os Orientaes constitue o typo da formosura.

A tribu dos Trarzas é hoje governada por Ould Mahomet el Habib; as suas principaes familias são; os Rhacla, os Bouïedas, os Azounas; os marabutos são geralmente Berbéres Zenagas.

Os Mouros alimentam-se com cuscus feitos de farinha de milho miudo, de lacticinios e de carne de carneiro; raramente matam bois ou camellos; são gulosos por carneiro estufado, e arranjam este manjar cavando na terra buracos, que enchem de brazas e onde mettem o carneiro depois de estripado; deve ser estufado com a pelle para que a eguaria fique deliciosa.

O principal, producto se não o unico, que o Mouro tem para troca, é a gomma que transsuda do tronco das acacias, que em muita quantidade crescem no deserto.

As florestas das arvores resinosas encontram-se no Sahel (litoral), situado a vinte leguas a éste de Portendick, e no Dubar, que está a vinte cinco leguas do cabo Mirick; uma terceira floresta, Fata, assim como o Tagant, fornece tambem uma grande quantidade de gomma; estas florestas são principalmente exploradas pelos Douaichs.

Depois dos escravos terem colhido a gomma é mettida em saccos e a tribu põe-se a caminhar para o Senegal, onde os preços de venda se discutem com os negociantes; a peça de Guinée azul é a unidade de moeda n'estas transacções.

Os rebanhos são a riqueza dos Mouros do Senegal; compõem-se de camellos, de bois e de carneiros, que são levados de pastagem em pastagem, conforme a estação.

A população da Senegambia compõe-se de tres raças principaes; os Solofs, os Mandingues e os Foulahs.

Os Yoloffs fundaram um estado bastante poderoso, formado de quatro provincias a do Ouallo, Guiolofe, Cayor, Siu e Saloum, onde a raça Yoloff, está misturada com os Serres, que teem uma outra origem; os chefes de provincia eram designados por differentes nomes; a de Guiolofe era governada por um *bourba*, que era o suzerano; a de Ouallo por *brack*; a do Cayor por um *damel*, e Sui e Saloum tinham por chefes os *teigns*.

Uma casta nobre muitas vezes se interpunha entre o chefe e a nação; era a casta dos *tiédos*, no Cayor, que arruinava o paiz com as suas pilhagens. N'estes povos as successões davam-se na ordem collateral; o herdeiro do throno era sempre o filho mais velho da irmã mais velha do chefe. Os Yoloffs tinham quatro castas: os nobres, os *traqs* ou ferreiros, os *oudaï* ou curtidores, os *mouls* ou pescadores; uma grande parte do povo Yoloffs é mahometano. Os *griots* são parias, idolatras, assim como uma parte dos Serrére. Os Yoloffs são de estatura elevada, a testa é arqueada, o nariz aquilino, a pelle negra, os cabellos encarapinhados, o tronco é muito bem constituido; os homens teem geralmente a perna muito secca e os pés chatos: usam por vestuario uma larga tunica, sobre a qual, á altura dos rús, atam uma tanga; nos pés usam sandalias e na cabeça um bonné.

Os Foulahs do Senegal compõem-se de muitas raças; tres familias ou sub-raças são

muito distintas umas das outras: os Torodos, que são d'uma côr muito carregada, parecem ser os aborígenes do Senegal; os Peuls sem duvida é um povo estrangeiro, que seguiram os Yollofs e os Torodos nas suas

emigrações; a côr é parda avermelhada, a testa larga e curva, o nariz pequeno e cartilaginoso. Os cabellos, que são menos encarapinhados que os dos outros negros, trazem-os divididos em pequenas tranças; os labios são



RAPARIGA DE S. LUIZ — Desenho de Emile Bayard, segundo uma photographia

delgados, o rosto oval, os dentes salientes. Vivem em tendas no estado nomada. Geralmente são pastores e fallam uma lingua que tem algumas raizes malaias; os Toucouleurs, de côr mais carregada que os Peuls e menos do que a dos Torodos, podem muito bem ser um producto do cruzamento d'estes dois povos.

O Foulah era primitivamente governado

por chefes militares, chamados *siraticks*; mas ha um seculo que entre elles o poder é electivo: foi confiado aos marabutos, que quando chefes, tomam o nome d'*almamys*; o elemento religioso dominou o elemento militar. É um facto analogo ao que se deu na India, onde os brahmanes usurparam a auctoridade á casta guerreira.

A eleição do *almamy* é feita pelas tribus

Islabéi, Bosséyabé, Diophané, Eléyabei e Delianté; as duas primeiras são as mais influentes. Depois de eleito um candidato por cada uma das tribus, um conselho composto de cinco membros, cada um da sua tribu, nomeia *almamy* o candidato que lhes parece reunir mais qualidades de governante. Este conselho de cinco pôde também depôr o *almamy* quando julgar que os interesses da nação são por elle desprezados.

Depois de por muito tempo terem sido pastores os Foulahs fundaram na Africa central um imperio. Os Foulahs do Fouta-Diallon parecem pertencer ao mesmo tronco dos que habitam o Senegal. O seu systema de

governo é também a theocracia electiva e também o soberano usa do titulo *almamy* (chefe dos crentes). Os chefes fazem preceder o titulo das syllabas *ardo*, distincção usada pela aristocracia d'estes povos.

Os povos da Senagambia são quasi todos musulmanos; os Yolloffs não são fanaticos, mas os Toucouleurs abraçaram o mahometismo com um grande fervor: é d'este povo que sahem os marabutos que prégam ás populações do Senegal e que muitas vezes as fazem revoltar.

Demba-Golock, que foi preso e executado em Embilor em 1829; El Hadj Omar, que convulsionou o imperio bambara de Sego e mor-



CRIADAS ORIUNDAS DO SENEGAL — Desenho de A. Neuville, segundo uma photographia

reu em Handon-Allah, eram Toucouleurs, assim como também o era Maba, que tanto agitou Cayor, Saloun e a Gambia.

A cidade de S. Luiz deve a sua fundação a diversas companhias previligiadas, que se succederam desde 1626 até 1785. Estas companhias fizeram esforços consideraveis para desenvolver o commercio interior e exterior do Senegal. Successivamente construíram o forte de S. José em Makana em 1713, o forte de S. Pedro em Falémé em 1715; alcançaram Portendick em 1717, e em 1724 apoderaram-se d'Arguin. O antigo forte de S. Luiz, que está situado na ilha d'este nome, hoje caserna e armazem, serviu de nucleo á cidade. O palacio do governador, que alli também foi edifi-

cado, está precisando d'urgentes reparações. As ruas da cidade, que foram feitas bem alinhadas e seguindo, tanto quanto possivel, as margens do rio, tinham um nivel tão baixo, que no tempo das inundações ficavam submersas.

Ha alguns annos para cá que se tem feito grandes melhoramentos em S. Luiz: construíram-se caes e levantou-se o nivel das ruas.

Vastos armazens, repletos de mercadorias, ergueram-se sobre os caes, e os navios, ancorados em frente dos armazens, teem toda a facilidade para procederem á carga e descarga. Ha duas pontes que fazem communcar S. Luiz com as terras mais proximas. A ponte de Guet-N'dar é fixa; a que está lan-

çada sobre o grande braço é construído de barcos, o que permite aos navios o poderem subir o rio.

O rio do Senegal lança-se no mar por uma embocadura que o rio cavou através d'uma lingua de terra, chamada Ponta da Barbaria. A barra desloca-se com o fluxo e refluxo das

marés; do largo é difficil o reconhecê-la. Um posto de pilotos experimentados está sempre junto da barra, que diariamente precisa ser sondada. Os navios que demandem entrar não devem callar mais de quatro metros na agua.

(Continúa).

EXPLORAÇÕES GEOLOGICAS E MINEIRAS NAS COLONIAS PORTUGUEZAS

Tão complexo o problema da colonisação e valorisação dos nossos territorios d'Africa, que não serão porventura de todo inúteis quaesquer subsidios que se offerçam para a sua mais conveniente solução.

A todos nós corre o dever de estudar e pensar sobre esta questão importantissima, de expôr as suas ideas e fazer d'ellas propaganda.

Só por esta fórma se poderá chegar a formular um plano, que seja universalmente acceite pelo paiz.

E é isso indispensavel. É preciso que se chegue a uma solução definitiva, que indique de um modo seguro a marcha a seguir por todos, e sirva de base a um systema racional e uniforme de administração colonial.

E quando se chegar a esta indentificação geral de opiniões e a uma perfeita harmonia de acção entre todos os que official ou extra-officialmente podem influir no melhoramento das nossas colonias, estou certo que se conseguirá tudo.

Felizmente esta questão agita actualmente todos os espiritos e desperta no paiz um vivo interesse; e é forçoso confessar que á *Sociedade de Geographia* se deve esse magnifico resultado por que tem sido ella a alma d'esta propaganda e a causa immediata d'este grande movimento; mas, por isso mesmo, cumpre que o nosso trabalho, longe de enfraquecer, se avigore mais na esperança de bom exito.

Possuimos, ha mais de tres seculos, vastissimos territorios em Africa, em cuja sustentação temos dispendido sommas importantes, mas que estão ainda quasi inexplorados, ao abandono em grande parte e n'uma situação economica bem difficil e mesquinha.

Hoje, que todos os paizes europeus se empenham em participar na partilha d'Africa e procuram n'aquelle vasto continente virgem novos recursos para o augmento da sua riqueza, ou temos de caminhar ou havemos de ceder.

O estado actual é insustentavel, por que é altamente nocivo.

É necessario valorisar as nossas colonias, fazer que ellas produzam, que se enriqueçam, e que nos paguem tantos sacrificios que temos feito para o seu desenvolvimento.

Para isso é mister dinheiro e gente; e mais necessario ainda capital do que operarios, por que nos nossos dominios d'Africa o colono, não podendo, pelas condições do clima, substituir-se ao indigena, terá de aproveitar-se sempre do braço do negro.

Até hoje o desenvolvimento das nossas colonias africanas tem sido muito lento e não póde nas circumstancias actuaes activar-se mais.

O decreto de 4 de dezembro de 1861 e o respectivo regulamento de 10 de outubro de 1865, que regulam o modo de concessão de terrenos baldios nas nossas provincias ultramarinas, teve evidentemente por fim fomentar o desenvolvimento agricola d'aquellas regiões. Mas essa lei não produziu os effeitos que naturalmente se esperavam, nem era possivel que os produzisse.

É por aquella lei permittido a qualquer companhia, sociedade ou individuo, obter a concessão, por aforamento, de terrenos baldios em Africa pelo preço, em verdade diminuto, de 10 réis por hectare; mas o processo para a concessão é erigido de tantas difficuldades, de tantas duvidas e demoras que affasta qualquer tentativa séria.